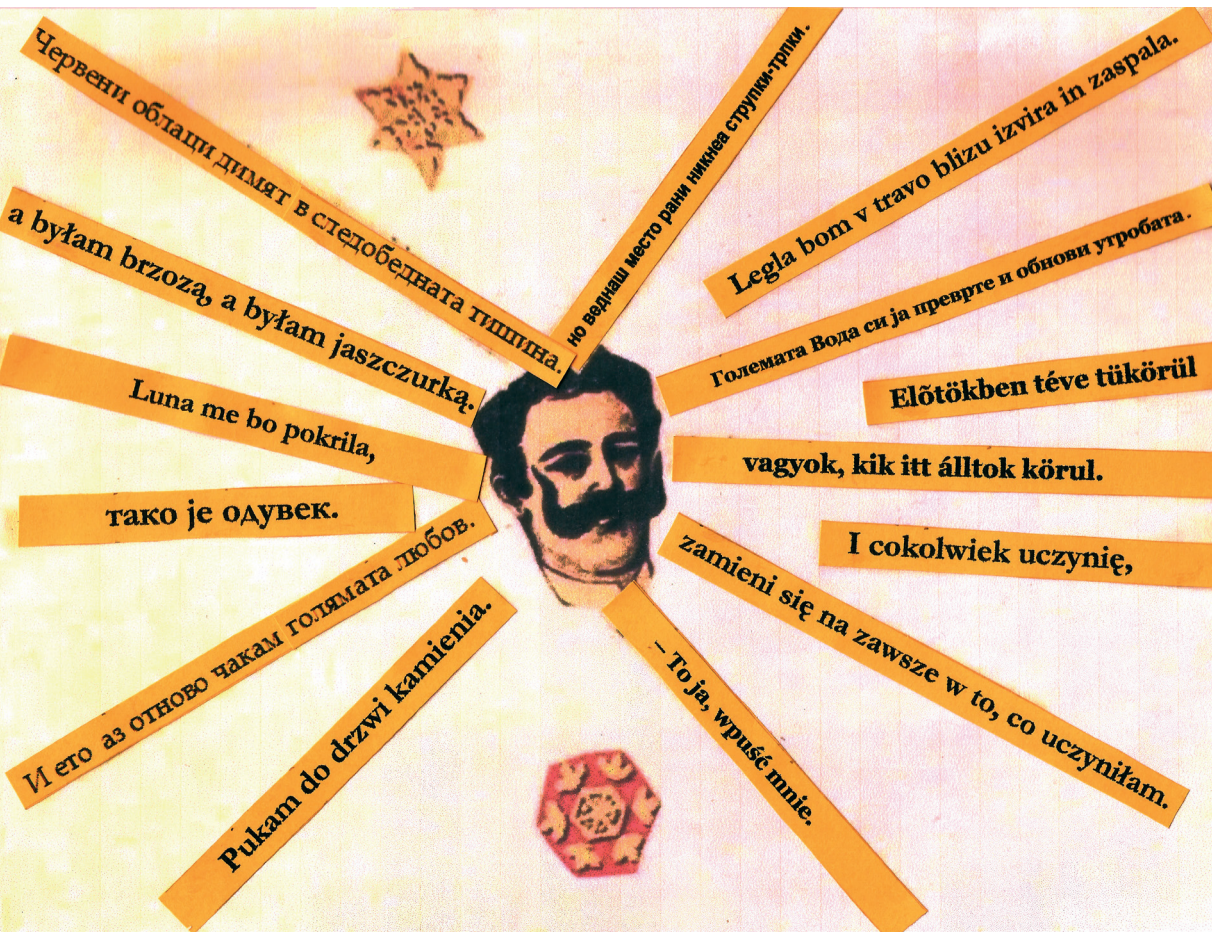


CADERNOS 17

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



Especial 'A outra Europa'

Entrevista com Regina Przybycien

CADERNOS 17

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



USP UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Marco Antonio Zago

Vice-Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan



FFLCH FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Vice-Diretor: Prof. Dr. Paulo Martins

Conselho Consultivo

Adail Sobral	Marco Syrayama de Pinto
Afonso Teixeira Filho	Maria Sílvia Betti
Alípio Correia de Franca Neto	Marie Helene Torres
Andréia Guerini	Marta Pragana Dantas
Dirceu Villa	Maurício Mendonça Cardozo
Germana Henriques Pereira	Maurício Santana Dias
Inês Oseki-Dépre	Nilce Pereira
Kyoko Sekino	Pablo Cardellino Soto
Lauro Maia Amorim	Paulo Henriques Britto
Lincoln Fernandes	Reginaldo Francisco
Márcia Schmaltz	Válmi Hatje-Fagion
Mamede Jarouche	Viviane Veras
Marcelo Paiva de Souza	Walter Carlos Costa
Marcelo Tápia	

Proibida a reprodução parcial ou integral desta obra por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por processo xerográfico, sem permissão expressa do editor (Lei n.º. 9.610, de 19.02.98).

Imagem da capa:

Colagem baseada em um postal (também colagem) originalmente elaborado pela poeta polonesa Wislawa Szymborska. No postal original, enviado a amigos, a Nobel brincava com interpretação de sonhos. Cada tirinha original exibiu uma interpretação engraçada ou irônica, como por exemplo: “Sonhar com escova é presságio de maledicência”. Na colagem atual, a coeditora Telma Franco Diniz substituiu as ‘interpretações’ por versos em diferentes línguas, de poetas originários da “outra Europa”, que figuram neste exemplar. Da esquerda para a direita, em sentido horário, os autores dos versos são: 1) Wislawa Szymborska; 2) Liubomir Lévtchev; 3) Miodrag Pávlovitch; 4) Barbara Korun; 5) Wislawa Szymborska; 6) Liubomir Lévtchev; 7) Bogumil Diúzel; 8) Barbara Korun; 9) Bogumil Diúzel; 10 e 11) versos da canção folclórica húngara “Atingido pelo raio”; 12, 13 e 14) Wislawa Szymborska.”

Todos os direitos desta edição reservados à:

FFLCH/USP
Rua do Lago, 717
Cidade Universitária
05508-080 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 3091-1514 / Telefax: (11) 3091-4589
e-mail: pubffch@usp.br

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional (Lei n.º 1.825, de 20/12/1907)
Impresso no Brasil / Printed in Brazil
Maio 2017

CADERNOS 17

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO

Cadernos de Literatura em Tradução • n. 17 • 1-173 • São Paulo, 2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO • FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Copyright © 2017 dos autores

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Cadernos de Literatura em Tradução / Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas/USP. – n. 1 (1997)- . – São Paulo : FFLCH/
USP, 1997-

Anual.

Modo de acesso: <<http://www.revistas.usp.br/clt>>

ISSN 2359-5388

1. Tradução. 2. Literatura. 3. Poesia. I. Universidade de São Paulo.
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

CDD 418.02

Esta publicação é indexada por GeoDados: Indexador <<http://www.geadados.uem.br>>

SERVIÇO DE EDITORAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

3091-2920/4593

editorafflch@usp.br

Editor Responsável

Prof. Dr. John Milton

Editora convidada

Zsuzsanna Spiry

Comissão Editorial

Álvaro Faleiros, Francesca Cricelli, Gisele Wolkoff, Magdalena Nowinska, Marina Della Valle,
Nilce M. Pereira e Telma Franco Diniz

Coordenação Editorial

Helena Rodrigues – MTb n. 28.840

Projeto gráfico e Diagramação

Marcos Eriverton Vieira

Capa

Acqua Estúdio Gráfico

Revisão

Os autores

Sumário

Apresentação	07
Marilena Vizentin	
<i>Por que os húngaros comemoram o dia 15 de Março?</i>	13
Klady Kinga	
<i>Linguistic and Cultural Asymmetry in Translation from and into Minor Languages</i>	22
Henryk Siewierski	
<i>Nas Trilhas da Escrita Ensaística de Stanisław Lem – anotações do tradutor</i>	38
Claudia Santana Martins	
<i>Vilém Flusser: a tradução como superação de fronteiras</i>	54
Zsuzsanna Spiry	
<i>Presença de literatura húngara traduzida no sistema literário brasileiro</i>	66
Gabriel Borowski	
<i>Bruno, não Franz: a primeira onda da recepção de Ficção Completa do polonês Bruno Schulz</i>	92
Paulo Schiller	
<i>Reflexões sobre o bilinguismo</i>	111

“Psicanálise e Literatura – Imre Kertész e o desterro humano”

Sarolta Kobori	
<i>O Nobel de Literatura do húngaro Imre Kertész – contextualização histórica.....</i>	118
Paulo Schiller	
<i>Imre Kertész e o desterro humano.....</i>	125
Aleksandar Jovanović	
<i>Cinco poetas da Europa Centro-Oriental: forja mágica de metáforas e temas</i>	130
Paulo Chagas de Souza	
<i>Expresso Noturno, de Sławomir Mrożek.....</i>	150
Bronisława Altman Mello	
<i>Entrevista com Regina Przybycien: Debruçando-se sobre o mistério.....</i>	157
Colaboradores.....	170

Apresentação

Zsuzsanna Spiry

O leitor pode estar se perguntando, mas qual é a relação entre literatura e história política? De que “outra Europa” está se falando aqui? No prefácio intitulado “Europa, pois é, Europa” que escreveu para o livro de Aleksandar Jovanović – um dos colaboradores desta revista – *À Sombra do Quarto Crescente* [Ed. Hutech, 1995], Nelson Ascher nos conta que se trata da parte do continente “submersa em tiranias, genocídio, ruínas, pobreza e barbárie”, uma imagem muito distante da aparente “ilha de tranquilidade próspera” com que a Europa era vista até um passado não muito distante. O ensaísta conta que nem o nome dado àquela porção do globo – Europa Centro-Oriental – deixava de suscitar discussões, devido a uma de suas características básicas: trata-se de uma região cujas fronteiras são mutáveis e ariscas, e como consequência, nem a documentação de vários daqueles povos foi registrada em uma única língua quando tomada a perspectiva, por exemplo, dos séculos XIX e do XX.

O estudo de países como a (ex)Iugoslávia e a Hungria, a Polónia, a (ex) Tcheco-Eslováquia e a Romênia, a Bulgária e as nações bálticas pressupõe, portanto, além de um domínio de seus idiomas – e não existe por lá um povo cuja documentação, dada uma perspectiva de um ou mais séculos, esteja escrita numa única língua –, uma familiaridade aprofundada com seus subentendidos e entrelinhas, com seus “double-entendres” e “newspeaks”. [Ascher in Jovanovic, 1995]

Vemos, pois, que pensar em literatura, e mais ainda, em tradução literária dessa região implica, necessariamente, em também pensar em sua história política. Senão correremos o risco de cair nas armadilhas dos *double-entendres* (duplo sentido) e dos *newspeaks* (*linguagem eufemística e ambígua usada principalmente pela propaganda políti-*

ca). E o ensaísta vai mais longe, nos informando que apesar dessa *outra Europa* ter produzido uma literatura instigante em suas línguas nativas, com suas catástrofes regionais e nacionais esmiuçadas em romances, dramas e poemas, a maior parte dessa literatura somente começou a chegar aos leitores ocidentais nos anos 1960, através dos dissidentes que despertaram interesse suficiente para que as barreiras idiomáticas que essa *outra Europa* impunha fossem transpostas e suas obras comesçassem a ser traduzidas para outras línguas ocidentais.

Do ponto de vista migratório, o período destacado por Ascher deve ter sido suficiente para que os próprios dissidentes, que deixaram seus países de origem em torno da 2ª Guerra Mundial, comesçassem a dominar as línguas de seus novos países de adoção e, com isso pudessem eles mesmos publicar obras suas ou produzir traduções de clássicos de seus países de origem.

Continuando sua argumentação, o crítico então conclui que foi assim que um polonês em 1980, um tcheco em 1984, um húngaro em 2002, um iugoslavo em 1961, um servo-croata em 1989, uma romena em 2009, um búlgaro em 1981 e uma polonesa em 1996 receberam o mais alto reconhecimento literário e foram laureados com o Prêmio Nobel de Literatura. Essa *outra Europa*, tão rica em questões linguísticas e de tradução, de exílios e de deslocamentos, dos mais diversos, também produz alta literatura.

Devido à significância dos eventos históricos para a temática desta edição especial de os *Cadernos de Literatura em Tradução*, pensamos que o leitor iria gostar de lembrar determinados fatos históricos que além de terem contribuído com, também precipitaram as manifestações literárias de vários povos da Europa Centro-Oriental. Assim, nossa edição começa apresentando um estudo histórico do movimento nacionalista húngaro de 1848, que apesar de ter eclodido na esteira de vários outros levantes semelhantes que varreram a Europa na primeira metade do século XIX, teve características próprias, inclusive na questão literária. É o que nos conta em sua lúcida narrativa Marilena Vizentin, que prontamente atendeu ao nosso convite para publicar o seu estudo.

De que maneira traduções de ou para línguas minoritárias encaram a domesticação e/ou a estrangeirização é analisado por Kinga Klaudy, que faz uma triangulação entre duas línguas majoritárias – inglês e russo – em face da uma língua minoritária – o húngaro – com o exame de várias obras húngaras traduzidas para elas, ou de várias obras canônicas traduzidas tanto do russo como do inglês para o húngaro. Traumatizados pelo longo domínio soviético no país, raros são os húngaros que depois do final daquele triste episódio histórico continuaram a estudar a cultura antes lhes imposta à força. Klaudy Kinga, ao contrário, tirou

proveito acadêmico de seu conhecimento, que aqui coloca à disposição do leitor interessado na reflexão teórica da tradução. Inusitado o leitor brasileiro ter acesso à análise comparativa entre estruturas linguísticas do húngaro versus o russo e o inglês, e vice versa, em traduções literárias.

Enfrentar o desafio de traduzir o aclamado polonês Stanislaw Lem, um dos grandes escritores de ficção científica do mundo, que além disso é um mestre do gênero ensaio, requer coragem, para dizer o mínimo. Pois essa tarefa é encarada com galhardia por Henryk Siewierski, que traz em seu currículo não somente uma longa experiência como professor e tradutor tanto na Europa como no Brasil – fruto da dissidência acima mencionada –, mas também o de fundador da revista *Aproximações*, publicada simultaneamente em Lisboa e em Brasília, que no final dos anos 1980 tinha em seu bojo o mesmo objetivo que esta revista, isto é, aproximar do leitor de língua portuguesa a literatura daquela parte da Europa.

Conterrâneo de Siewierski, Gabriel Borowski faz o caminho inverso. Desde a Polônia examina a recepção brasileira de Bruno Schulz, um escritor polonês cujo estigma é ser constantemente comparado a Franz Kafka. Borowski discute o processo de construção da imagem do autor na cultura de chegada e de que modo o tradutor pode influenciar na desvinculação da imagem do autor desse seu estigma.

A relação da tradução dentro da obra do checo Vilém Flusser foi objeto de pesquisa de mestrado de Cláudia Santana Martins, posteriormente lançado em livro pela editora Humanitas. Aqui no Caderno, a autora reescreve e adapta alguns tópicos desenvolvidos em seu livro, já que Flusser é um exemplo modelar de autor dissidente da Europa Centro-Oriental. Em seu estilo claro e agradável, apesar de erudito, Martins vai desvendando os meandros históricos não só do pensamento flusseriano, como também os caminhos por ele trilhados, às vezes forçado mais pelos desígnios dos eventos históricos do que pela sua própria vontade.

Examinando um caso específico – a presença da literatura húngara traduzida no Brasil – Spiry nos apresenta um modelo de análise que também pode ser aplicado ao estudo da literatura traduzida de outras línguas minoritárias, já que parte de conceitos universais enunciados por Antonio Candido para a determinação da presença de um sistema literário em outro, via tradução. No final conclui que somente quando se apresentou o interesse específico de um grupo de leitores em especial é que se criaram condições para que a literatura húngara se fizesse presente no Brasil, de maneira mais palpável.

Não foi unicamente a fama literária alcançada com o Prêmio Nobel de 2002 que fez com que a obra do húngaro Imre Kertész assumisse uma posição de

destaque no sistema literário brasileiro. A temática apresentada em sua literatura de testemunho – Kertész é um sobrevivente do Holocausto e sua obra reflete a condição humana dela advinda –, aliada a um estilo marcante, além de alcançar um público específico entre os demais sobreviventes do Holocausto, transformou sua obra em objeto de pesquisa no Instituto de Psicologia da USP. O lançamento do livro “Imre Kertész e o desterro humano” de José Alberto Cotta et alii, pesquisador do Instituto, foi acompanhado de um ciclo de palestras em outubro de 2015. No artigo “Psicanálise e Literatura – Imre Kertész e o Desterro Humano” apresentamos duas das palestras daquele evento: Sarolta Kobori examina os antepassados históricos do povo húngaro e de que forma aquele passado heróico contribuiu com o perfil do povo húngaro na atualidade, e o psicanalista Paulo Schiller, tradutor de Kertész e de outros grandes nomes da literatura húngara contemporânea, compartilha os desafios que se enfrenta durante a tradução de obras desta envergadura.

Em outro texto, o tradutor de Kertész reflete sobre sua condição de bilíngue e as questões próprias de se traduzir de uma língua aglutinante como a húngara. A volumosa quantidade de declinações existentes na língua – 17 casos – permite às palavras estarem presentes em diferentes posições na frase, sem prejuízo de seu significado. Um recurso do qual se valem os escritores húngaros para tornar sua literatura extremamente versátil, mas que impõe ao tradutor enfrentamentos altamente desafiadores.

Na seção traduções, tem-se uma amostra de como as questões discutidas ao longo deste Caderno se apresentam em poesia. No artigo assinado por Aleksandar Jovanović, depois de abordar aspectos que considera relevantes na história dos países e autores que vai traduzir diretamente das línguas originais, o autor nos brinda com a tradução direta da poesia de cinco escritores: um macedônio, um búlgaro, uma eslovena, um polonês e um sérvio. Com muita propriedade, já que é um caso de bilinguismo raro aqui no Brasil,¹ depois de discutir alguns princípios teóricos que norteiam sua linha tradutória, Jovanović demonstra por que a *outra Europa* produziu também vários prêmios Nobel de Literatura. A sua amostra poética deixa um gosto intenso de “quero mais” nas mentes sedentas por boa poesia.

1 Jovanović é filho de mãe húngara e pai sérvio; nasceu e cresceu na região que hoje se chama Voivodina mas que originalmente era a cidade húngara de Szabadka, depois incorporada à extinta Iugoslávia, mas que atualmente pertence à Sérvia; aprendeu e praticou as duas línguas, húngaro e servo-croata, dentro de casa desde a infância. Chegou ao Brasil já adolescente, mas jovem o suficiente para adquirir domínio de nativo sobre a língua portuguesa.

É novamente Nelson Ascher quem assina o prefácio da tradução do livro de István Örkény, publicado pela Editora 34 sob o selo “Coleção LESTE” e traduzida diretamente do húngaro pelo poliglota Aleksandar Jovanović. Ao nos darmos conta da realidade descrita no texto de Ascher, entendemos o interesse de Paulo Chagas de Sousa pelo estilo de conto que traduziu para este Cadernos. Estudioso de línguas, Paulo Chagas domina várias línguas dessa *outra Europa*, não somente o polonês do conto que traduziu para esta edição, mas também o húngaro.

Até o final da Primeira Grande Guerra, a maior parte da Europa Centro-Oriental pertencia a dois impérios, o russo e o austro-húngaro. Ambas as construções políticas eram tão intrincadas, tão carregadas de contradições e contra-sensos, que não chega a causar espanto o fato de tantos autores modernos dessa região terem se dedicado a uma literatura do absurdo ou do grotesco. Essa tendência, celebrizada, por exemplo, pelo cidadão de Praga Franz Kafka ou pelo romeno Ionesco, reforçou-se ainda mais na medida em que as mudanças históricas subsequentes patentearam que, nessa “outra” Europa, todos os tipos de desvario eram mesmo autóctones. [Ascher, Coleção LESTE]

Espera-se que este estranho casamento, não corriqueiro para o leitor brasileiro, da literatura dessa *outra Europa* alavancada por sua história turbulenta, ofereça uma experiência instigante e que seu gosto de “quero mais” seja um convite para aventuras mais profundas.

Como este pedacinho do globo produziu tantos laureados com o Nobel de Literatura, é com natural satisfação que a nossa Cadernos sobre a outra Europa traz uma entrevista focada na obra da laureada de 1996, a polonesa Wislawa Szymborska. Aprofundando-se na pesquisa da obra da Nobel, assim como na obra da sua tradutora no Brasil, Regina Przybycien, a tradutora Bronislawa Altman Mello conduz a entrevista com um letramento diferenciado e com a cumplicidade de quem conheceu, na própria carne, as nuances históricas e literárias da Polônia de sua infância e de seus ancestrais. Assim como muitos dos colaboradores desta edição da Cadernos, a entrevistada Regina Przybycien carrega no sangue uma herança cultural que, já na maturidade, falou mais alto e a fez desejar criar uma ponte cultural entre a língua de seus antepassados e os amantes de poesia no Brasil. Com isso, enveredou pela tradução de Szymborska. Graduada no Brasil em Letras e mestre e doutora em Literatura, tal como muitos imigrantes ou filhos de imigrantes, ao refletir sobre as indispensáveis negociações entre o polonês e o português, Regina o faz com alma culta de especialista em uma terceira Literatura,

a inglesa, que ensinou durante anos em universidades aqui no Brasil. Esta tríplice base de sustentação torna suas agradáveis reflexões uma leitura indispensável para os amantes da arte tradutória e da literatura.

Para encerrar, gostaríamos de destacar a contribuição de Nelson Ascher aos estudos literários dessa *outra Europa*, haja vista o número de vezes que nos referimos a ele somente neste editorial. Não à toa que a Hungria lhe outorgou o prêmio literário Balassi Bálint, um prêmio anual que visa reconhecer o trabalho de tradutores internacionais na disseminação da literatura daquele país pelo mundo afora. Na imagem a seguir, a cerimônia de outorga do prêmio, em 14/02/2017, quando Ascher é saudado por Pál Ferenc no salão Goblin do elegante Hotel Gellért na capital Budapeste.



(14/02/2017) Nelson Ascher é saudado por Pál Ferenc, durante a cerimônia de entrega do prêmio literário Balassi Bálint. Salão Goblin, Hotel Gellért, Budapeste, HU.

Por que os húngaros comemoram o dia 15 de Março?

Marilena Vizentin¹

A Primavera dos Povos

A primeira metade do século XIX ficou marcada pelos ideais liberais e pelos movimentos de renascimento nacional herdados da Revolução Francesa de 1789, tendo se espalhado rapidamente tanto pela Europa como pela América. Com o objetivo de conter esses ideais transformadores, as coroas russa, austríaca e prussiana reuniram-se em 1815 no Congresso de Viena e formaram uma espécie de coligação denominada Santa Aliança, cuja intenção era restaurar a ordem vigente anterior a 1789. Queriam, nesse sentido, restaurar o Antigo Regime, que por sua vez se caracterizava pelo absolutismo monárquico, pelo mercantilismo e pela interferência do Estado na economia. Nessa ocasião, comprometeram-se a auxiliar militarmente todas as monarquias que tivessem sua autoridade ameaçada de alguma forma. Esse projeto, todavia, não foi capaz de deter a onda revolucionária que tomaria conta da Europa em 1848.

Nesse período ocorre também uma crise agrícola que atinge todo o continente, provocando a elevação súbita dos preços e, conseqüentemente, a redução da capacidade de consumo de produtos manufaturados, relegando à miséria grandes setores da população. A queda do consumo motivou então a demissão de operários nos centros urbanos, e isto os levou, juntamente com os membros do campesinato, a exigir melhores condições de vida e de trabalho. Ocorre assim uma série de revoltas contra o regime monárquico que prepara o terreno para os acontecimentos de 1848.

1 Mestre em História Econômica pela FFLCH-USP e editora na Editora da USP.

Também chamada de Primavera dos Povos – por ter marcado o despertar das nacionalidades – esses levantes eram locais e não havia uma coordenação entre eles. A partir de Paris, tiveram rápida propagação nos grandes centros urbanos, tendo sido liderados, em sua maior parte, por reformadores, membros da classe média, intelectuais e trabalhadores, que ansiavam por representação política.

Apesar de seus ideais românticos e da luta em favor de uma sociedade mais justa, a Primavera não conseguiu transformar definitivamente a Europa. Em sua maior parte, as revoltas foram controladas em menos de um ano, e as mudanças sociais a que tanto ansiavam acabaram sufocadas pela emergente segunda revolução industrial e por uma tênue calmaria política e econômica. Demonstraram, no entanto, a nova articulação política que estava sendo engendrada e abriram caminho para a unificação de muitas nações, a exemplo da Itália e da Alemanha. É a partir desse momento que a sociedade burguesa tem alguns de seus princípios assegurados, tais como a igualdade civil, o acesso a cargos públicos, o fim dos privilégios de ordem feudal e o estabelecimento de novas instituições jurídicas. Por fim, essas revoluções demonstraram o potencial de mobilização das classes trabalhadoras em torno de seus interesses e de seus projetos políticos. Os regimes autocráticos teriam sobrevida ainda até o início da Primeira Guerra Mundial, quando a ordem estabelecida em Viena finalmente implode.

A Hungria na Primeira Metade do Século XIX

A Hungria da primeira metade do século XIX pertencia ao império austríaco, sendo governada diretamente de Viena a partir de assembleias gerais. Nenhuma assembleia dessa natureza, no entanto, foi realizada entre 1815 e 1825, de modo que as reivindicações nacionais húngaras foram impedidas de ser discutidas nesse período.

Entre 1825 e 1827 há finalmente a convocação de uma assembleia, que extingue os recrutamentos e os aumentos arbitrários de impostos e incentiva o uso da língua húngara nos meios oficiais da Hungria. Mas é apenas na assembleia de 1832-1836, sob a liderança do conde István Széchenyi, que a independência em relação a Viena aumenta: progridem a liberdade religiosa, os direitos civis e o emprego da língua húngara, ao mesmo tempo que são mais intensamente defendidos os interesses econômicos. Essas reformas não significam efetivamente uma ruptura em relação aos Habsburgos – especialmente se se levar em consideração que seus representantes eram, em sua maioria, membros da nobreza e que estes procuravam, em alguma medida, defender seus próprios interesses. O fato de um

membro da aristocracia como Széchenyi estar à frente de propostas que favorecessem a população em geral configura-se, portanto, como um grande avanço social.

István Széchenyi era um reformista liberal moderado e considerava um exemplo os países desenvolvidos da Europa ocidental. Depois de uma visita à Inglaterra, fez muito pela introdução dos métodos econômicos e técnicos lá observados na Hungria. Fundou, entre muitas outras instituições, o Museu Nacional, a Biblioteca Nacional e a primeira Academia de Agricultura, tendo sido um grande incentivador e promotor da navegação do Danúbio e da industrialização, além de autor de muitos livros sobre bancos, crédito e indústria. Para ele, a transformação do país só seria possível se houvesse, necessariamente, o fim do direito de sucessão medieval e a extinção da servidão camponesa. Ele defendia que o progresso passava pela igualdade dos deveres cívicos e pelo pagamento de impostos por parte da nobreza, e não pela sublevação social ou pela demagogia nacionalista.

Na esteira das inovações industriais, das construções, dos projetos ferroviários e trabalhos de infraestrutura que grassavam na Hungria nessa primeira metade do século XIX, há também um grande incentivo às associações de cidadãos e o florescimento de uma nova geração de escritores e artistas engajados na causa nacionalista, atrelada à recente renovação da língua e da literatura húngaras. Aqui podemos citar, a título de exemplo, Ferenc Kölcsey, deputado, pensador político e poeta, que em 1823 escreveu os versos do “Hino Nacional” (“Himnusz”), assim como Mihály Vörösmarty, poeta, tradutor de Shakespeare para o húngaro, autor dramático e de vários dicionários húngaros, que em 1836 compôs uma “Ode à Nação” (“Szózat”). Estes intelectuais abriam caminho, por sua vez, à geração de um Sándor Petőfi, importante poeta da revolução.

Lajos Kossuth, por sua vez, pertencia à baixa nobreza, era advogado e jornalista e um veemente crítico do império austríaco. Desde o início dos anos de 1840 reivindicava, junto com seus partidários, autonomia econômica e política para a Hungria dentro do Império Habsburgo, a libertação dos servos, a abolição dos privilégios da nobreza, o reconhecimento da igualdade de direitos da propriedade civil e a criação de uma indústria nacional independente, ou seja, defendia o início da transformação burguesa. Opôs-se a Széchenyi em muitos momentos porque acreditava que o progresso em si não levaria à liberdade nacional. Para ele, isso seria conquistado apenas através da democracia, da cultura, da educação e da administração húngaras, o que ia de encontro às aspirações da população em geral. Ele é, então, o primeiro a conduzir uma política das massas populares, tendo sido considerado, após sua capitulação, como um herói da liberdade.

1848, o Ano das Revoluções

Depois de Palermo e Nápoles, a revolução estoura em Paris em 23 de fevereiro, ocasionando a queda de Guizot, a abdicação de Luís Felipe e a proclamação da segunda república francesa. Em 13 de março a revolução eclode em Viena, seguida pela Alemanha e daí atinge a Hungria.

Estimulados pelas notícias sobre essas insurreições, os liberais húngaros desencadeiam a rebelião nacional. Kossuth passa à ofensiva política na assembleia em Viena e encontra respaldo imediato entre os intelectuais de Pest, onde à época estão localizados a universidade, as gráficas, os cafés e a maioria das instituições culturais. No dia 14 de março, Sándor Petőfi elabora a célebre “Canção Nacional” (“Nemzeti Dal”), um apelo contra a dominação austríaca, enquanto József Irinyi redige a “Reivindicação da Nação Húngara”, os famosos “Doze Pontos”, que compreendem o essencial do programa de Kossuth e as ideias dos radicais de Pest.

Juntamente com um grupo de estudantes, jornalistas e nobres progressistas, os revolucionários tomam as ruas de Pest e libertam da prisão militar austríaca o escritor Mihály Táncsics, porta-voz das reivindicações camponesas. Depois, imprimem o poema e os “Doze Pontos” sem a autorização da censura (o dia 15 de março é considerado, inclusive, o dia da liberdade de imprensa na Hungria) e se reúnem em frente ao Museu Nacional. Dali se dirigem à Assembleia Municipal em Buda, na outra margem do Danúbio, seguidos por grande multidão. O “Nemzeti Dal” é então declamado e são apresentados os “Doze Pontos”, os quais, entre outros, exigem: a liberdade de imprensa e a abolição da censura; a instituição de um governo húngaro independente em Buda e Pest; a convocação de uma assembleia nacional anual; a igualdade civil e religiosa perante a lei; a criação de um exército nacional; a contribuição igualitária de encargos públicos; a supressão dos direitos senhoriais sobre a terra; a criação de um banco nacional; a libertação dos presos políticos e a união com a Transilvânia.

O governo austríaco, sob pressão e ainda abalado pela recente revolução em sua própria capital, ratifica as leis mais importantes da assembleia húngara, sancionadas posteriormente em abril (e que ficaram conhecidas como as “Leis de Abril”), e aceita a formação do governo húngaro sob a presidência do conde Lajos Batthyány, tendo Kossuth como ministro das finanças e Széchenyi na pasta dos trabalhos e transportes públicos. A Hungria passa então a ser uma monarquia parlamentar, governada por um ministro designado e regida pelo imperador da Áustria. Em maio, a Transilvânia proclama sua reunificação junto à Hungria e, em julho, é aberta a primeira assembleia nacional húngara, seguida de eleições gerais.

Concomitantemente, as minorias nacionais começam a fazer suas próprias reivindicações, pois se sentem ameaçadas diante do poder concedido aos húngaros a partir das Leis de Abril. Passam, então, a exigir o mesmo nível de autonomia em relação à Hungria. Não havia, no entanto, disposição por parte dos liberais húngaros em atendê-las, pois isso significava renunciar a uma concepção de Estado unitário e em conceder-lhes autonomia territorial. Os reformadores acreditavam que a libertação dos servos e os direitos civis acordados sem discriminação étnica e religiosa bastariam para resolver o problema das minorias, que, todavia, seguem cada vez mais conscientes de sua identidade.

Às vésperas da revolução, a Hungria contava com cerca de catorze milhões de habitantes. O país havia, portanto, superado o déficit demográfico após a ocupação turca entre os séculos XVI e XVII, mas mais da metade de sua população era composta de etnias não magiars. É importante lembrar que, durante os duzentos anos dessa ocupação a Hungria teve a maior parte de sua população dizimada ou escravizada. Quando ela é libertada com o auxílio dos Habsburgos, é considerada como uma província conquistada, que a coroa austríaca repovoava de maneira desordenada, incentivando a ocupação das terras por alemães, romenos, eslovenos etc. Em 1848, portanto, a etnia húngara representava 41,5% da população, enquanto 19,3% eram romenos, 24,4% eslavos e 11,6% alemães. Mas o problema das minorias nacionais não se restringe apenas à questão da língua em si, havia ainda a serem considerados os aspectos jurídicos, econômicos, escolares, culturais e religiosos. A concepção dos reformadores húngaros de um estado em que a língua húngara era a oficial, e onde uma política de assimilação era fundamental, não agradava aos intelectuais e defensores da autonomia das nacionalidades. Por isso começam a surgir inúmeros atritos com os sérvios, croatas, eslováquios, tchecos, romenos etc., todos insatisfeitos com a húngarização proposta.

Guerra Nacional

Isso acabou resultando em uma insurreição das forças croatas, sérvias e romenas, pois elas não estavam dispostas a aceitar a ascendência magiar e contavam com o apoio, ainda que velado, do império austríaco, a essa altura arrependido do acordo firmado com a Hungria. Eles se voltam então contra os húngaros e exigem o separatismo. Diante disso, o governo húngaro organiza um exército nacional, compra armas e equipamentos e intensifica a propaganda patriótica. Em 11 de setembro a Croácia invade a Hungria, mas é detida pelas forças húngaras perto de Pákozd, Széchenyi é vítima de um colapso nervoso que o obriga a se retirar

da política definitivamente e, em 2 de outubro, Batthyány demite-se do cargo de presidente, deixando o governo da Hungria nas mãos um comitê de defesa, que tem Kossuth como liderança. Nesse ínterim, Viena tenta dissolver o parlamento húngaro, mas todas suas decisões são declaradas nulas pela assembleia húngara. Além disso, em dezembro Fernando V abdica do trono austríaco em favor de Francisco José I, que rejeita em definitivo o pleito húngaro de autonomia e começa a juntar forças para reunificar seu império.

Até a primavera de 1849 a guerra segue sem nenhuma vantagem decisiva para qualquer um dos lados. Em janeiro Buda e Pest são evacuadas e caem nas mãos do exército imperial, levando a assembleia nacional a refugiar-se em Debrecen. Em fevereiro, Viena ganha uma batalha em Kápolna e antecipa sua vitória, abolindo as leis de 1848 e subordinando novamente a Hungria ao seu governo. Não bastasse isso, o incipiente governo húngaro tem de lidar com seus dissidentes internos, partidários da não continuidade da guerra e, inclusive, da deposição de Kossuth. A única alternativa então é a proclamação da independência da Hungria, em meados de abril de 1849. Reunida em Debrecen, a assembleia nacional aceita a promulgação por unanimidade e elege Kossuth como presidente.

Durante toda a primavera as forças húngaras combatem as austríacas, até conseguir libertar Buda e o governo poder reinstalar-se na capital. Nesse momento, Francisco José apela para o Czar Nicolau I, no contexto da Santa Aliança definida no Congresso de 1815, e este ordena a invasão da Hungria pelas tropas russas em junho. O governo húngaro instala-se então, novamente, fora da capital, desta vez em Szeged, ao sul do país. Dali, Kossuth envia emissários diplomáticos a Londres e a Paris, na tentativa de ter a independência da Hungria reconhecida internacionalmente, mas não é bem-sucedido. Tanto a Inglaterra quanto a França estavam mais interessadas no fortalecimento do império austríaco e não em seu desmembramento, pois era, justamente, o que havia entre eles e o império russo. É em Szeged também que, pela primeira vez em toda a Europa, são finalmente reconhecidos os direitos das minorias nacionais. Elas podem agora usar sua língua materna no âmbito da administração local, perante os tribunais, nas escolas primárias e na vida comunitária. Essas medidas, no entanto, foram promulgadas demasiado tarde, quando não havia mais como influenciar o desenrolar dos acontecimentos.

Com o avanço do exército russo os húngaros são derrotados no início de agosto de 1849 em Temesvár. Kossuth transfere seus poderes para um de seus generais e se refugia na Turquia. Mais tarde, exila-se nos Estados Unidos, onde promove uma campanha em prol da independência da Hungria. Segue depois

para Istambul, instalando-se, por fim, em Turim, onde vem a falecer em 1894. Reconhecendo que o confronto com as minorias étnicas teria sido o maior erro da revolução, passou a pregar a noção de uma confederação danubiana multiétnica, que nunca se concretizou.

Em 13 de agosto de 1849, o conselho de guerra decide depor suas armas diante dos russos em Világos e, em outubro, são executados em Arad treze chefes do exército húngaro, assim como o antigo presidente, Lajos Batthyány, e inúmeros outros militares e civis.

Depois da derrota, a Hungria é tratada como país conquistado, submetida à autoridade de um governo militar e depois administrada pelo ministro do interior, Alexander von Bach, que coloca em andamento uma política de germanização por meio de uma censura rigorosa, da repressão das associações civis e da introdução de códigos penais e civis austríacos. Até 1865 os húngaros farão uma resistência passiva a Viena, quando Ferenc Déak inicia um diálogo para a restituição das liberdades constitucionais. O resultado dessa negociação deu origem, em 1867, ao compromisso austro-húngaro, que estabeleceu a monarquia dual da Áustria-Hungria. Esse compromisso garantia maior autonomia à parte húngara, mas um governo comum ainda seria responsável pelo exército, pela marinha e pela política externa do império. Esse acordo perdurou até a Primeira Guerra Mundial, quando o império Habsburgo deixa de existir.

Conclusão

O legado mais significativo das revoluções de 1848 foi o fim do Antigo Regime. A abolição da servidão, do sistema feudal e de outras instituições senhoriais dispensou os camponeses de suas obrigações para com os senhores, abrindo um novo capítulo na história da Europa moderna. Elas marcaram também o início da política de massa e foi durante este período que floresceu a política nacionalista, moldando os acontecimentos da Europa nos anos subsequentes e dando lugar ao surgimento de vários países.

Na história da Hungria, os eventos de 1848-1849 representam um divisor de águas. As demais revoluções europeias tenderam a ser fenômenos citadinos e com reivindicações pontuais, por isso mesmo rapidamente controladas, enquanto na Hungria houve uma grande mobilização de vários setores governamentais e da sociedade. Foi o único país a ter uma revolução que implica uma independência total em relação ao império austríaco. Apesar da radicalização do nacionalismo, que levou a uma fratura interna e à sua conseqüente derrota, hoje o 15 de março

é comemorado pelos húngaros como um dos três feriados nacionais, e representa sobretudo o combate pela soberania do país e pela união nacional.

No âmbito da língua e da literatura, este é um dos períodos mais profícuos da história da Hungria. Os representantes do romantismo nacional recordaram o passado heroico do país, espalhando o ideal de liberdade e alargando os horizontes nacionais para as perspectivas europeias. Após a capitulação, foi a literatura que manteve vivas as esperanças da nação e trouxe novos ideais para os húngaros decepcionados. Haja vista os romances de Zsigmond Kemény e de Mór Jókai, os poemas épicos de János Arany, e o drama *A Tragédia do Homem*, de Imre Madách. Todos eles contribuíram não só para o resgate da língua húngara, mas também para o fortalecimento da identidade nacional, abrindo assim caminho para uma nova geração de escritores e conseqüente renovação intelectual.

Bibliografia

- ASCHER, Nelson. “Petöfi e a Revolução de 1848”. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1503200411.htm>
- BERGER, Helge & SPOERER, Mark. “Crises and the European Revolutions of 1848”. *The Journal of Economic History*, vol. 61, n. 2, jun. 2001, pp. 293-326.
- BRUBAKER, Rogers & FEISCHMIDT, Margit. “1848 in 1998: The Politics of Commemoration in Hungary, Romania, and Slovakia”. *Comparative Studies in Society and History*, vol. 44, n. 4, out. 2002, pp. 700-744.
- DARUVAR, Yves de. *O Destino Dramático da Hungria. Trianon ou a Hungria Isolada*. São Paulo, Edições Loyola, s/d (c. 1970).
- DEME, Lászlo. “The Society for Equality in the Hungarian Revolution of 1848”. *Slavic Review*, vol. 31, n. 1, mar. 1972, pp. 71-88.
- FLORENZANO, Modesto. “Anotações sobre a Europa em 1848”. *Crítica Marxista*. São Paulo, Xamã, vol. 1, n. 6, 1998, pp. 84-97.
- HOBBSAWN, Erik. *A Era das Revoluções (1789-1848)*. São Paulo, Paz e Terra, 2009.
- HONGRIE. *Du royaume de Saint Etienne à la nation hongroise*. Disponível em https://www.clio.fr/chronologie/pdf/pdf_chronologie_hongrie.pdf
<http://www.mfa.gov.hu>
<http://epa.oszk.hu>
<https://pt.wikipedia.org>
- MOLNAR, Miklós. *Histoire de la Hongrie*. Paris, Perrin, 1996, pp. 229-286.
- NIEDERHAUSER, Emil. “La Révolution française et la révolution hongroise de 1848-1849. Essais d'histoire comparée”. *Annales historiques de la Révolution française*, n. 212. Abr.-jun. 1973, pp. 285-303.

REIS FILHO, Daniel Aarão. “1848 e a Primavera dos Povos”. *Folha de S. Paulo*, 1º fev. 1998. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs01029824.htm>.

TÓTH, Zoltán. “The Nationality Problem in Hungary in 1848-1849”. *Acta Historica Academiae Scientiarum Hungaricae*, vol. 4, n. 1-3, 1955, pp. 235-277.

Linguistic and Cultural Asymmetry in Translation from and into Minor Languages¹

Kinga Klaudy

ELTE University, Budapest, Hungary

Abstract: The aim of the paper is to extend the asymmetry hypothesis (AH) to include cultural asymmetry between translation from a major into a minor language and vice versa, and to relate the AH to the domestication/foreignization dichotomy (Venuti 2005). In this paper the “minor” language is Hungarian in comparison with Russian and English as “major” languages. The asymmetry hypothesis (Klaudy 2001, 2009) assumes that explicitation and implicitation are not symmetric strategies, as translators, if they have a choice, tend to use the operations involving explicitation rather than operations involving implicitation. The paper concludes that domestication and foreignization are also asymmetric operations; while translators prefer explicitation on the linguistic level, on the cultural level translators seem to prefer domestication.

1. The asymmetry hypothesis

The asymmetry hypothesis was formulated in Klaudy (2001), further developed in Klaudy (2009) tested against data in Klaudy and Károly (2004, 2005, 2007) and Becher (2010). The hypothesis claims that in bidirectional translation analysis explicitation and implicitation are not always symmetric operations, as translators, when they have a choice, prefer operations involving explicitation

¹ First published: Klaudy K. 2012. Linguistic and Cultural Asymmetry in Translation from and into Minor Languages. In: Kemppanen, H., Janis, M., Belikova A. (eds) *Domestication and Foreignisation in Translation Studies*. Berlin: Franke und Timme. 33-49.

(concretization of meaning, division of meaning, addition of meaning, grammatical concretization, grammatical addition, upgrading of noun phrases and participial phrases into clauses), and often fail to perform operations involving implicitation (generalization of meaning, contraction of meanings, omission of meaning, grammatical generalization, grammatical omission, downgrading of clauses into noun phrases or participial phrases).

The concept of interlanguage asymmetry was introduced into translation research by the Russian scholar Gak:

In translation confrontation takes place between units of two different languages. These units can be of two types in their relationship to each other. (1) Isomorphous units have identical meaning or are characterized by identical positions in the corresponding language systems. [...] Allomorphous units do not correspond to systemic equivalents in the other language. (Gak in Zlateva 1993:33)

According to Gak, isomorphous units in interlanguage are in a symmetric relationship, while allomorphous units are in an asymmetric relationship. Since Gak relates the concept of symmetry and asymmetry to language systems, his approach can be called static. In adapting the asymmetry hypothesis for translation, Klaudy (2009) takes a dynamic approach, relating the concept of symmetry and asymmetry to transfer operations.

According to Klaudy (2009) **operational symmetry** occurs when explicitation in one direction is paralleled by implicitation in the opposite direction. For example, specification of personal pronouns in the Hungarian-Russian direction is paralleled, or at least may be expected to parallel generalization of personal pronouns in the Russian-Hungarian direction.

(1) Hungarian ST-Russian TT (specification of personal pronouns):

Fügét is vett, mazsolát is vett. Mélyhűtött őszibarackot és málnát is vett. Be volt rúgva. (Örkény 59) (lit: Ø Bought also figs, Ø bought also raisins. Ø Bought also deep-frozen peaches and raspberries. Ø Was intoxicated.)

Он купил фиги. И изюм. И свежее-мороженные персики, и малину. **Он опьянел** от покупок. (Voronkina 286) (lit: **He** bought also figs, bought also raisins. Bought also deep-frozen peaches and raspberries. **He** was intoxicated by shopping.)

(2) Russian ST- Hungarian TT (generalization of personal pronouns):

Весь вечер он (...) думал об одном, как бы одну увидеть ёё, но она избежала его. (L. Tolstoy 68) (lit: All night he was thinking of her, how to meet her, but she escaped the encounter.)

Egész este (...) egyre csak leste az alkalmat, hogy négyszemközt találkozhasson vele, de ő elkerülte. (Szóllósy 71) (lit: All night Ø was looking for the opportunity to meet Ø, but s/he escaped the encounter.)

On the other hand, **operational asymmetry** occurs when explicitation in one direction is **not** paralleled by implicitation in the opposite direction. E.g.: upgrading of phrases into clauses in the English-Hungarian direction is not paralleled by downgrading of clauses into phrases in the Hungarian-English direction.

2. Two methods of investigating operational asymmetry

Operational asymmetry can be investigated by two-way comparisons of translated texts. Bidirectional comparison can be independent or not-independent. Independent bidirectional comparison is based on translations from L1 into L2 and from L2 into L1 produced independently from each other. Klaudy (2007), for example, investigated Hungarian translations of Russian authors (Tolstoy, Chekhov, Dostoyevsky, Bulgakov, Trifonov) and Russian translations of Hungarian authors (Jókai, Mikszáth, Móricz, Déry, Sarkady) and found that translators specify reporting verbs in translating from Russian into Hungarian, but fail to generalise reporting verbs in translating from Hungarian into Russian. The same results were obtained by Klaudy and Károly (2005) in a study of reporting verbs in Orwell's *1984* translated from English Hungarian and in Kosztolányi's *Anna Édes* translated from Hungarian into English.

The other method of investigating the AH is non-independent bidirectional comparison (back-translation), when we investigate translations from L1 into L2 and back-translations of the same text from L2 into L1. Klaudy (1996), for example, investigated additions in a speech by Árpád Göncz, former President of Hungary translated into English and back-translated into Hungarian. She found that items inserted in the Hungarian-English translation were retained in the English-Hungarian back-translation "even in cases where they could or should have been omitted" (Klaudy 1996:110).

Transfer operations can be divided into language specific and non language-specific operations. Language specific operations can be obligatory in both directions,

obligatory in only one direction or optional in both directions. AH research is interested in the two latter types because in these cases translators have a choice, and since choices are not entirely subjective, linguistic explanations can be offered for them.

3. Linguistic asymmetry – previous research

3.1. Asymmetry between specification and generalization of reporting verbs

Specification of reporting verbs is a standard transfer operation in Russian-Hungarian (RU-HU) and English-Hungarian (EN-HU) translation. Generalization of reporting verbs is a standard transfer operation in Hungarian-English (HU-EN) and Hungarian-Russian (HU-RU) direction. Both operations are optional. Studies by Klaudy (2007) and Klaudy and Károly (2005) claim that while translators do perform specifications in the RU-HU and the EN-HU direction, they fail to perform generalizations in the opposite direction. The reason for the specification of reporting verbs in the EN-HU and the RU-HU direction lies in the differences between literary traditions: while Russian and English authors prefer to use the central verb of the semantic field of reporting, i.e. *сказать* and *say* respectively, Hungarian authors opt for more peripheral verbs, and use a large variety of more specific verbs for reporting. *Table 1* compares reporting verbs in literary works by Russian and Hungarian authors. As we can see from the Table, 100 Russian reporting verbs include 16 types in Tolstoy's, 21 types in Dostoyevsky's and 24 types in Chekhov's works. The reporting verbs used by Hungarian authors show a greater variety in 100 verbs, there are 36 types in Jókai's, 53 in Mikszáth's, and 35 in Móricz's works.

Table 1

Variability of reporting verbs in original RU and HU works

	Token	Type	Type/token
Tolstoy	100	16	0.16
Dostoyevsky	100	21	0.21
Chekhov	100	24	0.24
Jókai	100	36	0.36
Mikszáth	100	53	0.53
Móricz	100	35	0.35

The translation of reporting verbs was analyzed for specification or generalization in 800 sentences. 400 sentences were drawn from original texts: (1) *Anna Karenina* by Tolstoy, (2) *1984* by Orwell, (3) *Szent Péter esernyője* by Mikszáth, and (4) *Édes Anna* by Kosztolányi. The other 400 sentences were drawn from their translations.

Table 2

Specification of reporting verbs in RU-HU translation

Russian original Tolstoy, L.N. <i>Anna Karenina</i>	Frequency of verbs	Hungarian translation Translated by Klára Szóllósy	Frequency of verbs
1. сказать ('say')	55	1. mond ('say')	37
2. проговорить (‘begin to speak’)	10	2. kérdez ('ask')	11
3. отвечать ('answer')	6	3. felel ('answer')	10
4. спросить ('ask')	6	4. szól ('utter')	5
5. думать ('think')	5	5. válaszol ('answer')	5
6. прибавить ('add')	4	6. hozzátesz ('add')	4
7. говорить ('talk')	2	7. gondol ('think')	4
8. повторить ('repeat')	2	8. ismétel ('repeat')	3
9. слышать ('perceive')	2	9. kezd ('begin')	3
10. продолжать ('continue')	2	10. folytat ('continue')	3
11– 17. = verbs occurring once	6	11. sóhajt ('sigh')	2
		12. kiált ('shout')	2
		13– 23. = verbs occurring once	11
Total	100	Total	100

Table 3

Specification of reporting verbs in EN-HU translation

English original Orwell, G. <i>Nineteen Eighty-Four</i> .	Frequency of verbs	Hungarian translation Translated by Szígyártó László	Frequency of verbs
1. say	79	1. felel ('answer')	18
2. whisper	4	2. kérdez ('ask')	14
3. murmur	3	3. megállapít ('remark')	10
4. add	2	4. kijelent ('state')	10
5. yell	2	5. mond ('say')	4
6. begin	2	6. kezd ('begin')	4
7. agree	2	7. megjegyyez ('comment')	4
8-14. = verbs occurring once:	7	8. megszólal ('say/utter')	3
		9. kiált ('shout')	3
		10. mormol ('murmur')	3
		11. suttog ('whisper')	3
		12. közöl ('tell')	2
		13. hozzátesz ('add')	2
		14. folytat ('continue')	2
		15-32. = verbs occurring once	18
Total	100	Total	100

As Table 2 shows, the 100 reporting verbs (token) of the Russian source text consist of 17 different reporting verbs (type), while the 100 reporting verbs (token) of the Hungarian target text contains 23 different reporting verbs (type). As Table 3 shows, English source text consist of 14 different reporting verbs (type), while the 100 reporting verbs (token) of the Hungarian target text contains 32 different reporting verbs (type) The increasing type/token ratios ($0.17 < 0.23$. and $0.14 < 0.32$) indicate that the Hungarian translators used more specific verbs than the author of the source text, i.e., resorted to the explicitation of the meaning implied in the Russian and English original.

As authors of original English texts prefer to use the central verbs of the semantic field of verbs of saying, the number of different verbs should have been decreased in the English translation of the Hungarian novel. This, however, did not happen.

Table 4.

Unperformed generalization of reporting verbs in the HU-EN direction

	Total No. of verbs	No. of different verbs	Type/token
<i>Édes Anna</i> (HU)	100	56	0.56
<i>Anna Édes</i> (EN)	100	56	0.56
<i>Szent Péter...</i> (HU)	100	27	0.27
<i>St. Peter's...</i> (EN)	100	24	0.24

As we can see from *Table 4*, the diversity of Hungarian reporting verbs is preserved in the English translation: the translator did not generalise reporting verbs to bring them into line with English literary tradition. The type-token ratio in *Anna Édes*, the English translation of Kosztolányi's work, remains just as high as in the ST (0.56). *St. Peter's Umbrella*, the English translation of Mikszáth's *Szent Péter esernyője*, shows a minimal decrease, from 0.27 to 0.24.

The data presented above lend support for the asymmetry hypothesis: semantic specification of reporting verbs (explicitation) was performed in translating from Russian and English into Hungarian, but semantic generalization was not performed in the opposite direction.

3.2. Asymmetry between addition and omission of extra categories

In another attempt to verify the AH, grammatical additions and omissions were studied by Klaudy and Károly (2004). These standard transfer operations are motivated by systemic differences between languages, and thus they appear to be obligatory in both directions. Grammatical addition is a standard transfer operation whereby grammatical (functional) elements that are not present in the SL text must be inserted into the TL text. Grammatical omission is a standard transfer operation whereby certain grammatical (functional) elements present in the SL text, being redundant in the TL, will not appear in the TL text. The systemic reason behind these operations is the phenomenon of so called missing categories: certain grammatical categories (gender, number, case, article, prepositions, postpositions, verbal prefixes, separable verbal prefixes, definite conjugation) may exist in one language, but not in the other. If we translate into a TL

language that has one of these “extra” categories compared to the SL, additions will appear. Conversely, in translating into a TL in which, compared to the SL, a category is missing, omissions will occur. Addition and omission of articles, e.g., are symmetric operations in RU-HU and HU-RU translation, since there is no article in Russian. Another reason for grammatical addition and omission may be that, although a particular grammatical category does exist in both languages (e.g., the personal pronoun in both English and Hungarian), its **functions** are different, and its use is governed by different rules govern in the two languages. Functional differences can make additions obligatory in one direction, while in the other direction omission is optional. Addition of the indefinite article, pronominal subjects and objects, personal or possessive pronouns is obligatory in HU-EN translation. However, omission of the same categories is optional in EN-HU translation, and our experience in editing translations showed that optional omission was not always practiced by translators. To confirm this observation, a small corpus was compiled, consisting of 100 sentences from Orwell’s *1984* translated from English into Hungarian and 100 sentences from Mikszáth’s *St Peter’s Umbrella* translated from Hungarian into English.

Table 5.

Unperformed omission of extra categories in the EN-HU direction

	Obligatory additions HU-EN	Optional omissions EN- HU	Unperformed omissions EN-HU
Subject	50	47	7
Indefinite article	16	10	16
Pronominal subjects and objects	5	7	3
Possessive determiner	25	20	2
Total in 100 sentences	96	84	28

As is shown in *Table 5*, while the translators did perform addition (explicitation) in the HU-EN direction, they failed to perform omission (implicitation) in the EN-HU direction. Unperformed omissions of extra categories, e.g. retention of unnecessary **indefinite articles** in the Hungarian translations are unmistakable signs of SL influence (cf. translationese).

The asymmetry hypothesis was studied by Becher (2011) to elucidate the asymmetric relationship between addition and omission of connectives. His bidirectional parallel corpus consists of German business texts translated into English and English business texts translated into German (ca. 80 000 words). In this corpus he counted (manually) 114 additions of connectives in the EN-DE translation and 48 additions in the DE-EN translation, 32 omissions of connectives in EN-DE translation and 51 omissions in DE-EN translation. He concluded that German texts exhibit more additions and fewer omissions of connectives than the English target texts. Speakers of German tend towards a greater degree of cohesive explicitness than speakers of English. According to these data explicitations are not counterbalanced by implicitations, ie. “the quantitative results confirm the Asymmetry Hypothesis for this data set” (Becher 2011:31).

4. Extending the asymmetry hypothesis to the cultural level

In the second part of this paper the concept of operational asymmetry in translation will be related to the domestication/ foreignization dichotomy in research of translation from and into minor languages. The terms domestication and foreignization were introduced by Venuti in 1995. Domestication means translation strategies which result in transparent, natural-sounding, fluent TL style, minimize the strangeness of TT by the removal of SL realia, and require less effort on the part of the receptor.

Foreignization means using translation strategies which retain the foreign flavour of the original. Foreignization, which results in a non-fluent style, deliberate breaking of TL conventions and retention of SL realia in the TL text, requires more effort on the part of the receptor.

The question is whether the explicitation/implicitation asymmetry has a connection with domestication/ foreignization strategies, and how it is influenced by the minor/major status of the two languages. In this paper the “minor” language is Hungarian in comparison with Russian and English as “major” languages. It can be assumed that domestication characterizes translation from less widely spoken languages into more widely spoken languages, e.g., from Hungarian into Russian or English, and foreignization characterizes translations from more widely spoken languages into less widely spoken languages, e.g., from Russian or English into Hungarian. If domestication in one direction (from minor into major) is paralleled by foreignization in the other direction (from major into minor), the relationship can be regarded as symmetric, if domestication in one direction (from minor into

major) is not paralleled by foreignization in the other direction (from major into minor), the relationship can be regarded as asymmetric.

In the following we will compare four languages and cultures: English, Russian, Hungarian and Finnish from three points of view: (1) minor or major status of the languages under study, (2) linguistic relatedness, and (3) cultural closeness. (Further research did not include Finnish language texts.)

4.1. Minor or major languages, closeness of languages and cultures

The minor or major status of a language can be defined from different angles. English is spoken by 341 million speakers. It is spoken as a native language on four continents. Russian is spoken by 167 million speakers and is spoken as a native language on two continents. Hungarian is spoken by 14 million speakers and it is spoken as a native language in Europe only, and Finnish is spoken by 7 million speakers and it is spoken as a native language in Europe only. On the basis of the above we can class English and Russian as more widely spoken languages, while Hungarian and Finnish must be regarded as less widely spoken languages.

As for linguistic relatedness, English and Russian belong to the Indo-European language family. Finnish and Hungarian belong to the family of Uralic languages.

In 1964 Nida proposed a typology of different combinations of linguistic and cultural relatedness. He distinguished three frequent types: (1) closely related languages and close cultures (e.g., Hebrew and Arabic), (2) close cultures and non-related languages (e.g., Swedish and Finnish), (3) distant languages, distant cultures (e.g., English and Zulu), and a rare case: (4) distant cultures and cognate languages (e.g., Hindi and English). According to Nida's typology, our language pairs can be characterised in the following way:

1. Hungarian and Finnish = Close cultures and related languages
2. English and Russian = Close cultures and related languages
3. English and Hungarian = Close cultures and non related languages
4. Russian and Hungarian = Close cultures and non related languages

Cultural closeness, of course, has to be substantially refined taking into consideration proximity factors and distancing factors such as religion, geography, climate, density of population etc. Among the proximity factors we have to men-

tion first Christianity, which characterizes all the four cultures. As for distancing factors, closeness to the sea and experience in navigation have played an important role in English, Russian and Finnish culture, but not so in Hungarian culture. Long winters have left their imprint on Russian and Finnish culture, but less so on English and Hungarian culture. Russians and Hungarians had experience of totalitarian regimes in the recent past, while English and Finnish people did not have this experience. Population density in England and Hungary is relatively high, so these nations do not share the experience wide open spaces with people living in Russia and Finland.

All these factors heavily influence translators' work, as Nida stated: "[...] differences between cultures cause many more severe complications for the translator than do differences in language structure" (Nida 1964:161).

4.2 Relationship between cultural differences and cultural asymmetry

Cultural differences are not equal to cultural asymmetry. Cultural asymmetry means first of all three things: (1) one-way traffic in the information channels between cultures (2) one of the cultures is emissive (where 'emissive' means having a power to emit and distribute widely its own cultural achievements), the other is receptive (where 'receptive' means willingness to internalize other people's cultural achievements and of course does not mean lack of originality and creativity); (3) information flows from more widely spoken languages to less widely spoken languages.

It may be assumed that translation from less widely spoken languages into more widely spoken languages (from Hungarian into Russian or English) involves domestication, and translation from more widely spoken languages into less widely spoken languages (from English and Russian into Hungarian) involves foreignization. The supposed reason for the domestication from minor into major is the following: due to the limited knowledge of the target audience about the source culture, the translator has to make an extra effort to be understood. The supposed reason for foreignization from major into minor is that the main function of translation from more widely spoken languages is to widen the conceptual and cultural horizon of the target audience, to introduce new ideas and new concepts into the target culture, which necessarily means the introduction of SL concepts and words into the target text.

Let us see some examples of foreignization occurring in translation from a widely spoken language, such as English and Russian into a less widely spoken language, such as Hungarian:

- In the 20th century, before World War II, the use of Russian words in the translation of Russian classics into Hungarian had the function of creating atmosphere;
- In the 20th century, after World War II, the use of Russian words in Hungarian political language characterized the „insider” talk of Hungarian political leaders;
- At the beginning of the 21st century, the use of English words in journalistic and scientific Hungarian texts is a consequence of globalization and the development of information technology.

Let us see examples of domestication occurring in translation from Hungarian as a less widely spoken language into more widely spoken languages like English or Russian. We collected examples for one of the domesticating strategies, namely removal in the target text of SL realia (archaisms, Latinisms, units of measurements etc.).

Removal of SL archaisms in HU-EN, HU-RU translation

(3) Hungarian ST: Ebéd után **csibukra** gyújtott a várúr ... (Mikszáth 15)

(3a) English TT: After lunch the count lit up his **pipe** ... (Sturgess 17)

(3b) Russian TT: После обеда хозяин закуривал **трубку** ... (Leybutin 18)

(lit: After lunch the host lit his pipe)

In example (3), the connotations of *csibuk* (‘pipe’), connected with its archaic flavour, are not rendered in the translations.

Removal of SL units of measurement in HU-EN translation

(4) Hungarian ST: Azt üzente Cseténé, hogy hozzon **egy kiló húsz deka** felvágottat. (Örkény 1. 55)

(4a) English TT: That’s why she asked Mrs Csete to tell Kopp to take home a **loaf of** bread and **some** cold cuts. (Sollosy 50)

In example (4), the connotations of *kiló* and *bísz deka* ('kilo', 'twenty decagrams'), the usual units of measurement used in talking about weights of groceries in Hungary, are not rendered in the translations.

Removal of Latinisms in HU-EN, HU-RU translation

(5) Hungarian ST: A **vitalicumot** félénként kapták ... (Mikszáth 20).

(5a) English TT: This **income** was paid every six months ... (Sturgess 23)

(5b) Russian TT: **Денги** выплачивались баронам дважды в год. (Leybutin 24) (The money was paid to barons two times a year.)

In example (5), the word *vitalicum* is probably not known by present-day Hungarian readers, but it is recognized as a Latin word used by many educated people in Mikszáth's time. These connotations are lost in the translations.

At the beginning of this chapter (4.2.) we assumed that domestication characterizes translation from less widely spoken languages into more widely spoken languages, e.g. from Hungarian into Russian or English, and foreignization characterizes translations from more widely spoken languages into less widely spoken languages, e.g. from Russian or English into Hungarian. Based on our analysis of cca. 200 book-length translations (mainly of literary works) from English, German, French and Russian into Hungarian, and 200 translations in the opposite direction (Klaudy 2003), we claim that all the above mentioned types of domestications can also be found in the opposite direction, that is, in translations from more widely spoken into less widely spoken languages.

(6) English ST: ... as he had never worked with **Carter Paterson** and was unused to such exertions, ... (Durrell 62)

(6a) Hungarian TT: ... Soha nem dolgozott a **bútorszállító szakmában**, nem szokott efféle erőmutaványokhoz, ... (Sárközi 64)

In example (6) The English trade name, which is, the name of the company *Carter Paterson*, was left out from the Hungarian translation and instead we find the general name of the activity carried on by the company: *bútorszállító szakma* ('furniture removal business').

(7) English ST: He was alone in the great **Belgravia house** with Baines and Mrs Baines. (Greene 457)

(7a) Hungarian TT: ... így egyedül maradt **a nagy házban** Baines-szel és a feleségével. (Szobotka 280)

In example (7), the name of *Belgravia*, a reference to the characters' social status, is omitted and replaced by the much weaker innuendo of *nagy ház* ('great house')

If domestication in one direction (from minor into major) is not paralleled by foreignization in the other direction (from major into minor), the relationship between domestication and foreignization can be regarded as asymmetric. Thus, the asymmetry hypothesis, which claims that translators, given a choice, tend to use operations involving explicitation rather than operations involving implicatures, can be extended from the linguistic level to the cultural level: translators, given the choice, tend to adopt domesticating rather than foreignizing strategies.

The domestication/foreignization dichotomy is probably not applicable to language pairs in their totality, but it is a good starting point for research if we want to investigate the proportion of domesticating and foreignizing strategies in different literary periods, different genres (literary translation, audiovisual translation), in the solution of specific translation problems (translation of film titles, translation of proper names etc.), or in the individual style of translators.

4.3. Conclusion

The aim of this paper was no more than to think over the relationship between the asymmetry hypothesis and the domestication/foreignization dichotomy. Asymmetry hypothesis extended to the cultural level (which would be worth examining in the future on large bidirectional databases of different language pairs) can be summarized in the following two points: (1) Domestication and foreignization are not symmetric operations: we cannot claim that domestication in one direction (from minor to major) is necessarily complemented by foreignization in the opposite direction (from major to minor). (2) While translators prefer explicitation on the linguistic level, on the cultural level translators seem to prefer domestication.

References

- BECHER, Viktor. *When and why translators add connectives? A corpus based study*. In: *Target* 23 (1), 2011, p. 26-47.
- GAK, V. *Interlanguage asymmetry and the prognostication of transformations in translation*. In: Zlateva, Palma (ed.): *Translation as Social Action*. London: Routledge, 1993, p. 32-39.
- KLAUDY, Kinga. *Back Translation as a Tool for Detecting Explicitation Strategies in Translation*. In: Klaudy, Kinga/ Lambert, José/ Sohár, Anikó. (eds.): *Translation Studies in Hungary*. Budapest: Scholastica, 1996, p. 99-114.
- KLAUDY, Kinga. *The Asymmetry Hypothesis. Testing the Asymmetric Relationship between Explications and Implications*. Paper presented at the Third International Congress of the European Society for Translation Studies, *Claims, Changes and Challenges in Translation Studies*, Copenhagen, 2001, August-30 and September 1.
- KLAUDY, Kinga. *Languages in Translation. Lectures on the Theory, Teaching and Practice of Translation. With Illustrations in English, French, German, Russian and Hungarian*. Budapest: Scholastica, 2003.
- KLAUDY, Kinga; KÁROLY, Krisztina. *Unperformed Omissions in Translation – The Asymmetry Hypothesis Further Developed*. A paper presented at the Fourth International Congress of the European Society for Translation Studies, *Doubts and Directions in Translation Studies*, Lisbon, 2004, September 2-4.
- KLAUDY, Kinga; KÁROLY, Krisztina. *Implication in Translation: Empirical Evidence for Operational Asymmetry in Translation*. In: *Across Languages and Cultures* 6 (1). 2005, p. 13-28.
- KLAUDY, Kinga; KÁROLY, Krisztina. *The Asymmetry Hypothesis Further Developed: the Asymmetry of Upgrading and Downgrading in Translation*. Paper presented at the Fifth International Congress of the European Society for Translation Studies, *Why Translation Studies Matters*. Ljubljana, 2007, September 3-5.
- KLAUDY, Kinga. *Nyelv és fordítás [Language and Translation]*. Budapest: Scholastica, 2007. (in Hungarian).
- KLAUDY, Kinga. *The Asymmetry Hypothesis in Translation Research*. In: Dimitriu, Rodica; Shlesinger, Miriam (eds): *Translators and their readers. In Homage to Eugene A. Nida*. Brussels: Les Editions du Hazard, 2009, p. 283-303.
- NIDA, Eugene A. *Toward a science of translating*. Leiden: Brill, 1964.
- VENUTI, Lawrence. *The translators's invisibility. A history of translation*. London and New York: Routledge. 1995.

Sources

- DURRELL, Gerald. *My Family and Other Animals*. London: Penguin Books, 1963.
- _____. *Családom és egyéb állatfajták*. Trans. by Sárközi Györgyné. Budapest: Európa, 1966.
- GREENE, Graham. *Collected Stories*. London: The Bodley Head, 1972.
- _____. *Válogatott elbeszélések*. Trans. by Szobotka Tibor. Budapest: Európa, 1974.
- KOSZTOLÁNYI, Dezső. *Édes Anna*. Budapest: Szépirodalmi Kiadó, 1988.
- _____. *Anna Édes*. Trans. into English by George Szirtes. Budapest: Corvina, 1991.
- MIKSZÁTH, Kálmán. *Szent Péter esernyője*. Budapest: Akadémiai Kiadó, 1957.
- _____. *St Peter's Umbrella*. Trans. into English by B. W. Worswick. Budapest: Corvina, 2002.
- MIKSZÁTH, Kálmán. *Beszterce ostroma*. Budapest: Akadémiai Kiadó, 1957.
- _____. *The Siege of Beszterce*. Trans. into English by Dick Sturgess. Budapest: Corvina, 1982.
- MIKSAT, Kalman. *Osada Bestertse*. Translated by G. Leybutin. Budapest: Corvina, 1962.
- ORWELL, George. *Nineteen Eighty-Four*. London: Penguin Books, 1954.
- _____. *1984*. Trans. into Hungarian by Szígyártó László. Budapest: Európa Könyvkiadó, 1989.
- ÖRKÉNY, István. *Egyperces novellák*. Budapest: Magvető, 1968.
- _____. *One Minute Stories*. Trans. into English by Sollosy Judy. Sydney: Brandl and Schlesinger, 1994.
- TOLSTOY, L. N. *Voskresenie*. Moscow: Sovremennik, 1977.
- _____. *Feltámadás*. Trans. into Hungarian by Szöllősy Klára. Budapest: Európa, 1962.
- TOLSTOY, L. N. *Anna Karenina*. Leningrad: Lengiz, 1946.
- _____. *Anna Karenina*. Trans. into Hungarian by Németh László. Bukarest: Kriterion, 1988.

Nas trilhas da escrita ensaística de Lem: anotações do tradutor

Henryk Siewierski

Resumo: O artigo apresenta as anotações à margem do trabalho de seleção e tradução dos ensaios de Stanislaw Lem para o português, iniciado em 2014. Resultantes da convivência com a obra do autor e seus contextos, da reflexão durante a leitura e tradução, as anotações apontam diversos temas e ideias da obra ensaística deste clássico da Ficção Científica do século XX, considerado também inovador do ensaio científico pelo uso singular de recursos literários.

Palavras-chave: *Stanislaw Lem, ensaio científico, ficção científica*

Conhecido como autor de *Solaris* e outras obras em que a ficção e a ciência coabitam de forma singular, Stanislaw Lem (1921-2006) atraiu e continua atraindo leitores e tradutores. Os seus ensaios sobre diversos temas de ciência, tecnologia, filosofia, literatura e civilização contemporânea atraem menos os tradutores, embora justamente o ensaio Lem considere a sua principal forma de expressão e seja considerado um inovador do ensaio científico ou até um inventor de sua nova forma pelo uso singular de recursos literários.

Na obra ensaística de Lem destacam-se: *Summa technologiae* (1964), uma análise e avaliação das possibilidades que surgem com as novas tecnologias de produção e de amplificação das capacidades humanas; a *Filosofia do acaso* (1970), uma espécie de “summa litteraturae” que, mostrando as possibilidades que se abrem com a aplicação da teoria dos jogos na descrição dos fenômenos físicos, biológicos, cósmicos e culturais, propõe uma “teoria empírica da literatura”; *O Fantástico e a futurologia* (1970), que trata da história, da teoria e da crítica da *science fiction*.

Nos últimos anos de sua vida, Lem revisita a temática dessas obras nos ensaios publicados nos livros *O segredo do quarto chinês* (1996), *Sex Wars* (1996),

Bomba de megabyte (1999) e *Piscar de olbo* (2000), fazendo abordagens críticas a partir de novos avanços da ciência, da nova fase de desenvolvimento tecnológico, dos novos horizontes do conhecimento, em confronto com a realidade vivida e com suas consequências para o futuro da cultura e civilização humana. No decorrer desse tempo algumas das suas ousadas visões futuroológicas passaram do campo da ficção para a realidade. O poder da razão humana surpreende, mas também gera uma crise de confiança diante dos perigos em que os seus sucessos colocam o homem e o planeta, diante dos sinais da decadência e da crise dos valores éticos. Lem, autor da *Summa technologiae* alaborada no espaço das hipóteses e modelos abstratos da ciência, com o passar do tempo chega cada vez mais a confrontar as conquistas e as perspectivas do desenvolvimento científico e tecnológico com a situação do mundo real, com a condição humana, com as perspectivas, perigos e desafios do homem em sua relação consigo mesmo e com o Universo.

O tradutor que geralmente atende às demandas das editoras, precisa às vezes dar de presente a si mesmo um projeto próprio, esquecer da bolsa de valores dos *best sellers*, das leis do cânone, eleger o original por conta própria e fazer a tradução, que é uma forma de leitura bem individual, o que não quer dizer egocêntrica, se a sua razão de ser é também o outro leitor – o destinatário da obra traduzida.

Este é o caso do projeto de seleção e tradução de ensaios de Lem, iniciado em 2014. A tradução prossegue, mas não é só o seu produto final que importa. À margem do processo de tradução, proliferam seus produtos secundários, textos precários, fragmentários, registrados ou não, resultantes da convivência com a obra e seus contextos, do diálogo, da reflexão, ou simplesmente da vontade de compreendê-la melhor, de anotar e guardar ideias, expressões, pensamentos. Pode ser que depois sirvam para elaboração de um estudo introdutório à antologia dos ensaios ou não sirvam mais para nada. Mas, encontrando um lugar nesse *Caderno de Literatura em Tradução*, podem, quem sabe, ainda servir um dia a alguém interessado na obra de Lem como um testemunho da sua tradução e leitura¹.

1.

Quanto mais leio e releio as “teorias de tudo” de Lem – *Summa technologiae* e *Filosofia do acaso* –, tanto mais complexa, contraditória e difícil de ser resumida

1 As anotações que seguem foram escritas durante o estágio pós-doutoral realizado na Universidade de Cracóvia, no primeiro semestre de 2015, com bolsa do CNPq, destinada ao estudo e tradução da obra ensaística de Stanislaw Lem.

me parece a sua visão do mundo, das evoluções biológica e tecnológica que comparava e em que encontrava semelhanças. A mania ou a virtude de abarcar todo o conhecimento e relacionar tudo com tudo, produz as generalidades de efeito, ousadas e atraentes, mas ao mesmo tempo muitas digressões, hipóteses alternativas e laterais que põem em questão o que se apresentava como uma revelação quase epifânica ou prometeica. Lem domina, portanto, esta arte de ensaio em que – segundo T.W. Adorno – se revela a curiosidade e a “ingenuidade de estudante” e não a obediência aos paradigmas do método científico (ADORNO, 1994, p. 167-187).

Ensaio como esse é difícil de resumir, mas onde o resumo (e a razão?) falha, resta a tradução e/ou uma exploração parcial de leitura do seu potencial cognitivo e dialógico. É como se “irresumíveis”, os grandes ensaios de Lem fossem escritos para serem apenas percorridos, pensados, traduzidos.

Se compararmos esses volumosos e complexos ensaios de Lem da sua primeira fase ensaística com os ensaios posteriores (mas também com numerosas entrevistas e cartas), curtos e com as mensagens e conclusões bastante unívocas, podemos supor que, no decorrer da sua vida, o autor de *Summa technologiae* e outras “summas” percebe a necessidade de deixar mais claros os resultados dos seus jogos e explorações nos territórios da ciência, como diagnoses ou/e avisos diante dos rumos presenciados e vislumbrados da civilização.

2.

Ler Lem como Lem lê a ciência, ou seja, com a dedicação suficiente não somente para conhecer o melhor possível suas descobertas e seus limites, mas também com distanciamento de quem a trata apenas como um subsídio em busca das respostas a seus próprios questionamentos, seu pensar a vida e o mundo, um instrumento, portanto, das tentativas de resolução dos problemas de natureza filosófica. Diferentemente dos cientistas que só às vezes saem dos seus laboratórios para ver como está o mundo e transmitir aos profanos, de uma forma mais acessível, os resultados de suas pesquisas, Lem imerso na vida, grato hóspede dos seus vastos domínios, livre de compromissos de especialista, percorre os laboratórios, curioso e cético ao mesmo tempo, espreitando o que se pode aproveitar na busca das respostas às perguntas com que a vida nos desafia. Ler Lem com pretensão de se tornar especialista em Lem seria praticar um pedantismo estranho a sua obra e seu pensamento.

3.

Stanislaw Lem nasceu no ano de 1921, em Lvov, numa família de judeus poloneses, sobreviveu à Segunda Guerra, viveu na Polônia comunista, depois capitalista, viajou pouco e morreu na cidade de Cracóvia, em 2006. Em vez do esboço biográfico mais completo, um pequeno autorretrato compilado de fragmentos das cartas de Lem, trocadas com seu tradutor americano Michael Kandel:

Nasci e fui criado numa família abastada, porque o meu pai era em Lvov um médico muito procurado, bom especialista (...). Depois vieram os tempos para nós duros – de guerra. (...) Depois da guerra vivemos em condições muito modestas, mas não miseráveis (...). Depois da guerra, nos anos 1945-1947, enquanto estudava medicina, fui mantido, já com 26 anos de idade, por meu pai, e então comecei a ganhar escrevendo, no início muito pouco. E tive a sensação de que não estava totalmente certo ao escrever bobagens sensacionais para as, ainda existentes naqueles anos, editoras particulares. (Carta a Michael Kandel, de 2 de abril de 1987. LEM, 2013, p. 636)².

Comi o meu pão de muitos fornos; traduzi os livros de russo sobre a alimentação do gado, para ganhar dinheiro; fui assistente “para tudo” num Conversatório da Uniwersytet Jagielloński; consertava os automóveis nos tempos de guerra alemã (muitas vezes destruía-os, quando dava), fui soldador (fraco), médico, crítico, jornalista, revisor de textos, autor dos artigos de medicina... e não acho que algo disso tivesse sido um puro desperdício de tempo. Pois tudo se armazena em algum lugar. Sei também que a experiência de vida é, a princípio, intransmissível (é possível ver a literatura como uma tentativa, quase fracassada, de transmissão daquela experiência pessoal de modos NÃO DISCURSIVOS). (Carta a Michael Kandel, de 30 de setembro de 1976. LEM, 2013, p. 501).

Numa carta a Kandel, de 25 de outubro de 1976, Lem comenta o recebimento de exemplares dos livros escolares para 6ª e 10ª série, da República Federal da Alemanha, em que estavam incluídos os seus contos:

Se nos anos quarenta alguém tivesse me dito que depois da guerra eu seria escritor, acreditaria; se me profetizasse o Prêmio Nobel, talvez iria acreditar também, pois a vaidade humana parece não ter limites. Mas se aquele profeta me tivesse comunicado que os mesmos alemães, que me queriam matar

2 A tradução desta e de outras citações que seguem é do autor.

como se eu fosse uma barata, iriam ensinar seus filhos o alemão dos meus contos – não, disso, juro, não acreditaria (LEM, 2013, p. 509).

4.

Philip Kindred Dick, clássico da ficção científica americana, achava que Stanislaw Lem era personagem fictício, criado pelos comunistas. O seu nome, estranho e atípico nas línguas eslavas seria uma sigla de um grupo secreto que produzia livros por encomenda do partido, com a finalidade de exercer o controle da sociedade. Uma prova desta tese seria também a diversidade dos estilos da obra de Lem. Dick chegou a escrever, em 1974, uma carta com esta denúncia ao FBI. Lawrence Sutin, na sua biografia de Philip K. Dick, *Divine Invasions*, reconhece que o seu personagem biografado era uma pessoa esquisita, mas assegura que não se tratava de um doente mental. Tal esquisitice, ou mais do que isso, pôde observar Lem quando, depois da publicação da tradução polonesa de *Ubik*, romance por ele recomendado e posfaciado, foi acusado pelo seu autor... citemos o que diz próprio acusado na carta a seu tradutor americano Michael Kandel:

Ph. Dick, um autor dos EUA, publicou uma carta aberta no “Forum” (órgão da SF Writers), em que me chama de canalha, ladrão, aproveitador, porque segundo ele fiz na Polônia uma edição pirata de *Ubike* (ele deve ser um louco, porque não é verdade, e mesmo se quisesse, a editora polonesa, como a empresa estatal, não poderia publicar nada sem um contrato juridicamente válido). Ao mesmo tempo, numa primeira resenha, alguém chamou o *Ubike* de grafomania. Eu precisava disso!! Mas não deixa de ser engraçado (LEM, 2013, p. 428).

Lem começa o seu posfácio de *Ubik* com uma diagnose da SF americana, denunciando a sua mediocridade e mistificação³. Insuficiente como reflexão sobre o futuro e a civilização, sobre a posição que a Razão ocupa no Universo, ela tem, ao mesmo tempo, pretensões de representar as alturas da arte e do pensamento. Porém, às críticas do seu primitivismo, responde apresentando-se como um gênero de diversão.

Na paisagem assim uniformizada da SF americana Lem destaca Ph. Dick, que mesmo utilizando os motivos e requisitos gastos do gênero (telepatia, guer-

3 DICK, Philip K. *Ubik*. Tradução de Michal Ronikier. Posfácio de Stanislaw Lem. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1975.

ras cósmicas, viagens no tempo, catástrofes e fins do mundo), quebra em seus romances as convenções que exigem uma racionalização dos acontecimentos improváveis e incompatíveis com a lógica e realidade empírica. Nos seus romances as causas das transformações e catástrofes não são identificadas, permanecendo misteriosas e irreconhecíveis. Mesmo explorando um vasto arsenal do *kitsch* da SF americana, Ph. Dick não se enquadra nele e ganha simpatia de Lem como quem, solitário, enfrenta com a sua imaginação “o excesso das oportunidades” com que nos desafia o cosmos e a cultura.

Lem chama a atenção para a obra de Ph. Dick ainda antes da edição polonesa de *Ubik*. Na sua monumental teoria e crítica da ficção científica, *O fantástico e a futurologia* (1970), dedica a ele um capítulo que termina com essas palavras:

Dick é na SF como um visitante de completamente outras esferas, cujos pensamentos, desejos, dilemas ele incorporou no que esse terreno dispunha, aproveitando os trajes do *kitsch*, para com eles – feito um mimo no depósito dos trapos – representar o drama do mistério da existência (LEM, 203, vol. 1, p. 173).

5.

Estou na *Nuvem de Magalhães*. A nave atravessa espaços siderais... Mas a mim me leva às naves espaciais da minha infância, construídas debaixo da mesa, separadas do resto do quarto com cobertor, com cadeiras viradas, almofadas e instrumentos de navegação trazidos da cozinha para dentro. Foi um espaço minúsculo, mas seguro, espaço de intimidade e, ao mesmo tempo, espaço da possível e desejada ligação com os outros mundos como que prometidos ao recém-chegado neste planeta Terra. Podia ser justamente no ano em que Lem escrevia este conto, a poucos quilômetros do lugar onde eu morava. Poucos anos depois, já aluno da quarta ou quinta série, com dois colegas meus de turma nos reuníamos no início da noite, num jardim da casa de um deles, para observar o céu, planejar a construção de um telescópio e, em seguida, de um foguete que nos levaria numa viagem espacial rumo à Lua e às estrelas. Mas o fim da infância chegou rápido demais para que pudéssemos realizar esses planos. Mesmo abandonados, eles merecem ser lembrados. E mais do que lembrados: tomados com seriedade, a mesma com que a criança brinca. O Professor Hogarth, personagem do romance *Voz do Mestre*, de Lem, cujas ideias tem muito a ver com as do autor⁴, sabia disso:

4 “Professor Hogarth do *Voz do Mestre*, sou eu, num certo sentido”. Carta a Michael Kandel de 28 de outubro de 1976. LEM, 213, p. 513).

Cada criança realiza espontaneamente descobertas, das quais surgiram mundos de Gibbs e Boltzmann, porque a realidade se lhe apresenta como a multiplicidade das possibilidades, tão fáceis de discernir e concretizar como que em atos espontâneos. A criança está rodeada da pluralidade dos mundos virtuais, o cosmos de Pascal lhe é completamente estranho, feito um cadáver rígido do relógio em andamento, num movimento cadenciado. Depois, a ordem petrificada da idade madura destrói esta riqueza primordial (LEM, 1968, p. 17).

Ler Lem hoje não seria encontrar uma prova de que ainda nem tudo foi perdido daquela idade da bendita "ignorância" que dava tanta liberdade e tanto poder à imaginação?

6.

A filosofia do acaso (1968) declara a guerra às teorias fenomenológica e estruturalista da obra literária. A poética de ensaio fornece armas diversas, também leves, mas capazes de causar estragos graves no campo do adversário:

Sobre o modo de ser da obra literária quando não emitida nem recebida, nada sabemos. A obra já lida não é obra objetiva, no mesmo sentido em que a lembrança de um amigo não é um amigo objetivo. As perguntas acerca das obras não lidas são da mesma espécie que as perguntas acerca do sabor do açúcar depois da terceira guerra mundial ou acerca da existência das máquinas de escrever no Paleolítico inferior. (...) É possível investigar as obras literárias como certas enunciações linguísticas, até com os meios puramente formais, contando, por exemplo, a frequência das palavras etc., mas sobre o texto enquanto obra literária, isto vai nos dizer exatamente quanto iremos saber sobre a beleza de uma estrela de cinema investigando os átomos, íons e elétrons do seu corpo (LEM, 2010, p. 53-54).

Independentemente de Jauss e paralelamente ao primeiro manifesto da estética da recepção, *História da literatura como provocação* (1970), *A filosofia do acaso* anuncia uma nova corrente dos estudos da literatura, centrados na perspectiva do leitor e antiessencialistas. Familiarizado com as ciências exatas, Lem denuncia e ridiculariza as pretensões científicas dos Ingarden e Todorov, que, ao tratarem a obra literária como objeto, ignoram a sua vida em diálogo com o público leitor, que muda com os contextos históricos, sociais, culturais. Nesta vida o papel do acaso é tão relevante e necessário, como na vida e na sua evolução em geral. A obra

está em movimento, lida e interpretada, entre os leitores e entre outros textos, em diferentes espaços, muda com os tempos e as vontades imprevisíveis. Por exemplo: “Ao escrever *Colônia penal*, Kafka não tinha em mente os campos de extermínio hitlerianos, porque antes da primeira guerra mundial não existiam. Mas nós, não podemos ignorá-los, lendo hoje este conto”⁵.

7.

Leio Lem. Leio no ebook o que ele escreveu há vinte anos, vislumbrando a expansão da internet ao ponto de chegar o dia em que

uma pessoa ficando em casa possa ter acesso a todas as bibliotecas do mundo, inclusive videobibliotecas, entregar-se a um intenso intercâmbio intelectual com inúmeras pessoas graças a aperfeiçoado e-mail, correio eletrônico, ver obras de arte (...), desenvolver uma intensa atividade econômica (...), paquerar (...), ver paisagens dos países distantes... e assim por diante, pode tudo sem nenhum risco (a não ser financeiro)... mas com tudo isso permanece na solidão (LEM, 1996, p. 139).

Vislumbrando assim as mirabolantes perspectivas da comunicação eletrônica e do acesso à informação, Lem alertava sobre os efeitos colaterais da substituição do natural pelo seu sucedâneo artificial na esfera de relações humanas. A perfeição e os encantos da eletrônica a serviço da comunicação não substituem a necessidade de uma autêntica relação entre as pessoas. A ilusão provocada pela oferta dos meios que prometem alargar e intensificar contatos com o outro e o mundo todo, pode levar a uma solidão em meio à multidão do mundo virtual. No entanto, podem também amenizar a solidão, a separação.

8.

Seríamos apenas hospedeiros da Razão? Toda a humanidade hospedando, ao longo da evolução biológica, essa passageira, que um dia pode se desprender, emancipar-se, e, sem precisar mais do frágil corpo humano, seguir além da dor, além do Bojador do universo? Uma parasita? Uma estranha disfarçada de companheira fiel e inseparável? Fala Golem, supercomputador do futuro, dirigindo-se aos homens:

5 Cit. por JARZEBSKI, Jerzy. „Byt i Los”. In: LEM, 2010, p. 596.

A evolução não visava nem vós particularmente, nem outros seres, pois o que contava não eram quaisquer seres, mas só o famigerado código. O código genético é uma mensagem articulada sempre de novo e só essa mensagem conta na Evolução – e, na verdade, ela mesmo é a Evolução. O código está engajado numa produção periódica de organismos, porque, sem o seu suporte periódico ele iria se desintegrar num incessante ataque browniano da matéria morta (LEM, 1981, p. 35).

Podemos ser apenas veículos do Código capaz de elevar a Razão, através de suas inúmeras encarnações até o estágio em que não precisará mais do corpo biológico para seguir a sua Odisséia cósmica ou para administrar os domínios extraterrenos. Nos descartará ou tomará conta de nós? *Anthropic Principle* – o termo *anticopernicano* cunhado em Cracóvia mesmo, por Brander Carter, durante sessão comemorativa de Copernicus, em 1973 – podemos substituir por *Robotic Principle*, ou seja, a ideia de que tudo desde o princípio trabalhava para o surgimento de uma máquina pensante, onipotente, *Espírito ex máquina*, que, com um pouco de boa vontade e sentido de humor, não passaria de mais uma, não muito heterodoxa teodicéia.

9.

A hipótese do “gene egoísta”, Lem formula antes de Richard Dawkins ter lançado o seu *The Selfish Gene* (1976). Egoísta porque trata organismos como o veículo de sobrevivência, preocupando-se só da sua própria vida eterna. Mas, como o processo de transmissão do código genético nem sempre é perfeito, ocorrem erros, e assim o processo da evolução pode prosseguir, organismos ficam alterados, uns perdem o trem, outros seguem a viagem a serviço do código egoísta e persistente. Até que numa etapa tardia da criação biológica aparece a Razão. Aqui, Lem apresenta uma hipótese que destoa da nossa humana, muito humana presunção: a Razão não é tanto o coroamento da marcha da evolução biológica, quanto um recurso, uma força que surge para socorrer os seres frágeis e defeituosos dos estágios avançados da evolução biológica, seres ameaçados de extinção. Foram os humanos a desenvolver mais este recurso, criando línguas étnicas e culturas, que levam à fabricação da inteligência artificial. No *Golem XIV* Lem antecipa o momento em que a humanidade, ao produzir uma inteligência artificial superior ao intelecto humano, terá que decidir: ou os homens deleguem às máquinas o gerenciamento da sua existência e do seu destino, condenando-se assim à auto-degradação e submissão, ou evoluem transformando a sua própria

natureza com os meios da engenharia capazes de colocá-la no patamar mais alto, superar os hiper-cérebro eletrônicos, e assim proporcionar condições para a expansão cósmica e ilimitada da Razão.

10.

Até que ponto as ideias de Lem são marcadas pelo “gnosticismo tecnológico”, como o define Hermínio Martins?

A tecnologia leva à manipulação do mundo material e por isso deixa a impressão de que é contrária à gnose. Porém, com a expressão aparentemente paradoxal – “o gnosticismo tecnológico” –, está definida aqui a relação das realizações, aspirações e projetos tecnológicos com um sonho, próprio da gnose, de ultrapassar os limites da condição humana (MARTINS, 1993, p. 229).

É possível mostrar, que em suas ideias, Lem se aproxima de vez em quando do gnosticismo tecnológico no sentido aqui definido. Aproxima-se, mas sem permanecer nesta posição – por dois motivos: por seu ceticismo quanto à possibilidade de definir os últimos fins da humanidade; e por seu ceticismo quanto à capacidade do homem de usar os meios tecnológicos só para o bem de sua espécie. Lem não é um humanista que prega a superioridade do homem acima de tudo, pois existe algo que o supera e transcende: a Vida.

Assim muitas vezes clamava, dava conselhos, como no deserto, para que a Ciência tornasse a imitar, através dos processos de pesquisa, a Vida como Tecnologia. No final da *Summa technologiae*, escrevo, que os aminoácidos, a língua proteíno-nucleotídea criam os baobás, vírus, macacos, crocodilos, algas, filósofos, enquanto a nossa língua humana só cria filosofias (LEM, 2009, p. 111).

Ao se aproximar do fim sua vida, o autor da *Summa technologiae* podia ver como as Ciências seguiam os rumos por ele preconizados, mas também podia observar a mediocrização nos usos das conquistas tecnológicas, que tanto o irritava, e certamente não contribuía para reforçar as suas passageiras inclinações gnósticas.

11.

Agnóstico declarado, racionalista, criador dos seres superiores aos humanos (mas não necessariamente sobrenaturais), dos deuses hipotéticos, “deuses defeituosos”, também luciféricos, outros mundos, fenômenos misteriosos ainda inexplicáveis... Lem de modo algum entra em guerra com a religião; ao contrário, precisa dela e, em sua obra, explora bastante os temas metafísicos, criando hipóteses, inclusive, da vida eterna (geralmente em forma caricatural, que lembra histórias grotescas de Wolter), mas deixa claro que está no território em que Deus para ele não existe, território de quem por opção não acredita no que lhe parece irracional e contraria os dados empíricos. Os deuses são para se acreditar ou não neles e, acreditando, para adorar e não justificar filosoficamente ou cientificamente a sua existência. Para Lem basta ser inconciliável a sua existência com a razão e com a experiência, e também com o sofrimento onipresente na evolução da vida e na história do homem, para se colocar na posição de quem não acredita.

12.

Como é possível os seres que além do canal de transmissão genética em cromossomos, possuem um canal de transmissão à parte, o de cultura, independente do canal genético, serem incapazes de avistar qualquer aprendizagem da sua história banhada em sangue? (LEM, 2009, p. 106).

A pergunta pode parecer ingênua, mas não é. Porque mesmo que Lem não tenha ilusões quanto ao potencial destrutivo que herdamos em cromossomos, não se rende ao destino, discute com ele, diferentemente de Leminski (“Não discuto com o destino / o que mandar eu assino”). Se mesmo na evolução biológica há lugar para o acaso, uma adesão ao determinismo histórico parece dificilmente justificável. Considerando os estragos que tem provocado ao longo dos tempos, merece tanto uma rejeição, quanto a ridicularização, como nesta confissão referente ao autor da *Fenomenologia do Espírito*: “Eu não suportava Hegel, não conseguia lê-lo, por ele estar tão convencido de que o próprio Absoluto falava por ele para a maior glória do Estado prussiano”. Quem confessa é professor Hoghard, personagem heteronímica de Lem, no seu romance *Glos Pana (A voz do Mestre)* (LEM, 1968, p. 122).

13.

Traduzo *Provocação* de Lem, uma provocante radiografia do hitlerismo e, do seu “sucessor”, o terrorismo contemporâneo. Traduzo em Cracóvia, cidade de Lem, na primavera de 2015. Clima tenso da campanha das eleições presidenciais. Nenhum dos candidatos que, em nome do “bem da nação”, atacam seu adversário apontando com “justa indignação” seus erros, culpas, perigos, caso seja eleito, imagina que está dando corda ao radicalismo cujo parentesco com o terrorismo, nem sempre visível, existe. Estamos numa democracia, mas uma democracia frágil no século em que o terrorismo internacional conta com aliados poderosíssimos. As críticas acirradas e muitas vezes exageradas dos defeitos e imperfeições no funcionamento da democracia, a demonização dos adversários na corrida pelo poder, além de terem marcas anacrônicas das lutas do tempo da ditadura, podem servir – sem querer – como reserva de combustível para os extremismos de hoje.

Cada autêntico movimento de oposição que tem os motivos sólidos para a luta na situação de uma verdadeira opressão ou exploração, externamente parecido com o extremismo pseudopolítico, favorece sem querer os falsificadores que apresentam o assassinato como o instrumento de luta pelo bem, uma vez que aumenta a confusão reinante na análise das ocorrências e dificulta, senão impossibilita, a distinção entre as culpas aparentes e verdadeiras. Mas quem e em que lugar neste mundo está angelicamente sem culpa até o fim? E assim surge o jogo de mímica, surpreendentemente eficaz. Se a razão simulada não se distingue da razão sincera, não é tanto em virtude da perfeição dos simuladores, mas por não ser totalmente limpa a consciência das sociedades que engendraram o terrorismo de pós-guerra (LEM, 1951, p. 50-51).

14.

Faz parte da *Filosofia do acaso* o ensaio “Os limites do crescimento da cultura”, em que a casualidade nos processos da evolução da cultura é reconhecida com todos os seus efeitos benfazejos, como promotora da diversidade e do crescimento, mas também como geradora do caos e da cacofonia.

A dinamicidade da cultura se resume a uma realização seletiva dos valores. A questão é como acontece esta seleção. Ela não pode ser casual. Quando os crescimentos são casuais, quando a casualidade domina a emergência e o declínio dos valores professados só momentaneamente, a cultura vira

uma polpa vibrante, sem capacidade de formar e consolidar as atitudes humanas. A mutabilidade subcultural não é uma esperança da cultura, mas a sua enfermidade, não um indicador de caminho, mas um sintoma, uma reatividade e não atividade, um resultado de desorientação e não uma proposta orientadora (LEM, 2010, p. 336).

A cultura não é o elemento da natureza equipada em mecanismos de controle do caos. Na cultura cabe aos homens reconhecer e cuidar dos valores que garantem a sua estabilidade, exercer o controle e a orientação, estabelecer limites, para que a casualidade não leve à desintegração. Cabe ao homem, mas até que ponto ele vai dar conta do recado? A resposta de Lem não é muito animadora.

15.

As suposições dos evolucionistas de que o homem introduziria na sua cultura as suas características biologicamente herdadas, com o potencial de agressividade talvez em primeiro lugar, sempre provocavam e continuam provocando uma grande indignação dos melhoristas formados em humanidades (LEM, 1988, vol. 2, p. 53).

Lem gosta de contar a história em que encefalização, ou seja, o processo de formação da inteligência humana esteja relacionada com o carnivorismo. É a história contada também pelos cientistas como Edgar Morin (*O paradigma perdido*), Robert Andrey (*African Genesis*) ou Robin Fox (*The Imperial Animal*). Há cerca três milhões de anos a prole dos proto-homens vegetarianos se divide em dois ramos: os australopitecos mansos que nem matariam uma mosca (para comer) e seus primos carnívoros que os venceram numa luta fratricida e canibalesca. Há também hipótese que os mansos desapareceram por não se adaptarem as mudanças climáticas, a desertificação africana, ao contrário dos outros, que mudaram a opção alimentícia partindo para caça (o que era mais inteligente e que com o tempo fez aumentar cada vez mais a inteligência). São só hipóteses, há outras, mas o fato é que a nossa herança genética não facilita o trabalho dos construtores das utopias.

16.

Lem não descarta a possibilidade de existência da vida e dos seres racionais (não necessariamente nos moldes da mesma lógica e matemática) nos outros

planetas, inclusive em formas mais avançadas do que na Terra. O fato de não conseguirmos estabelecer o contato com outros habitantes do Cosmos significa só a impossibilidade desse contato diante da imensidão do espaço e do tempo em que a evolução e o declínio da vida e das civilizações só pode ser um ciclo de duração comparável a um piscar de olho. O silêncio do Cosmos não pode ser visto como uma prova de que somos sozinhos no Universo, só que o contato com os outros só pode ocorrer no espaço da ficção, e é a possibilidade que Lem explora até exaustão. Para quê? Para divertir seus leitores, com certeza. Mas não só. Também, e talvez antes de tudo, para com estas histórias de relações interplanetária representar as relações inter-humanas, geralmente nada edificantes, e merecedoras mais das técnicas de panfleto, sátira, grotesco, do que da epopéia. No contato com o outro, com o misterioso, o inconcebível, revelam-se as limitações dos homens que no fundo não estão dispostos a dialogar e interagir; na verdade, querem somente se expandir, como confessam os emisários da humanidade surpreendidos por uma forma de vida diferente no planeta Solaris:

de modo algum queremos conquistar o Cosmos, só queremos alargar a Terra até os seus limites (...). Consideramo-nos cavaleiros do santo Contato. É outra mentira. Não procuramos ninguém a não ser outros humanos. Não precisamos de outros mundos. Precisamos de espelhos (LEM, 1968, p. 74).

Em outros contatos com os extraterrestres revela-se, antes de tudo, a agressividade dos humanos. Por exemplo, a decifração de uma mensagem do Cosmos, enviada pelos seres inteligentes através do raio pulsante de neutrino, logo faz surgir uma ideia de utilizá-la para produção de uma super arma, que permite transferir a reação nuclear para outro lugar, longe de onde foi efetuada (romance *A Voz do Mestre*). No último romance de Lem (*Fiasco*), a expedição para o planeta Quinta, em que foi detectada a vida e uma civilização avançada, termina com a destruição desse planeta pelos humanos, inconformados com as dificuldades de comunicação e falta de uma receptividade esperada da parte dos Quintanos (*Fiasco*).

17.

Kurt Vonneguth escreveu: “Para mim Lem é o mestre de pessimismo incurável, vislumbrando com susto o que a humanidade tresloucada pode ainda aprontar, caso sobreviva”. Ao mesmo tempo, ele reconhecia o sentido de humor

do autor de *Solaris*, que aprendeu a fazer caretas e palhaçadas “só para a sua assustadora visão do futuro pudesse parecer fingida para o leitor” (VONNEGUT, 1989, p. 24, 26).

18.

Numa das cartas a seu tradutor americano Michael Kandel, Lem confessa de ter reunido nos últimos anos pastas cheias de coisas inacabadas e abandonadas por lhe parecerem demasiadamente “*sophisticated*”. Questiona o direito de exigir de quem quer que seja a decifração de seus textos complicados, produtos de máquina de “superestilização”, formando um “labirinto linguístico”, mesmo sabendo que não faltam apreciadores e entusiastas dessa sofisticação. Mas ele questiona a autenticidade desta apreciação, deste entusiasmo. E parece ter certa razão.

sei, no entanto, que os que se tornaram lemológos e lemolófilos, permanecem “de plantão de encanto” mesmo com tamanha complicação dos meus textos... mas será que eles possam se deliciar com ela de verdade? Não vão projetar no meu texto as suas antecipações? Ao ler recentemente uma pilha de resenhas italianas, em que o meu *Eden* estava a ser elevado ao pedestal do “roman philosophique”, e onde se insistia que o meu *Retorno das estrelas* tinha valores épicos, fiquei com tanta vergonha que não consegui ler até o fim (Carta a Michael Kandel de 23 de fevereiro de 1978. LEM, 2013, p. 628).

Seria uma pitada de modéstia de quem não costumava pecar por ela? Ou uma vaidade disfarçada? Ou apenas uma prova de que não faltava a Lem o sentido de humor?

Referências

- ADORNO, Theodor W. “O ensaio como forma”. In: *Theodor W. Adorno*. Gabriel Cohn (ed.), tradução de Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1994.
- DICK, Philip K. *Ubik*. Tradução de Michał Ronikier. Posfácio de Stanisław Lem. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1975.
- JARZĘBSKI, Jerzy. „Byt i Los”. In: LEM, Stanisław. *Filozofia przypadku*. Warszawa: Biblioteka Gazety Wyborczej, 2010.
- LEM, Stanisław. *Fantastyka i futurologia*. Posłowie Jerzy Jarzębski. Vol. 1-2. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 2003.

- LEM, Stanisław. *Filozofia przypadku. Literatura w świetle empirii*. Warszawa: Biblioteka Gazety Wyborczej, 2010.
- LEM, Stanisław. *Filozofia przypadku*. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1988.
- LEM, Stanisław. *Głos Pana*. Warszawa: Warszawa: Czytelnik, 1968.
- LEM, Stanisław. *Golem XIV*. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1981.
- LEM, Stanisław. *Solaris. Niezwykły*. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1968.
- LEM, Stanisław. *Prowokacja*. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1951.
- LEM, Stanisław. *Sex Wars*. Warszawa: Biblioteka Gazety Wyborczej, 2009.
- LEM, Stanisław. *Sława i fortuna. Listy do Michaela Kandla*. 1972-1987. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 2013.
- LEM, Stanisław. *Tajemnica Chińskiego pokoju*. Kraków: Universitas, 1996.
- MARTINS, Hermínio, *Hegel-Texas. Issues in the Philosophy and Sociology of Technology*, in: H. Martins (ed.) *Knowledge and Passion – Essays in Honour of John Rex*, London: I. B. Tauris, 1993.
- VONNEGUT, Kurt. „Ludzie, czy to tylko żarty?” In: *Lem w oczach krytyki światowej*. Wybór i opracowanie Jerzy Jarzębski. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1989.

Vilém Flusser: a tradução como superação de fronteiras¹

Cláudia Santana Martins

Resumo: *Vilém Flusser considerava-se um “cidadão de Praga”. Entretanto a sua Praga, a “cidade dourada” em que tchecos, judeus e alemães conviviam em clima tenso, mas de grande riqueza intelectual, foi destruída pela invasão nazista. Forçado a exilar-se, Flusser veio para São Paulo, onde morou durante 32 anos e naturalizou-se brasileiro. Aqui desenvolveu a sua filosofia da língua e da tradução, e iniciou as pesquisas que o tornariam mundialmente conhecido como teórico dos novos meios de comunicação. Este artigo discute as ideias de Flusser sobre língua, tradução, cultura e identidade. Como imigrante e poliglota, Flusser desfrutava de uma situação privilegiada para refletir sobre as barreiras entre as nações e as línguas, e considerava a tradução como uma das únicas possibilidades de se superar essas barreiras.*

Palavras-chave: *Vilém Flusser; Estudos da Tradução; Filosofia da Língua; Cultura; Identidade.*

Introdução

A palavra alemã *Bodenlos*, que significa “sem chão”, “sem fundamento”, era de tal importância para Vilém Flusser que ele a escolheu como título de sua autobiografia filosófica. Quando se conhece a história pessoal de Flusser, é fácil entender a razão dessa escolha. Nascido em 1920 em Praga, na antiga Tchecoslováquia e atual República Tcheca, Flusser passou a infância e adolescência na atmosfera intelectual e artística da “cidade dourada” entre as duas guerras. Praga era, na época, um grande centro cultural com características próprias. A nova cultura tcheca, inspirada pela política progressista de Masaryk, juntava-se à vida

1 Este artigo é uma reescrita e adaptação de alguns tópicos desenvolvidos em meu livro *Vilém Flusser: a tradução na sociedade pós-histórica* (MARTINS, 2011).

cultural judaica europeia e à tradicional cultura alemã da Casa de Habsburgo. Na visão de Flusser, “as três culturas se fertilizavam mutuamente por lutas e colaborações”, o que propiciava uma grande riqueza de ideias. Era o tempo do Círculo de Praga, de Kafka, de Rilke, do teatro experimental de Kapek, da fenomenologia de Husserl, da teoria da relatividade de Einstein e das várias escolas de psicanálise. A esse núcleo central formado por tchecos, judeus e alemães, agregavam-se outros povos das mais variadas origens, etnias, culturas e religiões, convivendo em um clima de alto refinamento, mas também constantemente ameaçado por violentos conflitos. Como membro de uma família de intelectuais, de origem judaica, Flusser participou entusiasticamente da efervescência cultural de Praga.

Quando Flusser estava iniciando seus estudos universitários, aos dezenove anos de idade, Praga foi invadida pelos nazistas. Flusser foi forçado a se exilar. Viajou com a família da namorada, Edith Barth, primeiro para a Inglaterra, em 1939, e depois para o Brasil, um país de língua e cultura muito diferentes de sua cidade natal. No livro autobiográfico *Bodenlos*, Flusser (2007, p. 225) conta que todas as pessoas às quais fora ligado em Praga haviam morrido: os judeus, em campos de concentração; os tchecos, na resistência; os alemães, em Stalingrado. Não é de admirar que ele se sentisse “sem fundamento”. O que é admirável é a forma como ele usou essa condição de desenraizamento para desenvolver reflexões filosóficas que alcançaram repercussão mundial e contribuíram para uma melhor compreensão da sociedade pós-industrial ou, como Flusser dizia, “pós-histórica”.

Flusser se tornou conhecido mundialmente como um teórico dos novos meios de comunicação – seus ensaios sobre a sociedade “pós-histórica”, ou “telemática”, são considerados pioneiros nesse campo. Não obstante, os temas discutidos por Flusser em sua obra são bastante variados, incluindo a língua, a tradução, a arte, os gestos (no aspecto fenomenológico) e o *design*, apenas para citar alguns. Examinaremos a seguir algumas das reflexões desenvolvidas por Flusser sobre a língua, a tradução, a cultura e a identidade.

Língua: “Majestosamente bela, porém sempre imperfeita”²

Flusser nasceu em ambiente bilíngue: em Praga, falava-se tcheco em casa e alemão na escola e no trabalho. Nos anos de sua adolescência, duas influências, a de Kafka e a de Rilke, marcaram a sua relação com a língua. De um lado, Kafka,

2 O título é citação do livro de Flusser, *Língua e realidade* (1963, p. 19).

escrevendo no alemão oficial e burocrático de Praga, desmascarava, segundo Flusser (1967, p. 71), o artificialismo dessa língua; de outro lado, Rilke lhe mostrava um vislumbre do “mistério” que habita a língua. Essas duas influências, aparentemente opostas, constituíam, para Flusser (1976, p. 501), “a mesma beleza, a saber, a da poesia enquanto boca do inefável”. Ainda em Praga, como aluno do sistema ginásial herdado do Império Austro-Húngaro, Flusser aprendeu latim e grego clássicos. E ao ler Ortega y Gasset apaixonou-se pelo estilo do escritor a ponto de querer aprender espanhol – estudo que seria interrompido pela invasão de Praga pelos nazistas (FLUSSER, 2007, pp. 73-74).

Durante os poucos meses em que viveu na Inglaterra, como exilado, Flusser aprofundou seu conhecimento do inglês, língua que admirava pela riqueza e plasticidade. Vindo para o Brasil, acabou adotando o português em sua vida diária, em substituição ao tcheco³. E ao final da vida, ao se mudar para a França, o francês passou a ser a língua de seu cotidiano.

É natural, assim, que Flusser viesse a fazer da língua um dos seus principais temas de reflexão. Em seu autorretrato filosófico – publicado, em português, no livro *Rumos da filosofia atual no Brasil em autorretratos*, organizado pelo Pe. Stanislavs Ladusãns –, Flusser (1976, p. 499) declara seu amor pela língua:

Os contornos do meu futuro caminho começavam a delinear-se; o problema central seria a língua. Em primeiro lugar, obviamente, porque amo a língua. Amo sua beleza, sua riqueza, seu mistério e seu encanto. Só sou verdadeiramente quando falo, escrevo, leio ou quando ela sussurra dentro de mim, querendo ser articulada. Mas também porque ela é forma simbólica, morada do Ser que vela e revela, canal pelo qual me ligo aos outros, campo de imortalidade “aere perennius”, matéria e instrumento de arte. É meu repertório e minha estrutura, meu jogo, modelo de todos os meus modelos, é aberta e me abre ao inarticulado. Ela é meu engajamento, nela me realizo e por ela deslizo rumo ao seu horizonte e fundamento, o silêncio do inarticulável. Ela é minha forma de religiosidade. É, quiçá, também a forma pela qual me perco.

O trecho citado acima relata o momento em que Flusser iniciou as pesquisas para escrever aquele que seria o seu primeiro livro publicado: *Língua e realidade*,

3 Um relato de Flusser (2003, p. 90) em entrevista a Patrik Tschudin mostra quão profundamente ele adotou o português: pouco antes de sua morte, ao voltar a Praga, Flusser se empolgou ao dar uma conferência e, sem perceber, começou a falar em português, até ser alertado por sua esposa de que a plateia não estava entendendo nada.

lançado no Brasil em 1963. Nesse livro, Flusser estabelece uma ponte entre duas grandes correntes filosóficas de seu tempo – a fenomenologia (em suas várias vertentes, mas, em especial, o pensamento de Heidegger) e a filosofia da linguagem de Wittgenstein – e defende a ideia de que a língua é, cria, forma e propaga a realidade.

À luz da linguística atual, a teoria exposta por Flusser em *Língua e realidade* pode ser considerada limitada ou ultrapassada em muitos aspectos, já que adota como unidade de análise a frase, sem se referir ao conceito de texto e sem tratar do “discurso” no sentido de uma construção vinculada a contextos sociais, históricos e ideológicos. É preciso lembrar, contudo, que o objetivo de Flusser era defender a tese de que a língua “cria” a realidade, o que ele fez de modo bastante convincente. Não deixa de ser impressionante que Flusser tenha conseguido chegar às conclusões a que chegou partindo apenas da multiplicidade das línguas. E se é verdade que Humboldt e Sapir-Whorf já haviam desenvolvido reflexões semelhantes a respeito da língua, também é preciso reconhecer que a teoria flusseriana atualiza Humboldt em vários aspectos e confere à tradução um papel mais claramente definido do que a teoria de Sapir-Whorf. A teoria linguística de Flusser resgata a radicalidade do pensamento de Humboldt ao mesmo tempo em que o livra dos ranços idealistas.

A concepção flusseriana de língua apresenta elementos que poderiam ser considerados pós-modernos. Entre esses elementos, destaca-se a relativização do conceito de verdade, que, em virtude da crise epistemológica da ciência, veio a se tornar um dos temas mais característicos da pós-modernidade. Como solução do impasse a que a relativização dos conhecimentos conduz a ciência, Flusser propõe que nos resignemos ao fato de que as nossas possibilidades de conhecimento são limitadas. Flusser (1966, pp. 154-155) acredita que conhecimento progressivo é perfeitamente possível, o que pode ser comprovado pelo desenvolvimento das ciências. O fato de um conhecimento ser “válido apenas dentro de uma dada estrutura de intelecto” não diminui o valor epistemológico do discurso.

Outro elemento que se destaca na concepção de língua de Flusser é a rejeição de uma concepção de “eu” como uma entidade singular – rejeição que está ligada à importância que Flusser (1966, p. 172) atribui ao dialogismo:

A conversação é um campo no qual me encontro com outros, no clima da realidade. A conversação é o fundamento do meu estar aqui na realidade. Sou, realmente, eu, porque concordo com outros, conversando. O fundamento da minha realidade é um acordo com outros. [...] É neste sentido que

posso dizer que a língua é produto de um convênio, que é convencional, que ela é produto de um acordo quanto ao seu significado.

Flusser (1966, p. 179) define o “eu” como “aquele nó de frases, na conversação, que está aberto para o nada; por esta abertura pode irromper a poesia para enriquecer a conversação e dar-lhe impulso para realizações futuras”.

A visão da língua como jogo é outro elemento característico em Flusser que também está presente em outros pensadores atuais. Wittgenstein, em *Investigações filosóficas*, já havia elaborado o conceito de “jogos de linguagem” como ligação entre o mundo e a realidade. O Wittgenstein que Flusser cita ao refletir sobre a língua é, contudo, o da primeira fase, do *Tractatus*. Embora, por um lado, possamos lamentar que não haja em Flusser uma reflexão sobre importantes elementos desenvolvidos ou aprofundados na segunda fase de Wittgenstein, como a questão do “uso” na língua, por outro lado, ao não se fixar apenas na língua, Flusser pôde desenvolver um conceito de jogo mais amplo, identificando o jogo ao próprio paradigma da contemporaneidade.

Em *Gramatologia*, Derrida (1973, p. 61) relaciona o conceito de jogo com a “ausência do significado transcendental”: “Poderíamos denominar jogo a ausência do significado transcendental como ilimitação do jogo, isto é, como abalamento da onto-teologia e da metafísica da presença.”

Em estilo bem mais pessoal e prosaico, em um texto autobiográfico escrito para uma enciclopédia de filósofos brasileiros da atualidade, Flusser (1976, p. 506) também relaciona o “jogo da língua” à busca e à ausência de significado: “A língua se me apresenta como jogo, cujo significado busco. Ainda não o encontrei nem sequer posso imaginar ou intuir o encontro. Seria o fim do jogo.”

Tradução: atravessando abismos

Como imigrante e poliglota, Flusser se considerava “um problema de tradução”:

Sinto-me abrigado por, pelo menos, quatro línguas, e isto se reflete no meu trabalho: traduzo e retraduzo constantemente. Eis uma das razões pelas quais me interesso pelos fenômenos da comunicação humana. Reflito sobre os abismos que separam os homens e as pontes que atravessam tais abismos, porque flutuo, eu próprio, por cima deles. De modo que a transcendência das pátrias é minha vivência concreta, meu trabalho cotidiano e o tema das reflexões teóricas às quais me dedico. (Apud KRAUSE, 1998, pp. 11-12).

Já no primeiro capítulo de *Língua e realidade*, assim que estabelece a definição de língua como articulação da realidade, Flusser levanta a questão da tradução. Se cada língua constitui um cosmos diferente, como é possível a tradução?

Para Flusser, a língua não é um sistema fechado. Existe a possibilidade de se passar de uma língua à outra, existe a possibilidade de tradução e existem indivíduos políglotas. Essa possibilidade, nos alerta Flusser, não deve levar à ressurreição do “monstro da coisa em si” – ou do que poderíamos chamar de “essencialismo”. A tradução não significa a possibilidade de se dizer “a mesma coisa” em duas línguas diferentes. Tomando como exemplo as línguas portuguesa e inglesa, Flusser (1963, pp. 44-45) diz que a resposta clássica para a pergunta a respeito da possibilidade da tradução seria que “existe um conjunto chamado ‘língua portuguesa’, outro conjunto chamado ‘língua inglesa’ e um terceiro conjunto chamado ‘realidade dos dados brutos’”, e que os dois primeiros conjuntos consistiriam em “símbolos significando os dados do terceiro conjunto”. Essa análise clássica precisa ser abandonada, já que abandonamos o conceito de “realidade dos dados brutos”.

Flusser (1963, p. 45) propõe uma reformulação, pela qual se diria que

[...] existe um conjunto chamado “língua portuguesa” e outro chamado “língua inglesa”. Ambos consistem de palavras hierarquicamente organizadas e são governados por regras de combinação de palavras. As hierarquias e as regras dos dois conjuntos são parecidas.

Quando o “lugar hierárquico” e as regras que estipulam a forma das palavras e frases a serem traduzidas são semelhantes na língua de chegada, a tradução é possível, ainda que nunca de modo absoluto. Portanto, a tradução é, em princípio, realizável somente graças ao parentesco de certas línguas. Flusser enfatiza que se trata de um parentesco ontológico, e não etimológico, e cita como exemplo o curioso parentesco ontológico que existe entre o grego clássico e o alemão moderno, inexplicável etimologicamente. À medida que aumenta a distância ontológica entre as línguas, a tradução passa a ser mais difícil. “A tradução é, a rigor, impossível. Ela é possível aproximadamente, graças às semelhanças existentes entre as línguas, semelhanças ontológicas” (FLUSSER, 1963, p. 51).

Um outro aspecto importante da tradução é o momento da passagem de uma língua para a outra. “Durante a tradução, durante esse instante ontologicamente inconcebível da suspensão do pensamento, paio sobre o abismo do nada.” Existencialmente – e aqui Flusser (1963, p. 47) se refere explicitamente ao existencialismo – “toda tradução é um aniquilamento”, “uma miniatura de morte”.

Lembremos que, para Flusser, o silêncio é um dos limites da língua, quer se trate do silêncio do inarticulado, quer do inarticulável; quer do silêncio místico, quer do silêncio da loucura. (Wittgenstein é constantemente citado por Flusser como um pensador que, ao se deparar com a tautologia da língua, teria caído em um silêncio místico). Quando Flusser menciona o “aniquilamento” envolvido no processo tradutório, não há como não lembrarmos o risco, mencionado por Benjamin, de o tradutor encerrar-se no silêncio. O “monstruoso perigo originário de toda tradução” seria

[...] que se fechem as portas de uma língua tão dominada e expandida, encerrando o tradutor no silêncio. As traduções de Sófocles foram a última obra de Hölderlin. Nelas, o sentido precipita-se de abismo em abismo, até arriscar perder-se no sem-fundo das profundezas da língua. (BENJAMIN, 2001, p. 213).

Na concepção de Flusser (1963, p. 50), a tradução é sempre “um salto no abismo”:

[...] a possibilidade da tradução é uma das poucas possibilidades, talvez a única praticável, de o intelecto superar os horizontes da língua. Durante este processo, ele se aniquila provisoriamente. Evapora-se ao deixar o território da língua original, para condensar-se de novo ao alcançar a língua da tradução.

A possibilidade da tradução, além de revelar que a língua é um sistema relativamente aberto, indica que o conceito “língua específica” não pode ser bem definido. Essa afirmação mostra que Flusser não adere a uma hipótese Sapir-Whorf “dura” ou “forte”. Aliás, a abordagem de Flusser resolve muitos dos problemas levantados pelos críticos da hipótese Sapir-Whorf, ao introduzir uma dialética na língua. A língua determina o pensamento, e cada língua é um cosmos, mas a língua não é um sistema fechado, portanto existe a possibilidade de comunicação entre os diversos cosmos. “Cada língua inclui em seu mundo todas as demais línguas pelo método da tradução.” (FLUSSER, 1963, p. 138) Pela tradução, é possível participar-se de diversas realidades.

Do que foi dito, fica evidente a importância da tradução para a filosofia. Para Flusser (1963, p. 82), a filosofia ocidental é “uma conversação entre diversas filosofias, conversação essa baseada em traduções mais ou menos falhas”. Mais ainda: a filosofia é “uma conversação que tem por tema essa própria conversação”. Como diz Bento Prado Jr, na lapidar resenha de *Ficções filosóficas* escrita para

a *Folha de S. Paulo* (13.02.1999), Flusser considerava a tradução como “o problema central da filosofia”:

Não apenas, como muitos filósofos (Croce, por exemplo, que tematizava a questão da “intradutibilidade” como característica essencial da poesia), como um problema entre outros, mas como uma nova versão da questão kantiana sobre os limites da Razão, como o problema “crítico” por excelência. Não apenas a questão da tradução da poesia, ou de uma linguagem natural para outra. Mas a questão da problemática superposição dos diferentes sistemas simbólicos com que exploramos o mundo, dos limites que os encerram cada um em si mesmo e dos abismos que os separam, mesmo se podem comunicar-se mediante fronteiras muitas vezes porosas.

Cultura e identidade

A visão de Flusser sobre a relação entre língua e realidade se reflete, como seria de se esperar, em sua visão de cultura. Para Flusser (2007, p. 67-70), a cultura a que se pertence por nascimento informa o próprio pensamento, inclusive em suas camadas inconscientes, e também o ambiente em que se vive. Tal cultura é vivenciada como um “dado” e como cultura *tout court* pela enorme maioria dos que a compartilham. Em outras palavras, a cultura a que se pertence estrutura o universo todo, englobando, nesse sentido, as demais culturas. A descoberta de que se trata apenas de uma entre várias culturas existentes não é algo que aconteça a muitas pessoas. Essa rara descoberta “encerra o germe da doença da falta de fundamento, porque permite uma visão externa da cultura à qual a gente pertence”. Uma vez que se transcenda a própria cultura, isto é, quando a pessoa se vê nessa condição de falta de fundamento, ela “passa a pairar por cima de um conjunto complexo de várias culturas, e a gente⁴ se vê a si própria assim pairando. [...] Tal visão permite comparações entre culturas, mas exclui toda valorização, e portanto todo engajamento em determinada cultura”⁵.

4 Em *Bodenlos*, Flusser usa a expressão “a gente” no lugar da primeira pessoa do singular, “eu”. Para Gustavo Bernardo Krause (2007, p. 14-15), o filósofo questiona, dessa forma, o “eu solar” e, em consequência, “todo o *cogito* cartesiano que informa e modela o pensamento ocidental e a sua expressão”. Esse recurso despersonalizante provoca “um estranhamento poético que desautomatiza a leitura” e, paradoxalmente, torna o texto de Flusser “perturbadoramente único”.

5 Seligmann-Silva (2009a, p. 9) observa que essa valorização do conceito de identidade como fluxo, suspensão (*Schweben*) encontra-se também em Schlegel e Novalis, assim como em Benjamin.

Para Flusser (1998, pp. 39-45), o imigrante é alguém que abandona uma situação para integrar-se em outra. Trata-se de um processo dialético, em que o imigrante “se abre a uma nova situação a fim de alterar-se e a fim de alterá-la”. O imigrante recebe o impacto do ambiente, e o ambiente recebe o impacto do imigrante. “O resultado do processo, se coroado de êxito, é a alteração de ambos os fatores.” Na visão de Flusser, o imigrante estaria em uma posição fenomenologicamente privilegiada para descrever o país para o qual migrou e a sua cultura. Para o imigrante, é mais fácil situar-se um “passo atrás” em relação ao fenômeno a ser observado, como manda a *epoché* (método de redução fenomenológica adotado por Husserl), porque “o imigrante se encontra em ‘transcendência’ do problema pela sua própria situação, desde já e automaticamente”.

Paradoxalmente, Flusser achava que a liberdade do migrante consistia em permanecer estrangeiro. Ao descrever o processo de integração entre o exilado e os habitantes nativos, Flusser (2003, p. 86-87) parece descrever a sua história pessoal, do tempo em que viveu no Brasil – as conversas no terraço de sua casa no bairro do Itaim, em São Paulo, as aulas, as discussões provocadas por seus textos publicados em livros e jornais:

Pode-se, portanto, falar em criação de um processo dialógico, em que acontece um diálogo interno ou externo. A chegada de exilados evoca diálogos externos, e uma colmeia de criatividade cerca espontaneamente o exilado. Ele se torna o catalisador de uma síntese de novas informações. [...] ele tenta entender criativamente o que levou consigo assim como o caos que o cerca no presente. Quando esses diálogos internos e externos entram em ressonância uns com os outros, não apenas o mundo, mas os habitantes estabelecidos e exilados também são transformados criativamente. Foi isso o que eu quis dizer quando disse que a liberdade do exilado consiste em permanecer estrangeiro, diferente dos outros. É a liberdade de mudar a si mesmo e aos outros.⁶

6 “One can therefore speak of creation as a dialogic process, in which either an internal or external dialogue takes place. The arrival of expellees in exile evokes external dialogues, and a beehive of creativity spontaneously surrounds the expellee. He becomes the catalyst for the synthesis of new information. [...] he attempts to make creative sense of what he brought with him as well as of the chaos that surrounds him in the present. When such internal and external dialogues resonate with each other, not only the world but the settled inhabitants and expellees as well are transformed creatively. That is what I meant when I said that the freedom of the expellee consists in remaining foreign, different from others. It is the freedom to change oneself and others.” (Tradução nossa, a partir da tradução do alemão para o inglês de Kenneth Kronenberg).

Nesse processo dialógico, “o exilado é o Outro dos outros”, e essa é a única identidade que ele consegue formar para si próprio. Ele permanece diferente dos outros, e os outros permanecem diferentes para ele. A chegada do exilado permite que os residentes locais criem uma identidade em relação a ele. Surge uma rachadura no “eu” e uma abertura para os outros. Nem sempre esse diálogo é pacífico e tranquilo; “em geral é polêmico e até mesmo sanguinário”:

Isso porque o exilado ameaça a singularidade dos habitantes estabelecidos, colocando-a em questão por sua própria estrangeiridade. Mas até mesmo tal diálogo polêmico é criativo, porque ele, também, leva a uma síntese de novas informações. O exílio, independentemente da forma, é o incubador da criatividade a serviço do novo⁷.

A opção por “permanecer estrangeiro” liga-se à crítica ao nacionalismo, o qual, assumindo sua forma extrema no nazismo, fora o responsável pelos horrores de Auschwitz. Devido ao corte radical e traumático que foi, para Flusser, o exílio, forçado pela violência de uma invasão que causou a morte de todos os que o ligavam a Praga, Seligmann-Silva (2009b, p. 171, n. 4) considera a reflexão de Flusser sobre a *Heimat*⁸ e a identidade como uma filosofia do exílio e não como uma simples filosofia (ou como um elogio) da emigração. Segundo Seligmann-Silva (2009a, p. 3, itálicos do autor), a experiência do exílio, de corte com a “origem”, “construiu dentro de Flusser um *espaço* privilegiado, lançou-o como que sobre uma *ponte* que atravessa nossa cultura, de onde Flusser desfrutou de uma visão *sui generis*, desestabilizadora, da sociedade”.

Anke Finger (2008, p. 48) aproxima o pensamento de Flusser dos Estudos Culturais⁹ em vários aspectos, entre os quais o modo como Flusser questionava todas as fronteiras. Ao assumir-se *Bodenlos*, Flusser apontava “a impossibilidade de

7 “This is because the expellee threatens the singularity of the settled inhabitants, putting it in question by his own foreignness. But even such a polemical dialogue is creative, because it, too, leads to a synthesis of new information. Exile, no matter the form, is the incubator of creativity in the service of the new.” (FLUSSER, 2003, pp. 86-87. Tradução nossa, a partir da tradução do alemão para o inglês de Kenneth Kronenberg.)

8 A palavra alemã *Heimat* não significa apenas “pátria”, conceito talvez melhor expresso pela palavra *Waterland*. *Heimat* abrange também os conceitos de “lar”, “terra natal” e “identidade regional”, evocando aspectos de mito e nostalgia dificilmente traduzíveis em outras línguas.

9 Escola de pensamento dedicada ao estudo da cultura em suas diversas formas por meio de uma perspectiva multidisciplinar, com especial destaque para as relações entre o poder e a cultura. Concentrou-se em torno do *Center of Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham, fundado em 1964 e dirigido por Richard Hoggart e Stuart Hall.

fronteiras claras entre línguas, entre nações e culturas, e entre memórias e conhecimentos”. De fato, a análise de Stuart Hall (2002), ao apontar a desintegração da noção essencialista de identidade, ancorada em uma concepção fixa e imanente de sujeito centrado e unificado, guarda muitas semelhanças com o pensamento e a vivência de Flusser.

Considerações finais

Rainer Guldin (2005, p. 8) acredita que, em Flusser, a *Bodenlosigkeit*¹⁰ se transforma em uma sobreposição libertadora de muitas pátrias diferentes. Essa pluralidade carrega, contudo, marcas de uma ambivalência carregada de tensão, parcialmente resolvida por um processo constante de tradução e a retradução enquanto construção de pontes de entendimento.

Observando que, em vez de romper com suas “pátrias”, Flusser as incorporava, Seligmann-Silva (2009b, p. 164) compara essa situação com a teoria de Derrida sobre a sua “prótese de origem” no ensaio *O monolinguismo do outro*. Derrida, judeu nascido na Argélia, também fora vítima da discriminação e perseguição, tendo sido expulso do liceu onde estudava pelos administradores franceses que implementavam as “cotas antissemíticas” do governo Vichy. Vivendo na França e falando francês, Derrida seria “um ‘exilado’ do árabe, do berbere e do hebraico”. “Minha língua, a única que ouço falar e que me ouço a falar, é a língua do outro.”¹¹ (DERRIDA, 1996, p. 47) Essa situação de “errância identitária” seria exemplar porque “representa ou reflete uma espécie de ‘alienação’ originária que institui toda língua como língua do outro: a impossível propriedade de uma língua”¹² (DERRIDA, 1996, p. 121). Como Flusser, Derrida “também pensava entre as línguas e apresentava uma consciência fora do comum da tarefa tradutória” (SELIGMANN-SILVA, 2009b, p. 164). A *Bodenlosigkeit* dava-lhes uma situação privilegiada para refletir sobre as questões relativas à tradução.

Flusser vê o mundo de um não lugar privilegiado, uma espécie de Aleph borgiano, um ponto focal que só existe por ser a junção de todas as redes que passam por ele e que constituem o seu “eu”. Utopicamente, Flusser projeta um

10 Falta de raízes, de fundamento.

11 “Ma langue, la seule que je m’entende parler et m’entende à parler, c’est la langue de l’autre.” (Tradução nossa).

12 “elle représente ou réfléchit une sorte d’ ‘aliénation’ originnaire qui institue toute langue en langue de l’autre: l’impossible propriété d’une langue.” (Tradução nossa).

mundo em que todos sejam *Bodenlos* e parem, como ele, por sobre as línguas e os modelos.

Referências

- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- _____. *Le monolingüisme de l'autre ou la protèse d'origine*. Paris: Galilée, 1996.
- FLUSSER, Vilém. *Língua e realidade*. São Paulo: Herder, 1963.
- _____. Filosofia da linguagem. In: *ITA-Humanidades*, n. 2, pp. 133-210, 1966.
- _____. *Da religiosidade*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1967.
- _____. Em busca de significado. In: LADUSÃNS, Stanislavs. *Rumos da filosofia atual no Brasil em autorretratos*. São Paulo: Loyola, 1976, pp. 493-506.
- _____. *Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- _____. *The freedom of the migrant: objections to nationalism*. Edited by Anke Finger. Translated by Kenneth Kronenberg. Champaign: University of Illinois Press, 2003.
- _____. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007.
- FINGER, Anke. Vilém Flusser e os estudos culturais. In: FINGER, A.; GULDIN, R.; KRAUSE, G. B. *Vilém Flusser: uma introdução*. São Paulo: Annablume, 2008, pp. 37-58.
- GULDIN, Rainer. *Philosophieren zwischen den Sprachen: Vilém Flussers Werk*. München: Wilhelm Fink Verlag, 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.
- KRAUSE, Gustavo Bernardo. A *épokbé* brasileira. Prefácio a FLUSSER, V. *Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, pp. 7-29.
- _____. A gente de Flusser. Prefácio a FLUSSER, V. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007, pp. 9-15.
- MARTINS, C. S. *Vilém Flusser: a tradução na sociedade pós-histórica*. São Paulo: Humanitas, 2011.
- PRADO JR., Bento. A chuva universal de Flusser. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 fev. 1999.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. De Flusser a Benjamin – do pós-aurático às imagens técnicas. In: *Flusser Studies*, n. 8, May 2009a. Página eletrônica: <http://www.flusserstudies.net/sites/www.flusserstudies.net/files/media/attachments/seligmann-flusser-benjamin.pdf>. Consulta realizada em 12 de agosto de 2015.
- _____. Construir pontes para fora da *Heimat*: Vilém Flusser e as marcas de seu exílio. In: ALMEIDA, S., CURY, M. e WALTJ, I. (Orgs.), *Mobilidades culturais: agentes e processos*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009b, pp. 155-173.

Presença de literatura húngara traduzida no sistema literário brasileiro

Zsuzsanna Spiry¹

Premissas

Uma das primeiras questões que surge durante a reflexão sobre a presença no sistema literário brasileiro de literatura húngara traduzida baseia-se na consideração que Antonio Candido² faz quando determina as características de um sistema literário, que, entre outros fatores, está condicionado ao público leitor, mais precisamente à “existência de um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive” [2007, p. 25]. Portanto, é necessário começar considerando a questão: no Brasil, a quem interessaria uma literatura húngara traduzida? Ou, em outras palavras, quem seria o público alvo desta literatura? Ou ainda, qual seria o interesse em introduzir no sistema literário brasileiro a literatura produzida na Hungria, já que, segundo John Milton³ “uma tradução não é analisada isoladamente, simplesmente em conexão com seu original, mas é vista como parte de uma rede de relações que inclui todos os aspectos da língua-alvo”. [MILTON, 1998, p. 184] A introdução de tal literatura no Brasil teria relevância a ponto de promover as inovações discutidas por Milton? Parece que a melhor abordagem para esta questão é verificar “o desenvolvimento histórico

1 Doutora em Estudos da Tradução, USP. Todas as traduções do húngaro e do inglês são de minha autoria.

2 CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira – Momentos Decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

3 MILTON, J. *Tradução – Teoria e Prática*. São Paulo, Martins Fontes, 1998. Capítulo VII “A tradução como força literária” p 183-204.

da tradução em uma dada sociedade” [1998, p. 188] – no caso, a ocorrência de tradução de literatura húngara no sistema literário brasileiro –, para verificar sua abrangência e influência.

Portanto, a segunda questão, quase que decorrência natural da primeira, é: existe tal literatura traduzida? Qual sua configuração? Quais os agentes envolvidos no processo? Isto é, quem traduziu e o que foi traduzido? Seriam os tradutores eles mesmos escritores brasileiros renomados, uma das modalidades sugeridas por Even-Zohar⁴ ao analisar a posição da literatura traduzida dentro de um polissistema literário? Se não, quem seriam os tradutores e com que motivação teriam produzido suas traduções? Essa questão será relevante durante a avaliação da função da literatura traduzida já que, ainda segundo Even-Zohar, as relações do texto original dentro de seu sistema literário original não serão as mesmas do texto traduzido quando incorporado ao sistema alvo: “É claro que os princípios que definem a seleção das obras a serem traduzidas são determinadas pelas circunstâncias que regem o polissistema original” [EVEN-ZOHAR, 1990, p. 46 e 47]. Considerando as diferenças culturais existentes entre sistemas literários tão distantes quanto o brasileiro e o húngaro, a presente reflexão irá procurar desvendar as circunstâncias do polissistema original e ver de que forma elas podem ser responsáveis pela recepção do público brasileiro.

Além disso, é interessante verificar também se o volume de literatura húngara traduzida teria força para exercer alguma influência na literatura brasileira, já que outro ponto relevante discutido por Antonio Candido refere-se à formação de uma continuidade literária. A idéia é verificar se as obras húngaras traduzidas, ao integrarem o sistema brasileiro, teriam “influenciado a elaboração de outras que as sucederam, estabelecendo deste modo uma tradição contínua de estilos, temas, formas”. [CANDIDO, 2007. p. 26/27]. Como se verá mais adiante, na verdade a literatura húngara traduzida no Brasil representa, segundo os termos de Antonio Candido, muito mais uma **manifestação literária**, cuja principal característica é a ausência de uma continuidade histórica ininterrupta, ou a ausência de uma tradição. [2007. p. 25] Pelo menos numa fase inicial.

Andre Lefevere⁵, ao refletir sobre “a função da tradução numa cultura”, primeiro examina como uma tradução funciona em um contexto mais amplo de

4 EVEN-ZOHAR, I. “The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem”, IN: *Poetics Today* 11:1 (1990), pp. 45-51.

5 LEFEVERE, A. *Translating Literature – Practice and Theory in a Comparative Literature Context*. New York: Modern Language Association of America, 1992, p. 114.

uma literatura e, por extensão, em uma cultura, já que a tradução, em geral, preenche um vácuo. Para ele, a tradução também implica na existência de uma autoridade que delega a tarefa da tradução a ser feita. Ou, voltando a Even-Zohar [1990, p. 46], na existência da autoridade que a seleciona.

Características da língua húngara x prováveis tradutores

Assim, para que a primeira hipótese de Even-Zohar fosse aplicável, teríamos que ter escritores brasileiros, renomados ou não, que conhecessem a língua húngara a ponto de poder traduzir a literatura daquele país. Porém, pode-se adivinhar de antemão, que essa condição nunca existiu por conta das características da língua magiar e o nível de conhecimento necessário para que se possa dela traduzir. Nos conta Guimarães Rosa no famoso ensaio *Pequena Palavra*⁶ que a língua húngara

pertence ao ramo ugriano-finês da grande família turaniana, tanto quanto o finlandês e o turco: mas seus mais parentes, mesmo assim não muito próximos, com esses formando porém o magiar um subgrupo linguístico, são os idiomas falados por pequenos grupos de nômades da rena ou pescadores, na Sibéria: o ostiaco e o vogul. [1998, p. 23]⁷

[...] O que eles buscam, às inspirações, toda-a-vida, é a máxima expressividade [...] São todos individualistas. Desde que o entenda, cada um pode e deseja criar sua ‘língua’ própria, seu vocabulário e sintaxe, seu ser escrito. Mais do que isso: cada escritor húngaro, na prática, quase que não pode deixar de ter essa língua própria, pessoal. O alcance disso é mágico. [p. 29]

E, na sequência, Guimarães Rosa cita um jornalista húngaro famoso,⁸

Cada jornal, em Budapeste, é escrito em seu dialeto “da casa”, às vezes fora da linguagem culta corrente, diz Laczkó Géza; e ajunta: “Na vida da

6 ROSA, J.G. *Pequena Palavra*. IN: *Antologia do Conto Húngaro*, de Paulo Rónai. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998, 4ª ed. p. 13-32.

7 Guimarães Rosa também fala da língua escrita pelos “felizes escritores húngaros” que dispõem de um “aparelho de tanta liberdade”. [p. 28]

8 Jornalista, escritor, tradutor literário e professor, Laczkó Géza (1884-1953) pertenceu à primeira geração da revista *Nyugat*, e participou não somente de seu lançamento como também foi um de seus colaboradores assíduos.

sociedade húngara não basta ter-se espírito; mas a forma lingüística do dito espiritualoso tem também de ser espirituosa”. [idem]

Ou Paulo Rónai, que, ao introduzir sua obra, usa um tom de voz semelhante ao de Guimarães Rosa. Diz Rónai: “estabelecido na região mais central e fértil da Europa [...], no lugar de embate de continentes, religiões e impérios, esse povo oferece à literatura o solo fecundo de uma alma trágica”. Convivendo com vizinhos que pertencem a três grandes blocos lingüísticos, isto é, o eslavo, o latino e o germânico, “o magiar mantém-se estranho e desirmanado, numa independência que constitui enigma para os estudiosos”. [RÓNAI, 1998, p. 35]. Essas características determinam também o isolamento de sua literatura:

Extremamente rico de possibilidades de expressão, mais maneável do que outra qualquer língua civilizada (pois cada bom escritor o recria constantemente), esse idioma por isso mesmo rodeia os que dele se servem de uma barreira quase intransponível.

Traduções feitas diretamente do húngaro, a não ser para o alemão (língua da vizinha Áustria, à qual a Hungria durante séculos esteve ligada por laços antes constitucionais que afetivos), contam-se pelos dedos; em português não conheço nenhuma, salvo as que eu mesmo executei: as demais são versões, às vezes em terceiro ou quarto grau. [RÓNAI, 1998, p. 35 e 36]⁹

Ou seja, a língua húngara não somente é singular, totalmente distante das línguas ocidentais, como também tem peculiaridades em seu expressar literário, e esses fatores sugerem que traduzi-la é uma operação restrita a poucos. Diante disso, e confirmado pelo inventário da literatura húngara traduzida no Brasil, vê-se que não é pertinente considerar a primeira hipótese de Even-Zohar, no caso, que escritores brasileiros de renome que conhecessem a língua original elegeriam traduzir aquela literatura para português. Mesmo traduções indiretas, como se verá, foram poucas e bem específicas.

A literatura húngara é singular não somente para os brasileiros, mas como ressaltou Paulo Rónai, muito pouco dela foi traduzida a nível global, pelo menos até o último quarto do século XX. Assim, para que o leitor brasileiro tenha acesso à literatura húngara, em geral, o tradutor tem que: a) ou ser húngaro nativo, que

9 RÓNAI, P. *Antologia do Conto Húngaro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998, 4ª ed. A primeira edição foi publicada em 1957, portanto Rónai refere-se às traduções produzidas até então.

por força de circunstâncias de vida – restrições econômicas, políticas e sociais –, deixou sua terra natal e emigrou para o Brasil, onde aprendeu o português como segunda língua e então produziu traduções; b) ou ser descendente de húngaros, que não mais tem a língua como nativa, mas a domina o suficiente e/ou se aperfeiçoou nela a ponto de ser capaz de produzir traduções. Ou, como no caso de Paulo Rónai, ter aprendido português ainda na Hungria, antes de emigrar para o Brasil e já ser tradutor profissional em seu país de origem, mas, salvo engano, ele foi caso isolado. A segunda hipótese é, portanto, a que ocorre de fato.

Nunca é demais ressaltar que as considerações desta análise se referem, grosso modo, aos primeiros dois terços do século XX. A partir da queda do muro de Berlim, do conseqüente declínio da antiga URSS e independência húngara do domínio soviético, da entrada da Hungria na União Européia, com a globalização e o advento da internet e as inovações ocorridas no campo da tecnologia e comunicação, para citar alguns fatos mais próximos ao tema em estudo, as condições de vida se alteraram tanto que muitas conclusões desse estudo já não poderiam ser consideradas válidas para o momento atual.

A trajetória da análise

A partir daqui será examinada, com mais profundidade, a segunda questão levantada, isto é, quem no Brasil seria o público alvo de uma literatura húngara traduzida. Como já se viu, devido ao seu isolamento, até recentemente, essa literatura não havia criado fama a ponto de entrar para o cânone universal, portanto não era conhecida nem pela intelectualidade internacional muito menos pela brasileira. Destarte, ela também não poderia despertar o interesse de um provável público leitor brasileiro, a não ser que passasse a ser conhecida por agentes que fossem familiarizados tanto com aquela literatura como com este público alvo. Também será verificado se surgiram condições históricas para que uma tradição, nos termos definidos por Antonio Candido, pudesse ser estabelecida, em todos os aspectos apontados – continuidade e influências de estilos, temas, formas – ou somente parte. Para isso, será verificado quem seriam os prováveis protagonistas que pudessem levar a cabo a consecução dessa provável tradição.

Tradutores de literatura húngara no Brasil

Num primeiro momento, quase que em doses homeopáticas, o agente que cumpriu esta tarefa pioneira de trazer a literatura húngara para o Brasil, não só

selecionando o que seria adequado como também traduzindo, foi o crítico literário e tradutor Paulo Rónai, que chegou ao Brasil em 1941, aos 34 anos de idade, já dominando a nossa língua, que ele aprendera sozinho em Budapeste cerca de três anos antes. Portanto, intelectual com uma carreira já consolidada na Hungria, ao chegar ao Brasil, ele faz esse trabalho pioneiro de divulgar a literatura húngara através de palestras – no dia 22 de julho de 1941 deu sua primeira palestra sobre literatura húngara na Academia Brasileira de Letras, em português – e também de publicação de traduções e artigos de crítica literária em jornais e posteriormente em livros.¹⁰

Além de conquistar reconhecimento geral como crítico literário humanista, no Brasil Rónai se tornou uma referência na colônia húngara já que a maioria das pessoas que tinha algum interesse em publicar traduções do húngaro, passou a buscar seu apoio de diversas formas.¹¹ Um exemplo é Noel Delamare – pseudônimo literário de Roberto Lyra Fº, que apesar de professor na área jurídica, por mais de trinta anos também se dedicou ao estudo e à tradução de poesia, publicando sob o pseudônimo de Noel Delamare em jornais e revistas – que, tendo ciência dos efeitos do isolamento literário acima citado, concebeu um projeto que batizou de *Cancioneiro dos Sete Mares* “com o fim de apresentar em português a lírica estrangeira que, por algum motivo permanecesse desconhecido aqui no Brasil, ou aqui tivesse uma divulgação inadequada”.¹² Ele, então, decidiu dedicar o primeiro

10 Para informações sobre a obra e a vida de Paulo Rónai, consultar SPIRY, Z. *Paulo Rónai, um brasileiro made in Hungary*. Disponível online <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-1812009-154021/pt-br.php> Além disso, consultar RÓNAI, P. *Como Aprendi Português e outras Aventuras*. São Paulo: Globo, 1992.

11 Um caso, que de outra forma não poderia vir a público, já que a informação se localiza no acervo de correspondência particular de Paulo Rónai, é o de Áron Gábor, jornalista e intelectual húngaro que foi deportado para a Sibéria em 1944. Quinze anos depois, ao retornar, publicou sua história em húngaro, num gênero conhecido como literatura de testemunho. Traduzido para várias línguas, quis publicar também aqui no Brasil. Segundo correspondência entre o autor e Paulo Rónai, este o apoiou na revisão da tradução brasileira elaborada nos anos 1970 a partir da tradução inglesa, que Rónai também comparou com o original húngaro e deu parecer a respeito. Rónai também intermediou os trâmites da publicação no Brasil junto à editora e introduzir “notas de editor” no texto brasileiro esclarecendo topônimos russos e terminologia específica dos campos de trabalhos forçados. Contudo, não se encontra nenhuma referência ao nome de Paulo Rónai nos dois volumes publicados em português. Ver GÁBOR, Áron: (1) *Ao Leste do Homem*. Rio de Janeiro, Cia Editora Americana, 1972. (2) *Liberdade Quadrada*. Rio de Janeiro: Pallas S/A, 1976. Os fatos só ficam conhecidos quando se consulta a correspondência entre autor e editor, no acervo de Rónai, toda ela em húngaro.

12 DELAMARE, N. *O Cancioneiro dos Sete Mares*. In: “A Tradução da Grande Obra Literária”, *Tradução & Comunicação*, vol. 2. São Paulo, Ed. Álamó, 1982, p. 80-101.

volume de seu projeto à poesia do poeta húngaro Endre Ady.¹³ Conta Delamare que primeiro recorreu a Paulo Rónai que lhe forneceu “traduções literais e prosaicas” da poesia de Ady. A partir disso, ele as cotejou com versões em língua que dominava [espanhol, francês, inglês, alemão, italiano ou russo], até produzir sua própria versão poética para o português brasileiro. Na correspondência entre eles – confinada no acervo particular de Rónai – existe uma intensa troca de informações sobre questões semânticas relativas à poesia de Ady, a questões culturais, e assim por diante.

Também Nelson Ascher, nascido no Brasil mas filho de imigrantes húngaros, recebeu orientação e críticas construtivas de Paulo Rónai, a quem conheceu pessoalmente, no início de sua jornada como tradutor de poesia húngara para português. Com o tempo, além de jornalista e poeta, Ascher se especializou em crítica literária, tendo publicado suas traduções poéticas húngaras em jornais e revistas. Por exemplo, em *Dicta & Contradicta* de junho de 2009,¹⁴ com o título *Poesia húngara moderna*, ele publicou uma antologia bilíngüe, com treze poetas húngaros, devidamente contextualizada com uma apresentação sucinta, mas abrangente, da história política e literária da Hungria. 19 anos antes, além de trazer a público suas traduções poéticas húngaras em jornais desde o início dos anos 1990, Ascher já havia publicado poesia húngara traduzida por ele, no livro *Canção da Ceifa*, prefaciado por Rónai. No posfácio deste livro, o tradutor-poeta conta sobre seu início e de como Rónai lhe serviu de mestre na arte de traduzir poesia húngara:

Em 1973 eu tinha 15 anos e Petöfi 150. Ou melhor: a Hungria [...] comemorava os 150 anos do nascimento de seu poeta nacional [...] Sándor Petöfi, nascido em 1823 e desaparecido em batalha em 1849, quando sua pátria perdia para os russos a guerra de independência que começara a mover no ano anterior com os Habsburgos. Um almanaque húngaro que meus avós recebiam anualmente reproduzia na capa um retrato impressionante do poeta e apresentando alguns de seus poemas mais famosos, entre eles a *Canção Nacional*, um dos estopins da guerra em questão.

Foi o primeiro poema que li numa língua que, de certa forma, julgava restrita aos meus familiares e a alguns de seus amigos. Nessa mesma época eu descobria, através de Camões e Pessoa, a poesia de língua portuguesa, mas

13 DELAMARE, N. *Canção do Jacobino Húngaro – Endre Ady*. Vol. I – Canção dos Sete Mares. 1979. [edição do autor].

14 ASCHER, N. *Poesia Húngara Moderna*. São Paulo: *Dicta & Contradicta*, publicação semestral do Instituto de Formação e Educação. Junho de 2009, nº 3, p. 158-173

a tríade romântica húngara – Vörösmarty e Arany, além do próprio Petöfi – estava, embora mais distante da minha compreensão idiomática imediata, mais próxima do meu *mood*. Sabendo da existência da poesia na língua dos meus ancestrais e de sua possibilidade na minha, meti-me a traduzir, sem preparo prévio ou indagações teóricas, a tríade húngara para o português, começando pela *Canção Nacional*. Remeti a Paulo Rónai, cujo endereço um amigo da família me havia dado, os primeiros resultados dessa investida inicial. Ele foi, para dizer o mínimo, generoso¹⁵. Pouco depois comecei a tomar maior contato com a literatura magiar através de sua magnífica *Antologia do Conto Húngaro*, uma revelação, e com a arte da tradução através de seus deliciosos *Escola de Tradutores* e *A Tradução Vivida*. Um outro livro de Rónai, *Como Aprendi o Português e Outras Aventuras*, despertou meu interesse em Endre Ady, o revolucionário fundador da poesia moderna em seu país, e Miklós Radnóti, que, assassinado em 1944 pelos nazistas húngaros devido ao crime de ser judeu, tornou-se, com Garcia Lorca e Óssip Mandelstam, um dos três maiores poetas vítimas da barbárie totalitária do presente século.¹⁶

Ao ler Ascher, revela-se uma outra característica da poesia húngara, muito típica: a liderança da luta social não é desempenhada pela classe política, mas pela intelectualidade¹⁷. É com a leitura em público de seu poema mais famoso, que o poeta Petöfi Sándor incita a população a dar seu grito pela liberdade, no dia que viria a ser considerado como o dia nacional da Independência na Hungria.

15 Consultar também *Entrevista com Nelson Ascher*, volume 11 deste Cadernos de Literatura em Tradução. [ver nota 34 adiante].

16 ASCHER, N. *Canção antes da ceifa* (tradução de poesia húngara moderna, com prefácio de Paulo Rónai). São Paulo: Arte Paulo Brasil, 1990.

17 Ascher não é o único a destacar tal característica. Em entrevista especial para a Carta Maior – <http://agenciartamaior.uol.com.br/> – um intelectual húngaro de renome internacional, que atualmente vive na Inglaterra, István Mészáros, assim descreve essa ambiente: “Fui criado em Budapeste, onde o desenvolvimento cultural – especialmente no que se refere às relações estreitas entre a literatura criativa e o pensamento social e político – era muito especial, talvez único. Isso porque os maiores e mais radicais poetas da nossa literatura nacional, como Sándor Petöfi, Endre Ady e Attila József, eram também os mais profundos e abrangentes pensadores húngaros de sua época. Nos seus apaixonados escritos líricos tanto quanto em suas reflexões teóricas, eles trataram dos mais desafiadores temas da sociedade na sua perspectiva histórica, oferecendo soluções revolucionárias, elevadas e abrangentemente perspicazes, capazes de resistir ao teste do tempo.” Por isso Paulo Rónai dizia que esses poetas inflamavam opiniões.

Imagem 1



Por János Thorma – *Talpra magyar* – representa Petőfi Sándor declamando a *Canção Nacional* em 15 de março de 1848.

Na interação entre Ascher e Rónai, e na influência exercida por Rónai sobre o jovem poeta-tradutor, observam-se indícios de continuidade, o que sugere o estabelecimento da tradição definida por Antonio Candido. Quando lê as traduções que Ascher publicou, da poesia do húngaro Radnóti na Folha de São Paulo, Rónai lhe escreve em carta: “Estou feliz por já ter um sucessor que torne conhecida a literatura húngara no Brasil. Estas suas traduções são especialmente tocantes para mim, pois Radnóti Miklós foi um amigo querido, com cuja viúva mantenho contato até hoje.” [Carta de Rónai para Ascher, datada de 5 de agosto de 1984, em húngaro, localizada no acervo particular de Paulo Rónai, Nova Friburgo, RJ.] No campo da crítica literária sem dúvida isto se tornou realidade. Mas na poética, apesar de ter sido um prolífico tradutor de poesia na Hungria, tendo iniciado sua carreira traduzindo, por exemplo, clássicos latinos para húngaro, no Brasil Rónai não se dedicou a esta atividade [ver Spiry 2009], sendo portanto Ascher pioneiro na tradução de poesia húngara para português brasileiro.

Também classificados na segunda categoria de tradutores, isto é, descendentes de húngaros, existem dois tradutores bastante ativos atualmente na categoria

prosa. Ildikó Sütő, apesar de nascida em Budapeste, deixou o país quando tinha cinco anos de idade, e depois de uma temporada de quatro anos na Áustria, aqui chegou em 1949. Cresceu e trabalhou no Brasil como secretária trilingue – inglês, alemão e português – e, depois de aposentada, em 1991 decidiu se dedicar a traduzir a literatura da língua que sempre usou no seio da família e entre os amigos da colônia húngara. A história do psicanalista Paulo Schiller¹⁸ começa com publicação autoral em sua área de especialização e traduções para inglês. Quando seu editor adquiriu os direitos autorais do húngaro Sándor Márai – *O Legado de Eszter* –, Schiller já era da casa, digamos assim, e o convite para ele traduzir seu primeiro romance húngaro foi um passo. Além de Márai e Imre Kertész [Nobel de Literatura de 2002] traduziu também autores húngaros modernos como Dragomán e Eszterházy. Vale a pena também mencionar o experiente Alexandar Jovanovic,¹⁹ professor de Linguística na Escola de Educação da USP, pois é um caso de bilinguismo: filho de mãe húngara e pai sérvio, residentes na região que hoje se chama Voivodina – originalmente Szabadka, em húngaro, região que foi incorporada à extinta Iugoslávia depois de 1918, mas que atualmente pertence à Sérvia – aprendeu e praticou as duas línguas, húngaro e servo-croata, dentro de casa desde a infância, já que ambos pais falavam os dois idiomas. Em seu invejável currículo inúmeras traduções não somente do húngaro [ver nota 35 a seguir] mas de vários outros idiomas da região.

Em comum entre esses tradutores, a língua húngara passou para segundo plano na maior parte de suas atividades profissionais no Brasil, e seu convívio com ela foi, de início, muito mais relacionado à comunicação com familiares, para mais tarde servir como ferramenta para a prática do ato tradutório.

As diversas ondas migratórias húngaras que chegaram ao Brasil

Retomando então a questão inicial, a quem interessaria no Brasil ler literatura húngara traduzida? Já vimos que o público leitor brasileiro, pelo menos na fase inicial, não tinha acesso a tal literatura, e também não tinha interesse, por

18 Ver artigo de Paulo Schiller: *Reflexões sobre o bilinguismo*, e participação em *Psicanálise e Literatura - Imre Kertész e o Desterro Humano*, ambos nesta revista

19 Ver artigo de Alexandar Jovanovic *Cinco poetas da Europa Centro-Oriental: forja mágica de metáforas e temas*, nesta revista. Para as publicações de Jovanovic não somente traduções de húngaro mas das várias línguas que domina, ver Currículo Lattes em: <https://uspdigital.usp.br/tycho/CurriculoLattesMostrar?codpub=E7A0B594D82E#Artigospublicados>

desconhecê-la. Seriam então os imigrantes húngaros os prováveis interessados em ler uma literatura húngara traduzida? Como veremos a seguir, estes também não se caracterizaram como seu público alvo, por uma razão simples: eles liam no original. Seriam então seus descendentes de segunda ou terceira geração? Ou esta literatura atenderia outros interesses, talvez áreas específicas do saber como a literatura de testemunho exemplificada na nota de pé de página nº 11 acima?

Para poder avançar mais nessas questões, vamos rapidamente caracterizar como se deu a presença húngara em solo brasileiro e a partir de quando. Para uma visão mais abrangente, apresenta-se primeiro a diáspora húngara global, para depois detalhar as levas de imigrantes que chegaram especificamente ao Brasil. As estatísticas apontam para seis ondas migratórias principais,²⁰ várias devido às perseguições políticas e outras motivadas por questões econômicas.

Onda migratória	data e/ou período	motivação
1ª	1849 e 1867	Perseguições políticas advindas da frustrada insurreição de 1848, contra a dominação da Casa dos Habsburgos.
2ª	1867-1920 (tratado de Trianon)	Questões econômicas: difíceis condições de vida devido ao Compromisso de 1867 que promoveu a saída em massa de agricultores, importante êxodo da região nordeste da Hungria (entre 1920 e 1924).
3ª	1920 – II Guerra Mundial	Razões políticas, filosóficas e existenciais provocaram um êxodo de dentro dos grupos intelectuais burgueses e artistas.
4ª	II Guerra Mundial	Motivação política – perseguição nazista e instauração do regime socialista da URSS –, e também escassez de recursos econômicos.
5ª	Revolução de outubro 1956	Repressão política e cerceamento da liberdade. Instauração do regime da comunista. Grande empobrecimento da população.
6ª	Pós queda URSS	Hungria entra para a UE o que permite acesso a melhores oportunidades de emprego na Inglaterra e na Alemanha.

A segunda e a sexta onda migratória foram fortemente motivadas por questões econômicas como consequência de decisões políticas anteriores. Se as primeiras ondas levaram muitos húngaros a terras distantes como a Nova Zelândia

20 Consultado online 05/01/2016 – minha tradução do húngaro. http://www.balassiintezet.hu/attachments/article/1036/Magyar_Emigracios_es_Diaszpora_Kozpont.pdf

e a Austrália – algumas fontes citam a febre do ouro da era vitoriana –, Estados Unidos e Canadá também foram destinos muito procurados devido às oportunidades de trabalho que ali existiam, e principalmente, sempre presente a idéia de “quanto mais longe da Europa, melhor”²¹ [VERO, p. 37]. A América Latina foi um destino eleito por um número significativo de emigrantes.

Na virada do XIX para o XX, entre a 2ª e 3ª onda principalmente, segundo algumas fontes, existiam até agências de recrutamento de mão de obra nas aldeias das regiões desmembradas da Hungria por força do Tratado de Trianon. Na época o Brasil vivia as conseqüências da escassez de mão de obra nas fazendas devido à abolição da escravatura, e principalmente o Estado de São Paulo que experimentava a época de ouro do ciclo do café. Um sonho comum entre os agricultores húngaros emigrantes era fazer fortuna em terras longínquas e retornar para a sua terra natal em condições financeiras melhores. Mas os constantes conflitos na Europa da época começaram a dar a entender que o sonhado retorno à pátria teria que ser adiado. Os húngaros, depois do flagelo que o país sofreu como conseqüência do Tratado de Trianon quando perdeu 2/3 de seu território e 1/2 de sua população, mal se libertaram dos nazistas no final da II Guerra Mundial logo foram dominados pelas forças soviéticas que impuseram seu regime totalitário no país. Na verdade, quase ninguém dentre a 1ª geração de imigrantes húngaros fez o tão sonhado caminho de volta.

Estima-se que, no total, cerca de 5 milhões de húngaros tenham emigrado do país, tanto da Hungria como dos territórios desmembrados, notadamente da Checoslováquia, Romênia e Iugoslávia [vide mapa 1]. Desse total, 30% se estabeleceu nos EUA e 6% no Canadá. Outros destinos principais: Israel, Alemanha, França, Reino Unido e Austrália. Na América Latina, além do Brasil, segundo as estatísticas, receberam um número expressivo de imigrantes húngaros: Argentina, Venezuela e Chile.

21 VERO J. *Alma Estrangeira – Pequenas Histórias de Húngaros no Brasil – Processos Identitários*. São Paulo: Ágora, 2003.



Mapa 1 – O Reino da Hungria desmembrada como consequência do tratado de Trianon.

Características sócio-culturais dos imigrantes húngaros

Um ponto interessante, para este estudo, é a força congregadora que a religião exerceu na organização das colônias húngaras. Ainda na virada do XIX para o XX, os húngaros nos EUA, por exemplo, começaram a formar suas colônias e a construir suas igrejas, fundar suas escolas e jornais, estabelecer organizações de assistência, e assim por diante. Não somente lá. Também no Brasil as colônias se organizaram em função de suas crenças religiosas. Quando se estabeleciam em alguma colônia, os imigrantes construíam suas casas próximo à sua igreja (os húngaros são principalmente católicos ou protestantes, mas um contingente razoável de judeus húngaros também elegeu o Brasil como segunda pátria) e à sua escola. Relevante observar que essas escolas comunitárias alfabetizavam também na língua húngara. Além disso, formavam organizações de cunho social para apoio comunitário, grupos de teatro e de dança folclórica e, principalmente, lançavam jornais escritos em sua língua nativa, distribuídos por toda colônia. No Brasil, por

exemplo, 1922 marca o ano de lançamento do jornal húngaro *Délamerikai Magyar Hírlap* (Jornal Húngaro da América Latina), inicialmente semanal, mas a partir de outubro de 1925 editado a cada dois dias. Em sua edição de 15/06/1933, por exemplo, informa que, na época, estimava-se que 150.000 seria o número de imigrantes húngaros residindo no Brasil, dos quais 30.000 em São Paulo [a fonte²² não deixa claro se São Paulo seria o Estado ou a Capital]. Desse total, cerca de 90% se referia a trabalhadores na agricultura e que não falava a língua local. Segundo o mesmo jornal, edição de 21/09/1926, um grande contingente de imigrantes húngaros tinha chegado à cidade de São Paulo vindo das fazendas do interior do Estado, onde o clima e as condições de trabalho não lhes permitiam sobrevivência condizente. Várias fontes consultadas citam esse êxodo do campo para a cidade, destacando que, então, os agricultores viraram operários de fábrica.²³

Uma questão de interesse para o propósito desta análise é lembrar que, apesar de haverem deixado sua terra natal premidos por condições políticas e/ou econômicas, na verdade “o cidadão húngaro tinha arraigado o desejo de permanecer fiel às suas raízes magiares, à sua língua e cultura” [ver nota 23]. Foi nesse ambiente social que surgiu a necessidade de se criar uma organização de assistência, constituída formalmente em 18/09/1926: *Brazíliai Magyar Segélyegylet*, isto é, Associação Beneficente Húngara do Brasil, atualmente denominada *Associação Beneficente 30 de Setembro*. Esta Associação existe e é ativa até hoje, na cidade de São Paulo. Um grande problema social que a Associação teve que enfrentar foi a dificuldade de se provar que muitos imigrantes que vieram com passaportes da Romênia, ou da Iugoslávia, enfim, dos territórios desmembrados do Reino da Hungria (nome oficial do país antes do Tratado de Trianon) eram na verdade, húngaros de fato. Nos registros oficiais brasileiros eles possuíam passaporte romeno (30.437), tcheco (518), iugoslavo (16.518) e austríaco (2.742). Apesar de constarem somente 6.501 portadores de passaporte húngaro, o total de imigrantes húngaros do período do levantamento era, na verdade, de 56.716 famílias.²⁴

22 *Emlékkönyv: 1926 a 1996. Fennállásának hetvenedik évfordulójára – Magyarország 1100-ik évében*. Anuário da Associação Beneficente 30 de Setembro em celebração ao 70º aniversário de sua constituição – 1926 a 1996 – no 1100º ano da nação Húngara. São Paulo: São Paulo Ind. Gráfica Ltda., 1996. Publicado em húngaro.

23 ZOLCSÁK, I. *Imigração Húngara*. IN: História da Imigração no Brasil – As famílias. São Paulo: Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro, 1983, p. 129.

24 Na época era comum somente o chefe da família ter passaporte e o restante da família figurar no passaporte do pai. Por isso, muitos registros não falam de pessoas mas sim de famílias.

Escolas primárias que ensinam húngaro no Brasil

Uma função de destaque da Associação Beneficente foi a manutenção de escolas húngaras de ensino primário. Entre 1927, quando se inaugurou a primeira dessas escolas em São Paulo, e 1951, quando a última escola encerrou suas atividades, a Associação participou da criação e manutenção de sete escolas na capital, nos bairros de Vila Anastácio, Moóca, Vila Pompéia, Ipiranga, Pirituba, Vila Ipojuca, Freguesia do Ó, Vila Maria e Santo André, assim como as cinco escolas das colônias agrícolas localizadas no sudoeste do Estado de São Paulo, na região da alta sorocabana – entre os atuais municípios de Presidente Wenceslau e Presidente Epitácio. Uma maneira que encontraram para contornar a imposição durante o período de exceção foi re-nomeando as escolas e contratando também professores brasileiros.



Figura 1 – Escola mixta (sic) húngara-brasileira da Vila Pompéia, 1935.



Figura 2 – Detalhe boletim 1938.

Diferente dessas escolas primárias, que mantinham vivas as tradições húngaras e também alfabetizavam as crianças na língua de sua antiga pátria, o Colégio Santo Américo – fundado em São Paulo por padres beneditinos húngaros – sempre manteve o currículo brasileiro, apesar de apoiar a colônia de muitas outras maneiras. Vale ressaltar que com o movimento de Nacionalização promovido durante a II Guerra Mundial pelo governo de Getúlio Vargas, houve muita repressão ao ensino e ao uso das línguas estrangeiras em solo nacional. Principalmente nas colônias agrícolas, onde as pessoas anteriormente não sentiam necessidade de aprender o português, a proibição de uso de suas línguas maternas provocou enormes problemas sociais, pois havia gente que, mesmo morando no Brasil, nunca na vida soube falar outra língua que não a de sua antiga origem, como alemão ou húngaro, e assim por diante.²⁵

A colônia húngara na cidade de São Paulo

Contrastando com a realidade dos imigrantes agricultores, os imigrantes húngaros analisados por Judith Vero [ver nota 21] eram “profissionais liberais, comerciantes e técnicos e pertenciam à classe média da Europa Central, com

25 LOPES, S.M. *Nós Somos Húngaros! O Reavivamento das tradições húngaras em Jaraguá do Sul* – SC. Dissertação de Mestrado. UNIVILLE, 2011. p. 114. Consultado online 08/01/2106. <http://univille.edu.br/community/mestradosocs/VirtualDisk.html?action=downloadFile&file=Sidnei.PDF¤t=/Dissertacoes>.

valores desse caldo cultural. [...] Trouxeram consigo algum dinheiro e objetos de casa, falam mais de uma língua e já viajaram antes” de emigrar para o Brasil. A maioria dos que eram judeus “deixaram a religião para trás: por praticidade, desinteresse, vergonha, conveniência, mas sobretudo por medo, muito medo. Muitos enfrentaram perseguições e até prisões.” [2003, p. 27] Ao longo de seu estudo, Vero constata que apesar de aprenderem a língua com relativa rapidez, e de obterem certo sucesso financeiro em um tempo razoavelmente curto, também esse grupo de imigrantes se isola dentro de seu próprio ciclo de amizades. Em geral, devido ao forte sistema educacional da Hungria da época em foco, o imigrante magiar educado traz em sua bagagem uma cultura geral diferenciada, e essa condição lhe permite galgar a posições de liderança nas atividades econômicas, ou criar negócios próprios que irão ajudar a impulsionar a incipiente indústria brasileira.

A publicação já mencionada – *História da Imigração no Brasil, As Famílias* – traz o relato de várias famílias húngaras que transformaram seus pequenos negócios familiares em indústrias.²⁶ Uma dessas histórias começa na região desmembrada que atualmente pertence à Romênia. Emeric Laky, que trabalhava no setor técnico de instalações telefônicas para o governo da Hungria antes do Tratado de Trianon, em 1924 veio se refugiar no Brasil. Em sua bagagem traz livros técnicos que lhe permitiriam dar continuidade à sua profissão na área de telefonia [ver Fig. 3]. Seu filho Wilhelm Laky se transformou em um pequeno industrial metalúrgico especializado no ramo de armarinhos, criador dos colchetes marca *Predilecta*, atividade que requeria que toda família ajudasse na montagem das cartelas. [ver Fig. 4]²⁷ Para que seus filhos pudessem estudar, a família Laky trouxe, em sua exígua bagagem, livros húngaros sobre Geografia e livros de contos e lendas de sua terra natal. [ver Fig. 5 e 6]

26 *História da Imigração no Brasil – As famílias*. São Paulo: Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro, 1983, p. 250.

27 *Idem*, p. 191.

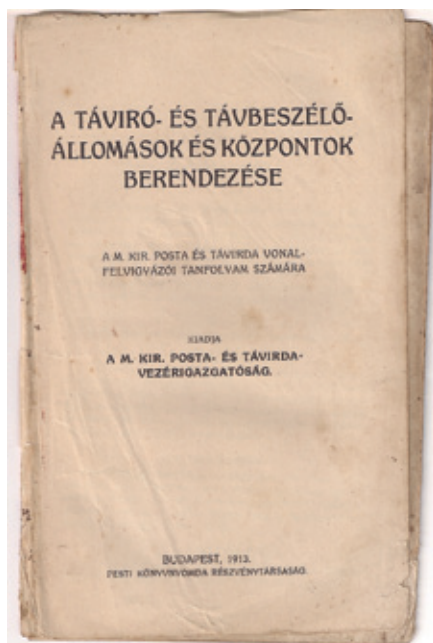


Figura 3 – Capa do livro húngaro sobre instalações de linhas telefônicas e telegráficas, de 1913.

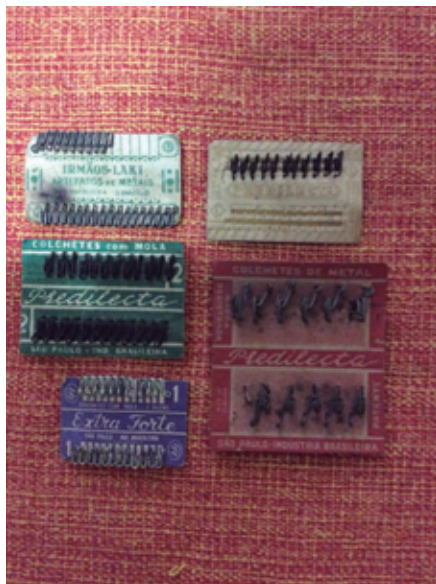


Figura 4 – Cartelas de colchetes marca *Predilecta*.

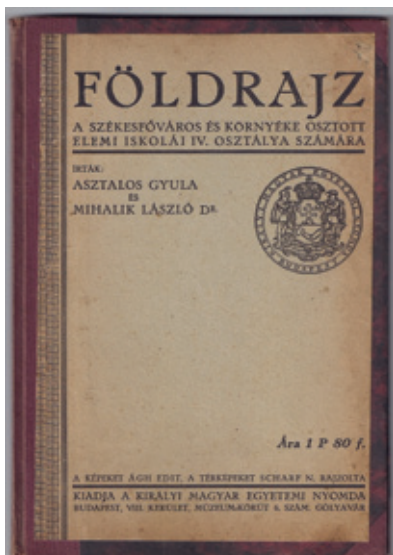


Figura 5 – Capa de livro de geografia, publicado na Hungria.

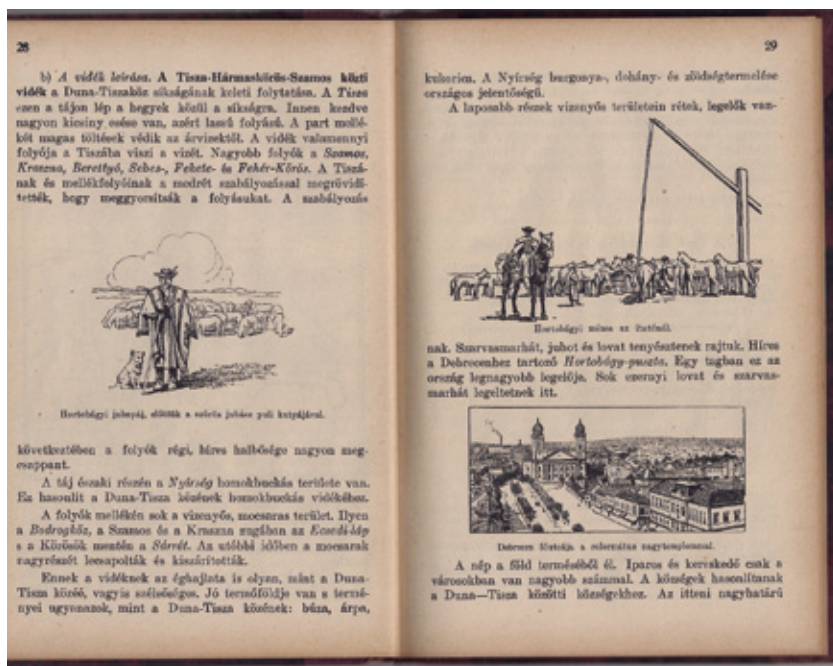


Figura 6 – página interna livro de Geografia.

Lajos Boglár, cônsul da Hungria em São Paulo por 14 anos (de 1927 a 1942), fazia visitas constantes às diferentes localidades onde a colônia húngara estava espalhada e anotava suas impressões. Ele escreve:

Depois da missa, pelas manhãs de domingo, **como na Hungria**, lá estavam os sérios **trabalhadores e operários** em seus ternos pretos. Trocávamos algumas palavras, apertos de mão, uma pergunta, uma resposta. Não havia necessidade de muita conversa, nós nos conhecemos bem.

[...] Homens com seus bigodes caídos, um e outro com casaco húngaro, todos com **a dignidade do camponês**. ERAM (sic) tipos estranhos estes camponeses. Nos dias comuns, trabalhavam no porão do frigorífico por um mísero salário diário de poucos mil-réis, mas aos domingos, na praça da igreja de Anastácio, **tinham porte de príncipes**.

Era gostoso conversar com estes **aristocratas da terra**. **Mas o que lhes interessava de fato?** Podia-se conversar com eles sobre a safra, reclamar dos impostos, ou, durante a seca, augurar chuva. Porém, era a política, **a situação da pátria deles que lhes interessava mais**. [...] Ao falarmos da história da Hungria e da política externa magiar, podíamos conhecer verdadeiramente o quanto havia de bom senso no camponês húngaro, fruto bem mais de sua sagacidade do que da sua escolaridade.²⁸
[Grifos meus]

A ausência de escolaridade que Boglár destaca não significa alienação. O camponês húngaro que o cônsul encontra na missa de domingo e que, portanto já é operário de fábrica,²⁹ mantém sua dignidade e seu interesse pelas coisas da pátria distante, a ponto de merecer o respeito do representante do governo húngaro. Um sentimento patriótico e nacionalista próprio do cidadão húngaro, destacado por muitos autores que discutem a questão húngara, como por exemplo, John Lukács,³⁰ William O. McCagg³¹ ou ainda Raphael Patai que abre o capítulo dedicado ao tema dizendo que: “Os historiadores da literatura húngara costumavam

28 BOGLÁR, L. *Mundo húngaro no Brasil: do século passado até 1942*. Tradução de Magda Boglár Baló. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000, p. 174.

29 Anastácio é um bairro industrial de São Paulo, hoje conhecido como Vila Anastácio.

30 LUKÁCS, J. *Budapest 1900 – Um retrato histórico de uma cidade e sua cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 2009. Várias referências, consultar índice remissivo “nacionalismo”.

31 MCCAGG, W.O. *Jewish Nobles and Geniuses in Modern Hungary*. Colorado: Boulder, 1973.

argumentar, com orgulho especial, que **a literatura húngara é um registro do patriotismo húngaro**”.³² [grifo meu]

O objetivo desse destaque é a determinação do perfil cultural do imigrante húngaro e também, a especificidade temática de literatura magiar, para compreender a proximidade ou a distância desta com os interesses literários do leitor brasileiro. Desse modo, conclui-se que a grande massa de imigrantes húngaros, definitivamente, não era um público idealmente consumidor de literatura húngara traduzida para português: ou porque não sabiam o idioma local, ou porque tinham como objetivo manter os laços culturais com a pátria de origem e preferiam ler seus textos naquela língua. Diferentemente de seus descendentes, essa 1ª geração de imigrantes, grosso modo, não se aculturou, não se miscigenou em sua nova pátria.³³

As gerações de descendentes

Já a 2ª geração, que nasceu no Brasil ou que aqui chegou ainda na infância, buscou naturalmente se integrar à sociedade brasileira. Devido ao convívio com familiares não aculturados por um lado, e as demais situações de vida a que são expostos, os membros da 2ª geração tem uma experiência cultural mista, passando a confrontar as diferenças culturais. Em sua pesquisa para determinar os processos identitários entre os imigrantes húngaros, Judith Vero entrevista muitas pessoas tanto da primeira como da 2ª geração, à qual ela mesma pertence já que nasceu na Hungria e chegou ao Brasil aos 6 anos de idade. Diferente de Nelson Ascher que associa sua iniciação na cultura brasileira com suas leituras de Monteiro Lobato e ao MPB,³⁴ Vero se declara totalmente identificada com a cultura brasileira por ter sido alfabetizada em português [VERO, 2003, p. 23]. A comunicação com os familiares era toda em húngaro assim como os hábitos alimentares que seguiam os costumes originais. Quanto à religiosidade, a frase “Háviamos sido judeus, éramos agora católicos” pode parecer uma afirmação estranha para um brasileiro que nunca tenha experimentado nenhum tipo de perseguição em sua vida, mas

32 PATAI, R. *The Jews of Hungary – History, Culture, Psychology*. Detroit: Wayne State Univ. Press, 1996, page 269.

33 Ver Judith Vero, nota 21 acima.

34 *Entrevista com Nelson Ascher*, na edição de nº 11 deste *Cadernos de Literatura em Tradução*, p. 318. Disponível online <http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/49503>. Consultado em dezembro/2015.

não para as pessoas que haviam escapado do nazismo. O relato de Vero pode ser endossado pela maioria dos jovens da 2ª geração de imigrantes húngaros:

Crescemos sob a égide da duplicidade. Minha família achava que as crianças deviam estudar idiomas e piano. Nossos colegas e vizinhos, naquela época (1950), brincavam depois do horário escolar. Ninguém tinha tantas aulas particulares como nós. Enquanto os amigos andavam de bicicleta, patinavam, jogavam bola, nós estudávamos. Nossos amigos recebiam, como presentes de aniversário e Natal, brinquedos. Nós, livros, roupas e sapatos. Na escola nossos lanches eram ignorados enquanto os dos colegas eram cobiçados. Nossos sanduiches de pimentão provocavam risos à nossa volta.

No começo da adolescência fizemos a primeira comunhão com todo o grupo da escola. Mas nossos pais não deram ao evento maior importância. Não houve festa e nem almoço familiar como na casa de nossos amigos. Aliás, no quesito festas de família ficávamos sempre a desejar. Éramos poucos, pois a maioria havia ficado para trás, na Hungria. Portanto, nossos fins de semana eram diferentes. Não tínhamos avós, nem macarronada aos domingos. [VERO, 2003, p. 24]

As diferenças culturais apontadas por esses dois parágrafos, mais as anotações e comentários de Boglár acima citadas, e o patriotismo húngaro exacerbado citado por Patai e outros, dão uma amostra da distância entre os hábitos culturais brasileiros e húngaros. Isto aliado à descrição que Nelson Ascher deu de suas primeiras aventuras no campo da tradução poética, quando descobriu a *Canção Nacional* de Petöfi Sándor, nos leva a concluir que a literatura húngara não fez eco no Brasil, durante um determinado período, devido à distância que separa os interesses temáticos dessas duas culturas, um dos pontos destacados por Antonio Candido como determinante da criação de uma tradição literária. Por mais bela que seja a *Canção Nacional* para um húngaro imbuído desse espírito patriótico, cujas palavras *Talpra magyar, hí a haza* ["Levante-se ó povo húngaro, a nação lhe chama"] lhe fazem ferver o sangue nas veias, para o brasileiro médio, que nunca vivenciou uma guerra, não tem nenhuma repercussão. Talvez, por oportuno, valha a pena recorrer a um outro texto do próprio Nelson Ascher, em que ele aponta para o verdadeiro sentido da literatura criada naquele canto do mundo. Este trecho faz parte do prefácio com que Ascher apresenta a primeira obra publicada pela "Coleção LESTE", cujo objetivo era exatamente trazer para o leitor brasileiro um "filão riquíssimo de imaginação

contemporânea”, antes indisponível para ele. A conclusão de Ascher também aponta para o estranhamento desnudado por Vero. Nos conta Ascher:

Até o final da Primeira Grande Guerra, a maior parte da Europa Centro-Oriental pertencia a dois impérios, o russo e o austro-húngaro. Ambas as construções políticas eram tão intrincadas, tão carregadas de contradições e contra-sensos, que não chega a causar espanto o fato de tantos autores modernos dessa região terem se dedicado a uma literatura do absurdo ou do grotesco. Essa tendência, celebrizada, por exemplo, pelo cidadão de Praga Franz Kafka ou pelo romeno Ionesco, reforçou-se ainda mais na medida em que as mudanças históricas subsequentes patentearam que, nessa “outra” Europa, todos os tipos de desvario eram mesmo autóctones.

Assim, o que nas duas novelas do húngaro István Örkény **pode parecer mais estranho para o público brasileiro é justamente o que seus leitores originais reconhecem como familiar.** [grifo meu] ³⁵

Mais uma vez se conclui que a temática da literatura húngara, carregada de conteúdo político, é exógeno ao leitor brasileiro. Sempre lembrando que talvez depois da globalização, que trouxe em seu bojo complexas questões de mobilidade social e suas consequências, que redesenhou as fronteiras pelo menos dos países que foram palco de todas as questões apontadas, estas considerações tenham que ser revistas.

A 3ª geração, ou os descendentes húngaros atuais

A geração atual, que grosso modo está sendo chamada de 3ª geração, já não sente “saudade” de sua pátria original, já está totalmente assimilada à cultura brasileira. Mesmo assim, por exemplo, ao visitar a residência da família Laky pela primeira vez, recentemente, próximo da celebração do Natal, pude novamente sentir aquela familiaridade que havia percebido ao visitar Judith Vero em 2008, devido a traços culturais mutuamente presentes em nossas vidas [eu também nasci em Budapeste e vim para o Brasil aos 7 anos de idade]: toalhinhas de crochê, ou bordadas, espalhadas pelos móveis da sala, almofadas bordadas com motivos húngaros no sofá ou nas poltronas, da cozinha vem um cheiro de

35 ASCHER, N. *Prefácio*. In: *A Exposição das Rosas*, de István Örkény, tradução do original húngaro de Aleksandar Jovanovic. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. (Coleção LESTE). P. 7.

biscoitos caseiros sendo assados para as Festas que se avizinham, tudo isso convida reminiscências tão familiares. Uma espécie de reconhecimento através de marcas culturais que ainda estão presentes entre os membros da 3ª geração, às vezes manifestas através de objetos de decoração, ou no cardápio familiar, ou ainda por traços distintivos de caráter.

Agora, a partir do último quarto do século XX e início do XXI, com as novas perspectivas que o mundo globalizado permite, em que as barreiras impostas pelas antigas questões políticas foram eliminadas, essa 3ª geração dos descendentes húngaros começa a voltar seu olhar para a pátria natal de seus antecedentes. A grande maioria desta geração já não sabe mais húngaro e está começando a reaprender a língua, mas tem muita curiosidade sobre suas raízes. Em virtude do novo panorama político mundial, das facilidades oferecidas pelo governo atual da Hungria no sentido de reconhecer os descendentes como cidadãos húngaros vivendo no exterior,³⁶ e pela elevação de poder aquisitivo dessa geração e a própria facilidade com que se pode viajar para o exterior atualmente, que lhes permite talvez percorrer o tão sonhado “caminho de volta” de seus ancestrais, considerando as reflexões aqui elaboradas, talvez possamos concluir que essa 3ª geração se configure como um provável público alvo para consumir literatura húngara traduzida no Brasil.

A nova realidade através de novas temáticas e de fama literária

A nova configuração do mundo globalizado também fez surgir outras temáticas modernas, com o caso da literatura de testemunho de Imre Kertész, que ainda desfruta da vantagem da fama literária, impulsionado pelo Prêmio Nobel de Literatura com que foi laureado em 2002. Esta literatura conquista novas áreas de interesse no Brasil, notadamente a psicologia³⁷ e um novo público alvo, desvinculado dos descendentes húngaros.

Um autor húngaro que entrou no sistema literário brasileiro recentemente, via tradução, é Sándor Márai. Além de passar pela porta da fama editorial – por

36 Ver, por exemplo, boletim da Associação Húngara 30 de Setembro, relatório bilingue sobre o Programa Kőrösi Csoma Sándor – página 6 do boletim disponível online consultado em janeiro/2016. http://www.ahungara.org.br/hirado/hirado_73/hirado73.pdf?utm_source=akna&utm_medium=email&utm_campaign=Boletim+H%C3+deste+trimestre%2C+j%E1+est%E1+no+ar%21

37 O tema foi objeto de um evento no Instituto de Psicologia da USP, cujas palestras estão transcritas em artigo deste Cadernos de Literatura em Tradução: *Psicanálise e Literatura - Imre Kertész e o Desterro Humano*.

conta do sucesso que seus livros desfrutavam na Itália, seus direitos autorais foram adquiridos por editores brasileiros –, em uma de suas obras Márai aborda um tema brasileiro: *O Veredito de Canudos*. O sucesso desta publicação comprova o que foi discutido anteriormente sobre a influência que a proximidade ou distanciamento cultural da temática da obra literária tem sobre sua recepção na cultura de chegada.

A abertura política pela qual a Hungria passou depois que se libertou do domínio soviético, e concomitante entrada na União Européia, possibilitou que sua literatura experimentasse uma maior abertura fora do país. Novos autores vão conquistando fama em várias ambientes literários pelo mundo, e esse sucesso acaba chegando ao Brasil também. Por exemplo, György Dragomán e Péter Eszterházy, ambos traduzidos por Paulo Schiller para a Cosac Naify.

Para encerrar, deve-se lembrar que a única obra húngara publicada no Brasil que entrou para o nosso cânone – aliás não somente o nosso, mas do mundo inteiro, confirmando o que declarou um editor: “um livro vende bem quando é bom” –, que já passou de uma centena de reedições só no mercado brasileiro, é *Os Meninos da Rua Paulo*, de Ferenc Molnár, traduzido por Paulo Rónai em 1952. Mas, uma manifestação literária única não configura uma tradição, não tem força para influenciar “uma tradição contínua de estilos, temas e formas” [CANDIDO, 2007, p. 26/27]. Uma realidade que a configuração do atual mundo globalizado, como se viu, pode alterar completamente.

Conclusão

A literatura húngara passa a fecundar o sistema literário brasileiro somente a partir dos autores modernos, com a literatura de testemunho, um campo específico do saber. Os autores clássicos da literatura húngara chegaram ao Brasil somente através de contos. Três dos tradutores citados, Paulo Rónai, Ildikó Sütö e Paulo Schiller, publicaram Antologias de Contos. Nelson Ascher, cuja especialização é o gênero poesia, lançou uma antologia poética já citada, *Canção da Ceifa*, além da publicação em *Dicta & Contradicta* comentado acima, e volta e meia publica traduções em diversos meios modernos.

Com relação à capacitação dos tradutores, observa-se que à exceção de Nelson Ascher que é profissional, os demais tradutores se “profissionalizaram” mas não são tradutores profissionais. Exercem sua atividade principal e também, paralelamente, a tradução.

Segundo os critérios adotados para esta reflexão, à exceção da literatura de testemunho, dentro do sistema literário brasileiro a literatura húngara traduzida caracteriza somente uma **manifestação literária**.

Bruno, não Franz: a primeira onda da recepção de *Ficção Completa* do polonês Bruno Schulz¹

Gabriel Borowski

Resumo: *O presente artigo propõe uma análise detalhada dos primeiros momentos da recepção de Ficção Completa (Cosac Naify, 2012), do escritor polonês Bruno Schulz (1892-1942), que constitui a primeira edição da totalidade da obra ficcional do autor em língua portuguesa. Por meio de um estudo das circunstâncias da sua publicação e das primeiras repercussões críticas, este trabalho visa lançar uma luz sobre o processo da construção da imagem do autor traduzido na cultura de chegada, com uma ênfase particular na função dos contextos preexistentes enquanto componentes de um quadro receptivo mais complexo. O ensaio sublinha também a importância do tradutor enquanto expert e orientador, ou seja, um agente ativo no processo de recepção.*

Palavras-chave: Bruno Schulz, tradução literária, recepção, literatura polonesa.

*Seu parentesco com Kafka tanto pode abrir como fechar-lhe o caminho.
Se disserem que é mais um primo, está perdido.*

Witold Gombrowicz (*apud* SCHULZ, 2012, p. 391)

“A viagem para o mundo” (STALA, 1995, p. 24) ou “a carreira póstuma de Schulz no exterior” (JARZĘBSKI, 1998, p. CXXVI), iniciadas no final da década de 50, constituem, sem dúvida, um dos campos mais diversificados e ricos para a pesquisa sobre a recepção da literatura polonesa em realidades linguístico-culturais muito diferentes. Traduzida para pelo menos quarenta idiomas², a obra literária

1 Texto originalmente publicado em língua polonesa na revista “Przekładaniec: A Journal of Translation Studies” (27/2013), publicada pela Universidade Jaguelônica em Cracóvia (Polónia).

2 Cf. a página eletrônica: <http://www.brunoschulz.org/wydania.htm>. Consulta realizada a 20 de dezembro de 2015.

de Bruno Schulz foi repetidamente sujeita a um processo de inserção em vários sistemas literários, o que sempre implicava em uma negociação de sua posição dentro do espaço da cultura-alvo (cf. EVEN-ZOHAR, 1990). A criação inovadora do autor polonês pode constituir uma componente ativa no sistema de chegada enquanto um ponto de partida para a ampliação do repertório de formas e temas disponíveis. Como observa Krzysztof Stala:

Em muitos países Schulz é considerado um escritor totalmente “contemporâneo”, ainda estimulante e intrigante. Na Espanha costuma ser enumerado junto com Kafka e Musil como um dos inspiradores da renovação da ficção espanhola nos anos oitenta; na Suécia, os melhores escritores falam do seu deslumbre com traduções relativamente (1983, 1987) recentes; John Updike analisa a sua obra comparando-a com Borges, Proust, Kafka, Danilo Kiš. O recluso de Drohobych está se tornando gradativamente um “cidadão do mundo”. (STALA, 1995, p. 24)

Schulz consegue a sua “cidadania mundial” através da inserção em novas realidades culturais, realizada no processo de recepção, que leva, entre outros, à identificação de contextos e analogias que permitam situar o texto em um *continuum* histórico-literário e crítico da cultura-alvo. Sustentam-se, desse modo, as palavras de Aleksander Fiut:

A escrita do autor de *As lojas de canela*, antes de ganhar o direito a uma cidadania própria e de ser considerada e reconhecida no seu caráter inigualavelmente distinto, original e singular, chegará à opinião internacional por meio de outras leituras mais conhecidas ou assimiladas há muito mais tempo. (FIUT 2003, p. 497)

Como se realiza esta “entrada no imaginário” (FIUT, 2003 p. 498)? Qual é a dinâmica da assimilação da ficção idiomática do escritor polonês? Será que as manifestações desse processo podem ser apontadas e descritas? Desde as primeiras traduções de Schulz, evocadas por Stala (1995, p. 24) – para o espanhol (1962)³, inglês (1958) e sueco (1962), entre outras – já passou mais de um meio século. O

3 É interessante observar, aliás, que as primeiras traduções de Schulz para a língua espanhola foram publicadas na América Latina. Segundo os dados no site <http://www.brunoschulz.org>, as primeiras traduções de textos esparsos foram editadas na Venezuela (1962), na Colômbia (1962), na Argentina (1965) e no México (1967). Em 1972, foi publicado, na Argentina, o volume *La calle de los cocodrilos* (traduzido por E. Gohre) e, em Barcelona, *Las tiendas de color canela* (traduzido por S. Puig).

prefácio de John Updike, de 1978, bem como o “deslumbramento” dos suecos e espanhóis, são fatos ocorridos há cerca de trinta anos. Será que Bruno Schulz ainda consegue estimular e intrigar o leitor estrangeiro? Quais são as deformações contextuais do seu perfil e da sua obra em realidades que possuem um arquivo histórico e literário diferente? No caso dos sistemas literários em que a ficção de Schulz está presente há décadas (como acontece com os leitores das traduções inglesas, suecas, espanholas, francesas etc.), os assuntos mencionados levam (já) a uma indagação sobre a *história* da recepção do autor de *As lojas de canela*, ou seja, equivalem a um convite a pesquisas bibliográficas (aliás, muito interessantes também). Nesse caso, a distância temporal que separa o pesquisador do seu objeto permite a constituição de uma perspectiva em que as pistas são enxergadas de uma maneira regressiva em relação às suas posteriores consequências.

Este ensaio, porém, dedicado aos primeiros momentos da recepção da primeira edição completa da ficção de Bruno Schulz (2012a) no Brasil⁴, é privado dessa distância temporal e visa à observação dos mecanismos da recepção “no calor do momento”. Através de uma análise das circunstâncias da publicação e das primeiras reações da crítica, procura lançar uma luz sobre algumas particularidades do processo de construção da imagem do autor traduzido, na realidade receptora, com ênfase especial nos modos de sua contextualização por meio das referências preexistentes que funcionam como um quadro de recepção.

A presente análise se baseia em um modelo heurístico derivado das observações de André Lefevere (1982, p. 5), segundo o qual “[literature] is a contrived

4 Ainda que o presente artigo se concentre na realidade cultural do Brasil, convém observar que Bruno Schulz está presente também em Portugal desde a década de 70, quando saiu a antologia *Contos polacos* (1977) com uma tradução – indireta, através do espanhol – feita por José Saramago. Em 1983 foi publicado *Tratado dos manequins*, e em 1987 – o volume completo *As lojas de canela* na tradução de Aníbal Fernandes que, infelizmente, deixa muito a desejar. A versão de Fernandes, elaborada a partir da tradução inglesa e francesa, castra a ficção de Schulz no que diz respeito às suas particularidades formais. Na reedição de 2012 (SCHULZ, 2012b), é incluído um prefácio muito mal preparado, no qual, para além de lapsos oriundos da ignorância da redação (a ortografia inglesa – “Arthur” – do nome do famoso crítico polonês Artur Sandauer, ou a moeda “zloti” – a grafia segue a pronúncia inglesa – em vez de “złoty”), faltam explicações e comentários referentes à realidade polonesa (por exemplo, o que significa a abreviação “zł” – que vem do nome da moeda oficial e deve ser escrita “zł” – ou a importância da rua Floriańska, na Cracóvia – uma das ruas principais na parte mais antiga da cidade) e à sua vida artística (Witkiewicz, um dos nomes principais na cultura polonesa da época e de todo o século XX, é apresentado apenas como “outro artista plástico-escritor ou vice-versa” [SCHULZ, 2012b, p. 9]). As informações históricas superam o substrato biográfico – embora Fernandes cite uma carta aberta em que Schulz chama atenção ao caráter autobiográfico da sua obra – e o escritor parece retratado como uma mera vítima das turbulências históricas. A editora portuguesa aparentemente não usufruiu as experiências da primeira onda da recepção da tradução brasileira, o que poderia ter permitido evitar uma série de equívocos.

system, i.e. it consists of both objects (texts) and people who write, refract, distribute, read those texts.” É decisiva, portanto, uma análise da atividade das instâncias que desempenham um papel regulador dentro do sistema (isto é, exercem “patronagem”) e são responsáveis pela “refração”, ou seja, a deformação resultante de uma negociação entre o sistema de partida e o sistema de chegada, contemplando as suas limitações (cf. LEFEVERE, 1982). O objetivo deste ensaio consiste, portanto, na apresentação das ações dos agentes de patronagem (comentários públicos de críticos literários, ensaístas, professores, acadêmicos etc.) e na exposição do papel do tradutor enquanto um sujeito que exerce uma influência ativa sobre o processo da recepção (cf. MILTON, BANDIA, 2009) e da criação do cânone da literatura traduzida no exterior (cf. WILCZEK, 2011).

Tradutor como orientador

Em 21 de dezembro de 2012, o suplemento “Caderno 2” de “O Estado de S. Paulo” publica uma síntese do ano, acompanhada por um resumo dos acontecimentos mais importantes em dez categorias. No campo da literatura, *Ficção Completa* de Bruno Schulz, editada havia seis meses, ocupa o primeiro lugar, superando, entre outros, as novas traduções de *Ulisses*, de James Joyce, e de *O arco e a lira*, de Octavio Paz, as novas edições de *A comédia humana*, de Balzac, e de *Laranja mecânica*, de Burgess, e as primeiras traduções brasileiras de *Contra o dia*, de Thomas Pynchon, *O sentido de um fim*, de Julian Barnes e *Um olhar sobre Giacometti*, de David Sylvester (BRASIL, 2012, p. D6)⁵. Há apenas dois livros de autores nacionais neste destaque: uma estréia (José Luiz Passos) e uma reedição (Pedro Nava)⁶.

5 A ordem desta enumeração não corresponde à ordem apresentada no jornal, que é a seguinte: 1. B. Schulz, 2. J. Joyce, 3. H. Balzac, 4. T. Pynchon, 5. D. Sylvester, 6. J.L. Passos, 7. P. Nava, 8. O. Paz, 9. A. Burgess, 10. J. Barnes.

6 Se considerarmos este ranking enquanto representativo para a tendência geral presente no sistema literário brasileiro, ele pode servir de base para uma hipótese pertinente do ponto de vista da análise da recepção da obra de Bruno Schulz no Brasil. A desproporção entre a literatura nacional e as traduções, bem como o caráter inovador, muitas vezes experimental das obras traduzidas (Joyce, Paz, Burgess, Pynchon) indicam que a literatura traduzida não se situa na periferia do sistema literário local, mas antes constitui nele um elemento importante, responsável pela ampliação do repertório de formas e temas disponíveis. No sistema literário no Brasil – um sistema relativamente ainda “novo”, “periférico”, “fraco” (cf. EVEN-ZOHAR, 1990) – a literatura traduzida introduz (estréias) ou atualiza (reedições) forças transformadoras, inclusive novos códigos e padrões composicionais, que, como sugere a retrospectiva de 2012, são muito apreciados pelo público e pelos críticos desejosos de novidades. A ficção de Schulz, que “enxergado de um certo ponto de vista (...) fica (...) no topo dos inovadores da ficção polonesa (e mundial) da primeira metade do nosso século [XX]” (JARZEBSKI, 1998, p. cvi), harmonizaria com esta tendência. Caso não

Em uma nota muito sucinta sobre *Ficção Completa* lê-se que “ancorado pelas culturas polonesa, judaica e alemã, Bruno Schulz (...) escreveu uma obra curta, mas intensa, traduzida por Henryk Siewierski e editada pela Cosac Naify” (BRASIL, 2012, p. D6). Vale lembrar que a editora paulista, fundada em 1997, é responsável pelo lançamento de obras-primas da literatura mundial, como escritos de Victor Hugo, Lev Tolstói ou Herman Melville⁷. Um destaque especial no seu catálogo é a coleção “Prosa do Mundo”, iniciada em 2000, apresentada pela editora da seguinte maneira:

A Prosa do Mundo reúne clássicos e obras de grande importância da literatura estrangeira ainda desconhecidas no Brasil. Em tradução direta do original, com preciosos textos complementares de autores como Roland Barthes, Henry James, Julio Cortázar e Tarsila do Amaral, os livros formam uma biblioteca essencial para leitores ávidos por literatura e cultura e apreciadores de belas edições.⁸

Na prestigiosa coleção foram lançadas obras de Tolstói, Pirandello, Beckett, Brecht, Mauriac, Tchekhov, Melville, Bataille, Stendhal, Flaubert, Jünger, Canetti, Breton e Stevenson, entre outros. *Ficção Completa*, editada em 2012, inaugura um novo decênio da existência da série. A inclusão da obra de Schulz na “Prosa do Mundo” constitui um quadro de referência para os possíveis leitores, comunicando que o autor pertence a um grupo de elite, composto por clássicos da literatura mundial. As circunstâncias da publicação sugerem também que o público-alvo da tradução constitui leitores exigentes, “eruditos”, apreciadores de clássicos, e ao mesmo tempo abertos a padrões composicionais e linguagens poéticas oriundos do exterior. O preço do volume também não deixa de ser significativo: R\$ 89,00 que parece ser um valor acessível somente pelas camadas mais altas da sociedade brasileira.⁹

haja outra indicação, as traduções das fontes citadas da língua polonesa para o português são da responsabilidade do autor deste ensaio.

7 Veja o site oficial da editora: <https://editora.cosacnaify.com.br>. Consulta realizada em 20 de dezembro de 2015.

8 <https://editora.cosacnaify.com.br/SubHomeSecao/566/Prosa-do-Mundo.aspx>. Consulta realizada em 20 de dezembro de 2015.

9 Autor de uma das resenhas que serão mencionadas mais adiante considera o preço do volume “o único defeito [...] que, embora possa ser economicamente justificável, é digno de lamento como empecilho à circulação da obra de um gênio. Schulz é bom demais para se restringir às estantes da elite” (RODRIGUES, 2012). Vale observar, porém, que a Cosac Naify regularmente oferece descontos a 30-40%. (Desde

A edição em questão, com mais de 400 páginas, incorpora traduções de *Lojas de canela*, *Sanatório sob o signo da clepsidra* e quatro contos esparsos (“Outono”, “República dos sonhos”, “O cometa”, “A pátria”). Convém salientar que as traduções das duas coletâneas foram publicadas no Brasil ainda nos anos 90 pela editora Imago na série “Lazuli” que apresentava obras de autores estrangeiros, como *Sanatório* (1994) e *Lojas de canela* (1996) de Schulz, vertidas para o português por Henryk Siewierski. Como observa o tradutor, “revistas agora para esta nova edição da Cosac Naify, as primeiras versões podiam ser aperfeiçoadas. Foi possível detectar e corrigir alguns erros, encontrar soluções melhores, mas também confirmar que as primeiras versões ainda resistem ao poder de Cronos” (SIEWIERSKI, 2012a, p. 390).

Uma diferença essencial entre as edições da Imago e o volume em foco deve-se à inclusão de um aparelho paratextual bastante desenvolvido: *Ficção Completa* abre-se com um pequeno artigo do prêmio Nobel polonês, Czeslaw Milosz (publicado originalmente em 2 de janeiro de 1989 em “The New Republic”), e encerra-se com trechos do *Diário* de Witold Gombrowicz e sugestões de leitura sobre a vida e a obra de Schulz.¹⁰ Um excelente prefácio de Henryk Siewierski contextualiza a interpretação da obra levando em conta (1) o panorama artístico da Polônia e da Europa da época, (2) a biografia do autor, entrelaçada, de um modo inevitável, com o momento histórico, (3) um esboço geral da poética de Schulz, (4) a atividade crítica, ensaística e epistolográfica do autor, (5) a criação plástica, sobretudo na *Xiega Bałwochwalcza*, e (6) os problemas específicos da representação na ficção do escritor. O ensaio de Siewierski, apresentando uma síntese muito sucinta das discussões e conquistas da schulzologia nos sessenta anos desde a morte do autor¹¹, consegue evitar um tom excessivamente didático, indicando pontos de referência que permitem uma compreensão mais completa da obra traduzida. A história da Polônia e da literatura polonesa constitui, para um leitor brasileiro, uma *terra incógnita* em um grau ainda maior do que a história do Brasil e da sua

o momento da redação da primeira versão deste texto, em 2013, a editora reduziu o preço do volume e neste momento – no final de 2015 – *Ficção completa* pode ser adquirida no site da editora por R\$ 52,90.)

10 São mencionadas, entre outros, as traduções inglesa e francesa do importante estudo *Regiony wielkiej herezji*, de Jerzy Ficowski, catálogos norte-americano e francês de desenhos de Schulz, edições francesa, espanhola e norte-americana de ensaios e da correspondência, comentários de escritores (Roth, Updike, Singer, Coetzee), referências intertextuais (Grossman, Foer, Vila-Matas, Ozick) e adaptações cinematográficas.

11 O ensaio foi escrito originalmente para a edição de *Lojas de canela* (SCHULZ, 1996, pp. 142-173), não se referindo, portanto, aos estudos mais recentes sobre a obra de Schulz.

literatura para o leitor polonês. Residente no Brasil, Henryk Siewierski¹², autor também de *História da literatura polonesa* (2000) publicada pela Editora da UnB, tem consciência das dificuldades interpretativas que um leitor brasileiro pode enfrentar na leitura de Schulz, pois este entra em uma rede muito complexa de relações com a tradição literária da Polônia e da Europa (cf. SPEINA, 1974), instaurando, ao mesmo tempo, um idioleto muito próprio e inovador, que o tradutor polonês – formado em Estudos Poloneses – tem como objetivo manter em sua tradução para o português do Brasil. Na frase que encerra o posfácio, o tradutor afirma que é sua “[a] expectativa que o original esteja presente nessa leitura e, mesmo invisível, acompanhe os leitores de modo que possam não só visitar, mas também habitar o seu mundo” (SIEWIERSKI, 2012a, p. 390).

O papel muito peculiar que Siewierski tem que assumir enquanto tradutor de sua língua materna para uma língua não materna é explicado no prefácio à edição anterior (da *Imago*) de *Sanatório*:

Seria talvez mais natural se Schulz tivesse aqui um tradutor cuja língua materna fosse o português. Mas a tradução também pode ser uma leitura em outra língua, leitura com os outros e para os outros. Sinto-me privilegiado por poder fazer esta leitura no Brasil, numa língua que não era minha, mas que se fez minha, tornando irresistível a tentação de nela verter algumas das mais belas páginas da literatura polonesa. (SIEWIERSKI, 1994, p. 13)

Para Siewierski, Schulz tem que ser colocado a uma certa distância, ficando em um campo que permita um olhar ao mesmo tempo próximo, necessário no processo da tradução que procura transmitir a especificidade do original¹³, e dis-

12 Siewierski foi responsável também pela publicação da antologia *Quatro poetas poloneses* (1994), que inclui traduções de Czesław Miłosz, Tadeusz Różewicz, Wisława Szymborska e Zbigniew Herbert, bem como *Adam Mickiewicz: um poeta peregrino* (1998). É autor de alguns dos raros livros sobre a cultura e literatura brasileira lançados na Polónia, como *Jak dostalem Brazylię w prezencie* (1998) e *Raj nie do utracenia: amazońskie siła rerum* (2006). Coordenou também a tradução coletiva do volume *33 wiersze brazylijskie* (2011), com obras de Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Mário Quintana vertidas para o polonês. (Cf. a bibliografia completa de Siewierski no site: www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/HenrykSiewierski.htm. Consulta realizada em 20 de dezembro de 2015).

13 É significativo, neste contexto, um comentário de Siewierski publicado no volume *Bruno Schulz: Wiosna. 12 przekładów*: “descobri que a tradução para ‘uma outra’ língua tem também suas vantagens, porque, apesar de requerer mais tempo e inúmeras consultas das fontes da língua escrita e coloquial, permite uma maior liberdade, e uma menor dependência da tradição literária local que impõe suas exigências. Em nome da fidelidade à tradução, este tradutor pode ultrapassar as fronteiras que, para um tradutor para a sua língua materna, seriam provavelmente inultrapassáveis, explorando novos tons e registros, e convencendo, de uma certa forma, a língua [de chegada] a uma ampliação para que ela receba uma obra que, sem essa

tanciado, que simule a posição do leitor, para quem o valor e o contexto da obra de Schulz não são óbvios. Esta alteração da perspectiva afetivo-cognitiva, próxima à auto-alienação, é um processo dialético, que, como afirma Teresa Walas:

significa (...) o desenvolvimento (...) em si mesmo de uma perspectiva gêmea, que do ponto de vista hermenêutico é uma inversão daquela [da perspectiva “do olhar estranho”]: enquanto o olhar externo, o olhar de um forasteiro, procura uma relativa redução da distância, o olhar do guia impõe essa distância a si mesmo, buscando uma posição diferente da costumeira, o que resulta também, e certamente o faz, em uma alteração da forma do próprio objeto. (WALAS, 2011, p. 215)

Ainda que a pesquisadora assuma uma perspectiva mais abrangente e que se refira aos desafios enfrentados por pessoas que buscam introduzir sua literatura nacional no exterior e que na cultura de chegada desempenham papel de “guias” ou “orientadores”, suas observações podem ser pertinentes do ponto de vista da presente análise.

A atividade do tradutor de uma língua materna para uma não materna, que pretende reduzir a distância que separa o receptor da tradução do texto de partida, tem como consequência a necessidade de sair de sua perspectiva original. A resultante “alteração da forma do próprio objeto” faz parte do processo de refração (*cf.* LEFEVERE, 1982), em que um papel importante cabe também aos contextos e às explicações fornecidas pelo tradutor-como-guia, que objetiva reduzir as deformações causadas pela inserção do autor traduzido no sistema da cultura de chegada. Uma análise dos primeiros momentos da recepção da tradução brasileira de *Ficção Completa* de Bruno Schulz permite evidenciar a dinâmica desse processo como um gradativo entrelaçamento da obra com os contextos já circulantes no Brasil.

Schulz x Kafka

Resumindo os textos dedicados a Bruno Schulz que foram publicados na revista “NaGlos” lançada em 1992 – com comentários de Singer, Roth, Hrabal e Updike, entre outros –, Agnieszka Fulińska afirma:

ampliação, não poderia ter sido criada. Força mais a língua para adaptar-se à obra do que a obra a uma nova língua. Obviamente há certos limites que só podem ser ultrapassados após uma negociação prévia, e outros que não podem ser ultrapassados.” (SIEWIERSKI, 2008, p. 298-299).

A leitura de todos estes comentários permite, primeiro, uma conclusão básica de que Schulz é um fenômeno único no quadro da literatura mundial contemporânea, e, segundo, uma reflexão de que grandes escritores renomados falam de outro grande escritor somente através da comparação com outros grandes escritores. (FULIŃSKA, 1992)

O autor que com mais frequência constitui um ponto de referência para a interpretação da ficção de Schulz é, sem dúvida, Franz Kafka. Paralelos entre os dois escritores foram feitos várias vezes na Polônia e no exterior – como prova, entre outros, o manual da literatura polonesa de Czesław Miłosz (2012: 493), publicado em inglês – e com base em dois contextos. O primeiro refere-se à atribuição – equivocada – da autoria da tradução de *O processo* a Schulz – uma suposição já desmentida por muitos especialistas na obra do autor (cf. FICOWSKI, 1967, p. 168-169; BOLECKI, JARZEBSKI, ROSIEK, 2003, p. 169; MIKLASZEWSKI, 2009, p. 118) –, enquanto o outro diz respeito a uma aparente semelhança entre a transformação do pai do narrador de *Sanatório sob o signo da clepsidra* em barata, com a de Gregor Samsa no conto *A metamorfose*. A coincidência revela-se, porém, apenas superficial, dado que o motivo da transfiguração tem, nos dois autores, um significado totalmente diferente. Um dos primeiros pesquisadores a notar isso foi Jerzy Ficowski (1967, p. 145-146)¹⁴, o que influenciou as análises posteriores, nas quais os críticos procuram apresentar Schulz num contexto histórico-literário mais amplo, tanto polonês (SPEINA, 1974, p. 68-69), como mundial (BROWN, 1990, p. 224-225).

Apesar de numerosas divergências, que não escapam à atenção de um leitor perspicaz e constituem uma glosa já obrigatória nos estudos sobre a obra de Schulz e de Kafka (cf. BOLECKI, JARZEBSKI, ROSIEK, 2003, p. 170; JARZEBSKI, 2005, p. 20-21), as referências ao perfil do autor de *O processo*, enquanto figura internacionalmente reconhecível, acompanharam a recepção de Schulz no exte-

14 “Apenas um conhecimento muito superficial da obra de Schulz pode justificar a hipótese de um parentesco próximo com Kafka. De fato, são dois mundos completamente diferentes, motivos criativos extremamente diversos, filosofias distantes. Schulz tinha muito apreço por Kafka, mas – apesar de suspeitas infundadas – nunca se considerou seu seguidor, nem sequer alguém que compartilhasse seu sonho. Schulz é construtor de uma realidade-asilo que constitui uma ‘exacerbação do sabor do mundo’; Kafka é morador e glosador de um mundo de terror, um eremita ascético à espera de um milagre de irrealizável justiça. Schulz – um metafísico, vestido de toda a riqueza de matizes e cores; Kafka – um místico vestindo um cilício de renúncias mundanas. Schulz – criador e imperador de um Mito compensatório; Kafka – explorador sisifista do Absoluto. Schulz – criador pródigo de Olimpos comuns; Kafka – notário de um Abismo avassalador” (FICOWSKI, 1967, p. 145-146). Cf. também o verbete “Kafka” em *Słownik schulzowski* (BOLECKI, JARZEBSKI, ROSIEK, 2003, p. 170).

rior, de forma persistente. Já em 1961, nos primeiros momentos da “viagem ao mundo” do autor de *Lojas de canela*, Witold Gombrowicz chamou atenção para a ambiguidade da relação que seria sublinhada pelos leitores estrangeiros de Schulz, servindo-se de contextos literários já conhecidos:

O que será? Um fracasso ou um sucesso mundial? Seu parentesco com Kafka tanto pode abrir como fechar-lhe o caminho. Se disserem que é mais um primo, está perdido. Mas se enxergarem o brilho peculiar, a luz própria que emite feito um inseto fosforescente, aí será capaz de entrar suavemente no imaginário, já trabalhado por Kafka e sua estirpe... e então, a êxtase dos gourmets irá jogá-lo para cima. E se a poetização dessa prosa não cansar demais, vai deslumbrar... (GOMBROWICZ, *apud* SCHULZ, 2012a, p. 391-392).

A recepção de Schulz realiza-se, portanto, no que se pode considerar uma “sombra de Kafka”, já que a analogia entre os dois escritores poderia resultar no apagamento da singularidade da ficção do autor polonês. Diante desse risco, a forma da edição brasileira de 2012 parece resultar de uma série de decisões intencional e conscientemente orientadas para o controle da recepção da obra. O artigo de Milosz, que desempenha a função de prefácio, desde o início chama atenção do leitor para a especificidade da linguagem de Schulz enquanto um desafio para o tradutor, e sublinha uma das particularidades mais importantes e mais evidentes do idioleto do autor, que permite uma distinção entre ele e a linguagem do autor de *O processo*:

Schulz foi traduzido para diversas línguas e, paradoxalmente, parece que seus admiradores mais ferrenhos estão na Alemanha Ocidental. Todavia, não é fácil fazer de Bruno Schulz um escritor internacional. Ele nasceu na Polônia, morreu na Polônia, e o que mais o caracteriza como escritor é a intimidade que demonstra com a língua polonesa. A exuberância, a opulência de sua prosa barroca o distingue do ascético Kafka, e o leva à beira da intraduzibilidade. (MIŁOSZ, *apud* SCHULZ, 2012a, p. 9)

Nesta pequena passagem, Milosz não apenas realça uma distinção entre Schulz e Kafka, mas também sinaliza a singularidade do autor polonês, criador de uma ficção “barroca”, inextricavelmente ligada à língua polonesa, que para o leitor brasileiro é um idioma bastante exótico. O volume é encerrado com trechos do diário de Gombrowicz, inclusive a passagem anteriormente citada, que trata dos perigos da identificação de Schulz com o autor de *O castelo*.

Apesar da seleção de textos adicionais que procuram impedir analogias entre Schulz e Kafka já na etapa da leitura do volume, as referências kafkianas constituem um lugar comum nos comentários sobre o lançamento de *Ficção Completa* no Brasil. Neste trabalho, serão mencionados apenas os mais importantes jornais e revistas nacionais, como “O Estado de S. Paulo”, “Veja”, “Folha de S. Paulo”, “O Globo” e “Gazeta do Povo”. Convém notar, aliás, que a própria enumeração dos títulos já sinaliza que a edição da Cosac Naify conseguiu uma grande projeção midiática, sendo notada nos mais influentes órgãos da imprensa brasileira.

Em um artigo da revista “Veja” que saiu quase simultaneamente com o lançamento do volume, Jerônimo Teixeira (2012, p. 134) afirma que “Schulz não é desses epígonos kafkianos que grassavam como erva daninha no século passado: seu universo é ao mesmo tempo menos opressivo e mais fluído do que o do autor de *O Processo*”. Refere-se também a um ensaio sobre Schulz escrito por John Maxwell Coetzee, publicado no Brasil apenas um ano antes, em 2011, pela Companhia das Letras, no volume *Mecanismos internos*. Poucos dias depois do artigo de Teixeira, o suplemento cultural de “O Estado de S. Paulo” divulga a primeira entrevista com o tradutor¹⁵ (SIEWIERSKI, 2012b). Na introdução lê-se que “Schulz consegue vencer, na visão de Siewierski, a comparação com Kafka, autor de quem se distancia pela exuberante prosa poética, que contrasta com o estilo menos ousado do ficcionista checo” (SIEWIERSKI, 2012b). Observe-se o comentário do tradutor a respeito da base da analogia kafkiana na recepção de Schulz:

Essas comparações resultam mais da vontade de situar Bruno Schulz num determinado contexto histórico e geográfico do que de uma análise da sua ficção. Porque apesar de certas convergências temáticas, são universos e estilos artísticos bem diferentes. A exuberância poética da ficção de Schulz e seu riquíssimo imaginário divergem do estilo protocolar da prosa kafkiana. Se procurarmos as convergências, elas podem ser encontradas sim, mas no plano que aproxima os escritores cujas obras têm caráter universal, pela intensidade com que enfrentam o mistério da vida humana e sua inserção no drama da história. (SIEWIERSKI, 2012b)

O tradutor faz referência também a um famoso posfácio para a tradução de *O processo*, considerando-o um autocomentário de Schulz, de acordo com o

15 Ubiratan Brasil apresenta Siewierski não apenas como tradutor, mas sobretudo – referindo-se às instituições acadêmicas nacionais e estrangeiras que ele representa – como professor da Universidade de Brasília, mestre em filologia polonesa e doutor pela “Universidade de Cracóvia” (isto é, a Universidade Jaguelônica, dado que a cidade de Cracóvia abriga várias instituições do ensino superior).

qual, um espaço de convergência entre os dois autores seria o caráter autônomo do seu ambíguo mundo ficcional, resistente às tentativas de uma interpretação totalizante. A referência ao posfácio enquanto um contexto desconhecido ao leitor brasileiro torna a entrevista uma importante fonte de informação suplementar e sinaliza a heterogeneidade de contextos fora do alcance da crítica brasileira. Reconhecendo isso, Ubiratan Brasil pergunta sobre aspectos da obra de Schulz que não foram suficientemente enfatizados. Na resposta, o tradutor alega que a ficção de Schulz é objeto de várias pesquisas na Polônia e no exterior, e cita *On the Margins of Reality*, um estudo de Krzysztof Stala (publicado em inglês e, por isso, mais acessível para o leitor brasileiro) e complementa: “seria difícil apontar um aspecto da sua prosa [de Schulz] que até agora não tivesse despertado o interesse da crítica” (SIEWIERSKI, 2011b). Menciona também o Festival Bruno Schulz em Drohobych, a obra ensaística e a correspondência do autor, bem como a necessidade de aprofundamento dos estudos sobre uma possível relação entre a obra de Schulz e o realismo mágico.

Indagado sobre as eventuais “armadilhas”, “perigos” e “perdas”, aos quais a ficção do autor é sujeita na tradução para a língua portuguesa – note-se, aliás, que é uma pergunta já baseada numa convicção do valor do original! – Siewierski responde:

Mais do que as armadilhas semânticas que aparecem, porque elas sempre aparecem na tradução literária devido às diferenças culturais e linguísticas, neste caso específico foi preciso ficar especialmente atento ao ritmo. Os períodos sintáticos longos compostos de orações subordinadas, ramificadas, emaranhadas mantêm-se unidos não só pelos recursos de sintaxe, mas também pelo ritmo, pela musicalidade, e perdê-lo seria perder a alma dessa prosa. Outro perigo pode vir da ousadia e da originalidade das construções metafóricas. Elas podem parecer muito estranhas para o leitor da tradução, parecer até um tropeço do tradutor e, ele, pode sucumbir à tentação de domesticar o que é estranho. Mas a graça da tradução não seria justamente levar o leitor a outras regiões do imaginário, mesmo as que cheirassem heresia, fazer com que ele esteja surpreendido assim como é surpreendido o leitor do original? Porém, quando a questão não é surpreender, mas também encantar, como o faz o original, não há como recorrer aos métodos ou roteiros preestabelecidos, tem que entrar em jogo a intuição e aquilo que é chamado a arte de tradução. Os perigos não faltam, por isso também a dívida que o tradutor tem com os revisores, os verdadeiros parceiros na tradução. (SIEWIERSKI, 2012b).

Siewierski problematiza, de forma aberta, a estratégia da tradução que evita domesticação e procura permitir um encontro do leitor com o novo, o estranho e o distante das dicções poéticas já conhecidas – que procura, enfim, como diz Schleiermacher (2007), levar o leitor até o autor. A tradução da linguagem inovadora de Schulz visa, portanto, a introdução de padrões sintáticos e metafóricos que não pertencem ao repertório formal da literatura brasileira.

No suplemento cultural da “Folha de S. Paulo” de 2 de junho de 2012 sai uma pequena resenha intitulada “*Ficção Completa* apresenta universo de mistérios e utopias de Bruno Schulz”, de autoria de Manuel da Costa Pinto. Neste pequeno texto se sublinha a origem judaica do autor e o caráter “messiânico” da sua ficção, realçando a distinção entre o estilo “voluptuoso” de Schulz e a linguagem fria, “inóspita” e “protocolar” de Kafka, mencionando também as diferenças na construção da figura do pai na obra dos dois autores.¹⁶ Costa Pinto considera o volume “ótimo”. Duas semanas mais tarde, no blog “Todoprosa”, do site da revista “Veja”, é publicada uma resenha dedicada sobretudo à “sombra de Franz Kafka” que acompanha a recepção da obra de Schulz (RODRIGUES, 2012). O autor evidencia uma boa orientação nas vozes mais importantes da crítica no que diz respeito à relação entre os dois escritores: resume uma famosa conversa de Philip Roth com Isaac Bashevis Singer¹⁷, na qual este alega a superioridade do autor de *Lojas de canela* sobre o escritor de Praga¹⁸, mas procura entrar em polêmica com ele, evocando também um outro texto pertinente, isto é, o ensaio de J.M. Coetzee sobre Schulz. O artigo de Rodrigues é sintomático para os primeiros momentos da recepção de *Ficção Completa*, revelando a rapidez com que se realizou a inserção

16 O pai do narrador é o único personagem mencionado na primeira fase da recepção de *Ficção completa* de Schulz no Brasil. Não há nenhuma evocação a outros personagens, como Adela, uma criada sensual e ambígua, muito comentada pela crítica polonesa, mas que parece não despertar interesse na crítica brasileira. Convém lembrar, porém, que a figura de uma criada responsável pela iniciação sexual de jovens rapazes faz parte do imaginário cultural no Brasil, com representações literárias importantes, por exemplo em *Amar: verbo intransitivo*, de Mário de Andrade (1927). Talvez Adela constitua, portanto, um elemento mais “transparente” na leitura da obra de Schulz feita no Brasil. (Agradeço a Zofia Ziemann, da Universidade Jaguelônica, por ter chamado minha atenção a este aspecto da recepção de Schulz.)

17 A entrevista constitui um dos contextos mais evocados na recepção de Schulz no Brasil, dado que o volume *Shop Talk. A Writer and His Colleagues and Their Work* (2001), que inclui a transcrição da conversa de 1976, foi publicado no Brasil há relativamente pouco tempo, em 2008, como *Entre nós. Um escritor e seus colegas falam de trabalho*, pela Companhia das Letras.

18 A opinião de Singer é o eixo de um artigo publicado entre maio e junho de 2012 no jornal “Opção” (BELÉM, 2012). Já que o autor do artigo usa a publicação da Cosac Naify como pretexto para um resumo e uma citação extensa da entrevista de Roth, não fazendo menção à nova edição da ficção de Schulz, ele não será aqui discutido.

do volume em uma rede mais abrangente de referências, por meio da indicação de textos disponíveis para o leitor da tradução¹⁹. A recepção da edição brasileira da *Ficção Completa* de Schulz começa a depender de outras instâncias reguladoras – autoridades reconhecidas no campo da literatura – e a relação entre ele e Kafka passa a ser gradativamente discutida e problematizada. A resenha de Marcelo Paiva de Souza, que sai em meados de junho de 2012 no suplemento cultural de “Gazeta do Povo” (SOUSA, 2012), prova que é possível falar de Schulz sem referências constantes a Franz Kafka, reportando-se a um contexto histórico mais amplo e prestando a devida atenção à particularidade da linguagem do autor de *Lojas de canela*.²⁰

No final de junho daquele ano o jornal “O Globo” considera o lançamento da tradução da *Ficção Completa* de Schulz merecedor da primeira página do suplemento “Prosa & Verso” (FREITAS, 2012, p. 1). O artigo de Élide Mara Alves Dantas e Leonardo Francisco Soares (DANTAS, SOARES, 2012, p. 2), impresso na página seguinte, constitui mais um passo no caminho à ativação de contextos interpretativos e referências intertextuais através da evocação dos nomes de Danilo Kiš, cuja obra está presente no Brasil desde meados dos anos 80, e de David Grossman, autor do romance *Ver: amor* (original *See Under: Love*, 1986), cuja tradução aparece no Brasil em 2007 pela Companhia das Letras. Na mesma página acha-se uma entrevista com Henryk Siewierski, na qual o tradutor esclarece, entre outros, a relação entre a obra de Schulz e o seu contexto histórico, bem como as ligações entre a obra plástica e literária do autor. Guilherme Freitas, responsável pela entrevista, dedica uma das perguntas à questão das semelhanças e diferenças entre três escritores poloneses: Bruno Schulz, Witold Gombrowicz e Stanislaw Ignacy Witkiewicz. Em sua resposta, Siewierski sublinha o caráter criador e inovador das buscas artísticas dos “três mosqueteiros” da prosa polonesa da época, que desenvolveram uma crítica em relação ao futuro. Quando o entrevistador se refere a um suposto “parentesco” de Schulz com Kafka e a um possível perigo que, conforme a opinião de Gombrowicz, pode decorrer dele para a recepção do autor de *Sanatório sob o signo da clepsidra*, Siewierski (2012c, p. 2) explica:

19 Como se disse, uma lista detalhada das fontes e referências disponíveis ao leitor brasileiro é incluída no final do volume de *Ficção completa*.

20 Vale lembrar que o autor desta resenha, Marcelo Paiva de Souza, é um leitor com qualificações particularmente elevadas. Ex-orientando de Henryk Siewierski e doutor em Estudos Literários pela Faculdade de Letras Polonesas da Universidade Jaguelônica, foi também responsável pela revisão das traduções editadas em *Sanatório*, de 1994, e coordenador do curso de Polonês na Universidade Federal do Paraná. Tem, portanto, acesso ao texto original e a vários comentários críticos em polonês.

A associação de Schulz com Kafka geralmente resulta de uma leitura superficial das suas obras ou da supervalorização de certas semelhanças biográficas e geográficas. (...) Na época stalinista, em que Kafka era um dos mais suspeitos e desaconselhados autores do século XX, semelhanças desse tipo contribuíram para a marginalização da obra de Schulz na Polónia e no bloco soviético. Mas há mais diferenças do que semelhanças, a começar pelo estilo – tão exuberante e poético em Schulz, e tão protocolar e seco em Kafka. Enquanto Kafka representava a alienação total e o desespero metafísico do indivíduo, Schulz procurava restituir-lhe a cidadania no mundo e reconstruir uma ordem universal. Há também semelhanças, mas nos níveis mais profundos, das suas obras, que têm a ver, por exemplo, com o modo de representação da situação existencial de seus protagonistas através de acontecimentos fantásticos e dom imaginário simbólico.

Siewierski projeta o problema do cotejo dos dois autores para o campo da recepção, mostrando, desse modo, como uma aproximação entre Schulz e Kafka resultou na proibição da circulação da ficção do escritor polonês na época da dominação soviética.

Curiosamente, é a questão da coragem perante os governos totalitários que constitui o núcleo da resenha de Kelvin Falcão Klein (2012), que sai em outubro daquele ano no jornal literário “Rascunho”. Klein compara Bruno Schulz com alguns escritores seus contemporâneos – Elias Canetti, Alfred Döblin e Hermann Broch – como um exemplo de autor que luta pela “sustentação de uma individualidade”, contra os mecanismos desumanizantes do poder: “Ler Schulz e sua *Ficção Completa*, portanto, é entrar em contato com um ato de coragem e de exaltação da imaginação que, atravessando o tempo, nos alcança e atinge” (KLEIN, 2012, p. 23). O artigo em “Rascunho” resulta de uma leitura atenta da obra do polonês à luz de contextos que permitem uma interpretação mais completa e a inserção do autor no sistema literário brasileiro por meio de referências preexistentes. Uma ativação gradativa de comentários e evocações importantes para o discurso de recepção nos momentos imediatamente posteriores ao lançamento do volume leva, com uma velocidade surpreendente, a uma situação que se pode considerar “um desejo de uma schulzologia brasileira”, uma vez que Klein critica a edição de Cosac Naify por não ter incluído a obra ensaística e a correspondência, mencionadas por Gombrowicz, Kiš, Coetzee e Roth. Um leitor fascinado com *Ficção Completa* não consegue ultrapassar a fronteira constituída pela necessidade da tradução. Só se pode esperar que o comentário de Klein anuncie um interesse futuro pela totalidade da obra de Schulz. Para Klein, Kafka já não constitui um quadro textual indispensável para a contextualização da obra do autor de *Lojas*

de *canela* – o nome Kafka é mencionado apenas de passagem, quando se fala do conhecimento do idioma alemão, que no caso de Schulz, lhe permitiu acesso aos escritos de Freud. Klein analisa a linguagem de Schulz – quer dizer, a linguagem de Schulz moldada em português por Siewierski – do ponto de vista dos contextos freudianos ativados ao nível do léxico. Cita também o trecho final da tradução de *Tratado dos manequins* para “[dar] a medida do fluxo poético de Schulz” (KLEIN, 2012, p. 23), indicando, desse modo, a singularidade do idioleto do autor que, aparentemente, foi preservado na tradução orientada para a sustentação da particularidade da linguagem do texto original.

Seis meses de Schulz

As considerações finais, baseadas na presente análise dos primeiros momentos da recepção da *Ficção Completa* de Bruno Schulz no sistema literário brasileiro podem ser resumidas em duas observações.

Primeiro, a introdução de sua obra realizou-se por meio de uma combinação de fatores: a edição da *Cosac Naify* foi lançada no sistema literário de chegada em um contexto crítico preexistente (traduções da entrevista de Roth e Singer, e o ensaio de Coetzee) e intertextos literários também já existentes (Kafka, depois também Kiš e Grossman). Ao mesmo tempo, verifica-se a ausência de referências explícitas à recepção das edições anteriores de Schulz no Brasil, o que sugere o caráter descontínuo da recepção brasileira do autor e indica que depois do lançamento da *Cosac Naify* a recepção da obra de Schulz se realiza, de uma certa forma, de novo.²¹ Observa-se também uma falta de tentativas de comparação de Schulz com autores nacionais, o que pode apontar para o caráter fortemente inovador da publicação na cultura de chegada, que coloca a literatura traduzida no centro ativo do seu sistema. O caráter experimental da ficção schulziana foi também muito reconhecido pela crítica.

Segundo, devido à falta de outras referências, um quadro receptivo para a ficção do autor foi constituído a partir da obra de Franz Kafka. A relação entre os dois escritores é discutida à luz dos comentários evocados pela crítica. Nesta situação, o tradutor desempenha o papel de *expert* e de orientador, e as suas in-

21 A descontinuidade da recepção de Schulz no Brasil significa aqui uma ausência, na crítica posterior à edição de 2012, de qualquer referência ao bom acolhimento das primeiras traduções da obra do autor no Brasil nos anos 90, publicadas pela Imago, sem as quais, no entanto, o projeto da *Cosac Naify* provavelmente não se teria concretizado.

tervenções exercem uma função reguladora no processo da recepção da obra na cultura-alvo. A sua tarefa enquanto um agente de refração consiste na ordenação de uma rede de referências intra-sistêmicas no processo da sua constituição, o que exige que o tradutor assuma o ponto de vista do receptor, já que o último, muitas vezes, é privado de conhecimentos e competências (linguísticas, mas não só) necessárias para a interpretação dos novos elementos. A estratégia tradutológica, que procura ampliar o repertório das formas de expressão artística na literatura brasileira por meio de uma reprodução fiel da singularidade da ficção do autor, tem por objetivo introduzir Schulz como uma força transformadora atual e ativa dentro do sistema, ou seja, um cidadão da literatura brasileira.

Referências

- BELÉM, Euler de França. *Bashevis Singer diz que Bruno Schulz é maior do que Kafka*. In: *Opção*, ed. 1925, 27 de maio – 2 de junho de 2012. Página eletrônica: <http://www.jornalopcao.com.br/colunas/imprensa/bashevis-singer-diz-que-bruno-schulz-e-maior-do-que-kafka>. Consulta realizada em 20 de dezembro de 2015.
- BOLECKI, Włodzimierz; JARZĘBSKI, Jerzy; ROSIEK Stanisław (eds.). *Słownik schulzowski*. Gdańsk: Słowo/obraz terytoria, 2003.
- BRASIL, Ubiratan. *Nossas escolhas de 2012*. In: *O Estado de S. Paulo*, “Caderno 2”, 21 de dezembro de 2012. p. D6.
- BROWN, Russell E. *Bruno Schulz and World Literature*. In: *The Slavic and East European Journal*, Vol. 34, No. 2, 1990. pp. 224-246.
- DANTAS, Élide Mara Alves; SOARES, Leonardo Francisco. *Uma obra interrompida pela guerra*. In: *O Globo*, “Prosa & verso”, 23 de junho de 2012. p. 2.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. *The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem*. In: *Poetics Today*, Vol. 11, No. 1, 1990. pp. 45-51.
- FICOWSKI, Jerzy. *Regiony wielkiej herezji*: szkice o życiu i twórczości Brunona Schulza. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1967.
- FIUT, Aleksander. *Schulz jako bohater literacki*. In: KITOWSKA-ŁYSIAK, Małgorzata; PANAS, Władysław (eds.). *W ulamkach zwiędziała...: Bruno Schulz w 110 rocznicę urodzin i 60 rocznicę śmierci*. Lublin: Towarzystwo Naukowe KUL, 2003.
- FREITAS, Guilherme. *A sombra de Schulz*. In: *O Globo*, “Prosa & verso”, 23 de junho de 2012. p. 1.
- FULIŃSKA, Agnieszka. *Bóg stworzył Kafkę i Schulza*. In: *Dekada Literacka*, t. 24, nr 1, 1992. Página eletrônica: <http://dekadaliteracka.pl/index.php?id=2669>. Consulta realizada em 1 de junho de 2013.

JARZĘBSKI, Jerzy. *Wstęp*. In: SCHULZ, Bruno. *Opowiadania. Wybór esejów i listów*. Wrocław-Warszawa-Kraków: Zakład Narodowy im. Ossolińskich, 1998.

_____. *Provincia centrum*. przypisy do Schulza. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 2005.

KLEIN, Kevin Falcão. *Um mundo que troca de pele*. In: *Rascunho*, ed. 150, 2012. p. 23.

LEFEVERE, Andre. *Mother Courage's Cucumbers: Text, System and Refraction in a Theory of Literature?*. In: *Modern Language Studies*, Vol. 12, No. 4, 1982. pp. 3-20.

MIKLASZEWSKI, Krzysztof. *Zatrącenie się w Schulzu*. historia pewnej fascynacji. Warszawa: PIW, 2009.

MILTON, John, BANDIA, Paul (eds.). *Agents of Translation*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 2009.

MIŁOSZ Czesław. *Historia literatury polskiej*. Przel. M. Tarnowska. Kraków: Znak, 2010.

PINTO, Manuel da Costa. *Ficção Completa apresenta universo de mistérios e utopias de Bruno Schulz*. In: *Folha de S. Paulo*, "Ilustrada", 2 de junho de 2012. Página eletrônica: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/46329-quotficcao-completaquot-apresenta-universo-de-misterios-e-utopias-de-bruno-schulz.html>. Consulta realizada em 20 de dezembro de 2015.

RODRIGUES, Sérgio. *Bruno Schulz – Ficção Completa: gênio de beber*. Publicado em 13 de junho de 2012. Página eletrônica: <http://veja.abril.com.br/blog/todoprosa/resenha/bruno-schulz-ficcao-completa-genio-de-beber>. Consulta realizada em 20 de dezembro de 2015.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Sobre os diferentes métodos de traduzir*. Tradução de Celso Braida. In: *Princípios*, v. 14, n. 21, 2007. pp. 233-265.

SCHULZ, Bruno. *Sanatório*. Tradução de Henryk Siewierski. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

_____. *Lojas de canela*. Tradução de Henryk Siewierski. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Opowiadania. Wybór esejów i listów*. Wrocław-Warszawa-Kraków: Zakład Narodowy im. Ossolińskich, 1998.

_____. *Ficção Completa*. Tradução de Henryk Siewierski. São Paulo: Cosac Naify, 2012a.

_____. *As lojas de canela*. Tradução de Anibal Fernandes. Lisboa: Sistema Solar, 2012b.

SIEWIERSKI, Henryk. *Bruno Schulz w Brazylii*. In: MENIOK, Wiera (ed.). *Bruno Schulz: Wiosna: 12 przekładów*. Drohobycz-Lublin: Polonistyczne Centrum Naukowo-Informacyjne im. Igora Menioka Państwowego Uniwersytetu Pedagogicznego im. Iwana Franki – Stowarzyszenie Festiwal Brunona Schulza, 2008. pp. 298-299.

_____. "Posfácio". Tradução. In: SCHULZ, Bruno. *Ficção Completa*. Tradução de Henryk Siewierski. São Paulo: Cosac Naify, 2012a. pp. 369-390.

_____. 2012b – Linhas de Força de um Gênio (entrevista com Ubiratan Brasil). In: *O Estado de S. Paulo*, 18 de maio de 2012. Página eletrônica: <http://www.estadao.com.br/noticias/artecelazer,linhas-de-forca-de-um-genio,874825,0.htm>. Consulta realizada em 20 de dezembro de 2015.

_____. 2012c – *Schulz tratava a literatura como remédio para a crise* (entrevista com Guilherme Freitas). In: *O Globo*, “Prosa & verso”, 23 de junho de 2012. p. 2.

SOUZA, Marcelo Paiva de. *O pincel da palavra de Bruno Schulz*. In: *Gazeta do Povo*, “Caderno G”, 16 de junho de 2012. Página eletrônica: <http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?tl=1&id=1265677&tit=O-pincel-da-palavra-de-Bruno-Schulz>. Consulta realizada em 20 de dezembro de 2015.

SPEINA, Jerzy. *Bankructwo realności: proza Brunona Schulza*. Warszawa-Poznań: PWN, 1974.

STALA, Krzysztof. *Na marginesach rzeczywistości: o paradoksach przedstawiania w twórczości Brunona Schulza*. Warszawa: Instytut Badań Literackich PAN, 1995.

TEIXEIRA, Jerônimo. *Estranheza doméstica*. In: *Veja*, 16 de maio de 2012. p. 134.

WALAS, Teresa. *Oko innego/cudzoziemca jako możliwa perspektywa poznawcza literatury polskiej*. In: NYCZ, Ryszard; MIODUNKA, Władysław; KUNZ, Tomasz (eds.). *Polonistyka bez granic*, t. 1, “Wiedza o literaturze i kulturze”. Kraków: Universitas, 2011. pp. 213-221.

WILCZEK, Piotr. *Kanon literatury polskiej jako wyzwanie dla zagranicznego polonisty. Problem przekładu*. In: NYCZ, Ryszard; MIODUNKA, Władysław; KUNZ, Tomasz (eds.). *Polonistyka bez granic*, t. 1, “Wiedza o literaturze i kulturze”. Kraków: Universitas, 2011. pp. 563-569.

Reflexões sobre o bilinguismo

Paulo Schiller¹

Há alguns anos, estive em Budapeste depois de ter passado um bom tempo sem falar húngaro. A língua viveu no meu cotidiano enquanto eu podia conversar com minha mãe em nossos encontros. Depois da morte dela, e também porque dos amigos da geração dos meus pais havia poucos, a interação com o húngaro restou nos livros que eu decifrava enquanto os traduzia e ao assistir a um filme com o orgulho de quem dispensava as legendas descuidadas feitas em um inglês precário.

Em Budapeste, eu experimentava uma curiosa solidão no país que abrigava os romances passados das minhas duas linhagens familiares. Nos primeiros dias não procurei parentes ou amigos, apenas troquei algumas palavras com atendentes de lojas e garçons. Jantei embalado pelas canções que minha mãe cantava depois de duas taças de vinho. Foi nessa viagem que eu me dei conta do quanto a língua húngara tinha me dado: como toda língua, uma forma diferente de olhar para o mundo, um humor particular, a identificação com uma história recheada de acontecimentos trágicos. Nos últimos anos, foi por meio do húngaro que fiz amigos no meio literário e editorial no Brasil, e foi também pelas traduções que ganhei um reconhecimento junto de amigos e representantes do meio diplomático e acadêmico de Budapeste.

No primeiro dia, depois de algumas horas caminhando sem finalidade pelas ruas, eu me refugiei no hotel. No quarto, comecei a anotar minhas primeiras impressões. Parecia apócrifo escrever em português, mas o exercício representava também o sentido de um retorno, de uma volta para casa, a outra casa, para a língua em que sei ler e escrever, para a língua em que falo com os meus filhos.

1 Psicanalista e tradutor de Imre Kertész, além de Sándor Márai e outros autores húngaros. (ver transcrição de palestra na pág. 125).

Nas frases que surgiam no papel eu sentia uma suave acolhida, um apaziguamento da febre que tomara conta de mim, da velocidade com que o húngaro tinha se apoderado do meu cérebro nas calçadas da cidade, e me levava a ser habitado por um enxame de ideias e palavras velozmente encadeadas que me exauriram e me impediram de adormecer. Algumas horas no país em que, curiosamente para mim, todos falam a língua da minha infância são suficientes para que eu passe a pensar e discutir comigo mesmo em húngaro.

O húngaro foi durante décadas a língua dos meus pais, das relações deles, dos mais velhos. Toda vez que crianças ou jovens falando em húngaro passavam por mim na rua eu me voltava com uma sensação de estranheza. O efeito daquelas falas era cômico. Crianças e jovens no Brasil nunca falavam húngaro. Ou melhor, com crianças e jovens, ainda que falassem em húngaro, eu conversava em português.

Da mesma forma, em húngaro as palavras da paixão e do amor me soam falsas, de plástico, artificiais. Parece-me impossível amar em húngaro. Praguejar também não faz sentido. O riso se impõe.

Tudo se passa como se as línguas delimitassem um universo de possibilidades e como se desse universo o húngaro tivesse recortado para mim o ambiente das relações familiares. Pronunciei minhas primeiras palavras em húngaro. Por vezes sonho em húngaro. Sei que sou fluente e não tenho sotaque de estrangeiro. Ainda assim, os locais sempre insistiram – e eu me sentia ofendido – em se dirigir a mim com um “yes, mister” em inglês. No tempo do comunismo eu os compreendia. Desejavam arrancar de mim a calça jeans que para eles era uma raridade cobiçada. Mas hoje em dia, a percepção do estrangeiro deve se dar por uma via menos consciente, talvez por meio dos nossos gestos, da curiosidade denunciada pelo nosso olhar, pela nossa hesitação diante de certos códigos: o modo como pedimos um sanduíche ou perguntamos o preço de alguma coisa. Eu revivia nisso o fenômeno em que é o outro que diz quem você é e decide se você pertence à cultura dele. A situação evoca a clássica piada em que o português pergunta a brasileiros que língua eles falam, uma vez que ele entende tudo. Ao se debater com o dilema da emigração, a dor que sentiria por deixar seu país, Sándor Márai concluiu a certa altura, em seus diários, que ele levaria consigo a língua, como se fosse sua nação portátil.

Tenho orgulho da literatura húngara, como se ela me representasse. Com o mesmo entusiasmo falo dos inúmeros cientistas e matemáticos excepcionais que a Hungria entregou ao mundo. Tenho a comida típica como minha. Sinto a música local como se me pertencesse. Por outro lado, me emociona a música brasileira, sinto seu sabor único, juntamente com os pratos da culinária tropical, degusto as

praias e o mar da nossa costa, Fernando Pessoa fala à minha alma com mais intimidade que os incontáveis gênios da poesia magiar. Duas tradições convivem em mim em harmonia, se complementam, e dividem em minhas reflexões certa aversão pela trajetória política dos dois países. Sempre me considerei um nativo cindido ao meio, com essa mistura de duas culturas delineadas por dois recortes linguísticos.

Quando estive deitado no divã ensaiando os primeiros passos da minha análise pessoal, comecei a certa altura a me dedicar à inevitável tarefa de reconstruir as memórias da infância. Em dado momento, a narrativa pareceu inverossímil, sem gosto, minha fala se tornou pegajosa. Nessa hora, minha analista fez uma proposta extraordinária. Ela disse, “fale em húngaro, depois você traduz”. De início, senti certa vergonha, não porque ela não entenderia, mas porque ao ensaiar mentalmente as palavras na língua da época dos acontecimentos passados, eu percebi que viajaria de fato de volta para a atmosfera daquele ambiente distante. Por fim, aceitei a sugestão e recuperei o clima da infância, com suas fantasias e segredos, com uma força que eu não imaginava que fosse possível. Depois, à medida que a análise caminhava, eu recorri por diversas vezes ao húngaro, sem me preocupar em traduzi-lo. Na análise, a partir de dado momento, falamos para nós mesmos, sabemos que não é o outro que detém as soluções para nossas angústias.

Segundo Lacan, de um campo infinito de significantes, o Outro, que nos oferece a entrada no campo da linguagem, nos recorta um conjunto particular, referente à nossa herança histórica e ao projeto de futuro contido em uma espécie de contrato que assinamos alienados, sem ler suas cláusulas. De algum modo misterioso, no meu caso, e provavelmente no de outros nativos bilíngues, esse recorte contém significantes que pertencem cadeias construídas por sintaxes diferentes. Uma delas ficou restrita durante muitos anos à língua falada. O português, por outro lado, se enriqueceu com a leitura e a escrita. Entretanto, eu penso que valem como nativos as sintaxes, os modos de construção dos dois idiomas, que resultam em uma amplitude maior de possibilidades de construção e de interpretação da realidade, que, em última análise, é psíquica. Por vezes, o que é impossível em uma língua se mostra viável e óbvio na outra. O mesmo vale para uma riqueza maior na produção de fonemas. Assim como o húngaro dificilmente consegue aprender, na idade adulta, a pronunciar os sons anasalados do português, o brasileiro quase nunca enunciará a contento a letra “gy” do húngaro (em inglês seria uma mescla do “du” em “duke”, e “ju” em “juice”. Sem deixar de mencionar que “gy” em húngaro equivale a *uma letra*).

Dizem que o húngaro pode perder tudo, menos o seu sotaque. O dito se origina do fato de que todas as palavras húngaras têm na primeira sílaba a tônica.

O húngaro, ao falar qualquer outra língua tem dificuldade em enunciar paroxítonas e faz um esforço excessivo, e via de regra inútil, para dar conta das oxítonas. Da mesma forma, a e á são para o húngaro letras diferentes. Como são diferentes para nós um “c” e um “r”. Entre “a” e “á”, para um brasileiro falta somente o acento. Somos capazes de ler a palavra *martir* e dizer que o acento falta. Mas não nos escapa seu sentido. A mesma palavra, com o mesmo significado, existe em húngaro, mas, para a leitura de um brasileiro, com dois acentos: *mártír*. Se apresentarmos a um húngaro a palavra sem o que em português seriam acentos, ele levará por vezes um bom tempo para deduzir de que palavra se trata. Eventualmente, numa situação que para nós parece insólita, ele dirá que não conhece a palavra. Para ele as “letras” estão trocadas: a em vez de á e i em vez de í. Há inúmeras ocasiões em que pela simples falta do que para nós seria um acento, o húngaro não consegue atinar com o significado do que está escrito.

O bilíngue, por sorte, aprende sem pensar, parafraseando Paulo Rónai, que, por exemplo, uma língua pode ter ou não preposições, pode ter um ou três tempos verbais para o passado, pode ter ou não flexão de gênero. O bilíngue terá, certamente, uma facilidade maior – ou um estranhamento menor – para aprender outras línguas.

Eu disse que falo em português com os meus filhos. Ou seja, o húngaro ficou excluído da minha comunicação com eles. Por uma característica da linguagem, o que é dito recorta o que é excluído. Em outras palavras, o que se enuncia não delinea à sua volta uma ausência qualquer. O que se exclui traça o desenho não de um silêncio vazio de significado, mas do que foi silenciado. Nas histórias familiares há segredos, acontecimentos não contados. Os segredos são silenciosos, mas têm efeitos. O que reforça os laços de uma família e as identificações entre parentes são os segredos mudos, porém compartilhados. Eles podem aparecer ao longo da vida de cada um como escrita estranha a ser decifrada. Os segredos ocupam espaço, têm forma, provocam deslocamentos, são mais poderosos que as palavras. O que não é dito pode justamente ser o núcleo de um projeto de vida. Projeto ausente da vontade consciente dos pais. Um projeto inconsciente, em que o ignorado age como ponto de amarração que orienta os caminhos de uma existência. A estrutura das tragédias gregas nos revela que o silenciado pode exercer a atração de um enigma a ser decifrado. Pode ser para os filhos o núcleo inconsciente de um projeto de vida, de uma elaboração que, como um imã, convida o desejo. Édipo cumpriu o destino anunciado pelo oráculo de Delfos porque não sabia que crescera como filho adotivo. São inúmeros os exemplos na clínica em que histórias não contadas, segredos de gerações anteriores, impõem à des-

condição a realização em ato do que se suprimiu da história transmitida por uma via consciente. A lacuna em uma página de um álbum de figurinhas ou de uma coleção de selos atrai como um ímã o nosso olhar. Eu me pergunto que segredos sedutores abriga para os meus filhos a não inscrição da língua húngara. Ela existe somente como um som sem significado, que eles ouviam quando eu conversava com alguém. Existe cercada de mitos, como a língua dos avós, como a língua que detinha expressões estranhas, palavras inexistentes em português.

Comecei a traduzir porque tive a coragem dos irresponsáveis. Eu nunca havia lido nada em húngaro a não ser letreiros de lojas, nomes de ruas ou listas de jogadores de futebol. Ainda assim, com erros. Escrever era impensável. Os primeiros livros foram de autores da primeira metade do século XX. Embora o texto literário fosse muito diferente da língua coloquial que eu falava numa conversa entre amigos ou na cozinha de casa, ele tinha sido elaborado na época em que meus pais viviam na Hungria. Hoje tenho claro que eles passaram quase sessenta anos no Brasil falando, juntamente com os conhecidos que emigraram no mesmo período que eles, uma língua que havia parado no tempo. No início dos anos 50, não existiam computadores e tudo que deles derivou, copiadoras, televisões, aeronaves, música digital, telefones celulares, aplicativos de trânsito e outras tantas novidades que compõem uma lista extensa. Tudo isso eles incorporaram ao húngaro em português. Misturaram à língua nativa os novos termos, acrescentando a eles prefixos ou sufixos do húngaro. Curiosamente, incorporaram também ao húngaro palavras comuns, que existiam nas duas línguas, como se para algumas delas o português oferecesse uma alternativa melhor. As coisas próprias do Brasil também sofreram a mesma distorção. Por conta da maior flexibilidade de construção de declinações ou do acréscimo do que nós chamaríamos de prefixos ou sufixos, elas foram incorporadas ao húngaro sem conflitos.

Aconteceu de um dia me encomendarem a tradução de dois livros de um autor contemporâneo, Péter Eszterházy, uma das mais ilustres figuras da literatura húngara dos nossos dias. O primeiro, *Uma mulher*, consistia em uma coleção de breves narrativas em que o universo feminino era descrito em todas as suas variantes. Predominava o tema do amor e da sexualidade, justamente o terreno que meu húngaro caseiro não cobria. Sándor Márai, Gyula Krúdy e outros que eu traduzira de início produziram suas principais obras no período anterior à Segunda Guerra. A língua falada pelos emigrantes no final dos anos 40 se imobilizou e deixou de acompanhar a evolução natural sofrida por todo idioma ao longo do tempo. Amor, sexo e contemporaneidade: o desafio parecia insuperável. Os tradicionais amigos dos meus pais se mostraram insuficientes, pois eles também se espantavam com as

expressões desconhecidas. Fui socorrido pela generosidade do próprio Eszterházy que havia elaborado listas com as dúvidas de seus tradutores das diferentes línguas. Aos poucos, a comicidade das situações, devida à minha ausência de familiaridade com as expressões mais modernas, cedeu e a tradução caminhou. Entretanto, a sensação de estranheza diante dos novos termos se manteve, como se mantém até hoje, levando-me a pensar que se não vivemos a evolução da língua à medida em que ela acontece, não conseguimos incorporar as novidades aos afetos. Aprendemos as novas palavras, como adquirimos uma língua estrangeira a partir de certa idade: ganhamos um conhecimento inosso e descolorido.

Péter Eszterházy esteve em Paraty, na FLIP, em 2011. Participou de uma mesa redonda em que pela falta de intérprete foi obrigado a recorrer ao alemão, a língua que conhece além do húngaro. Começou a sua fala dizendo que o alemão lhe permitia dizer somente o que era capaz de expressar nessa língua. A carência de vocabulário limitava o que poderia dizer, ao contrário do que ocorreria se pudesse usar sua língua nativa. Conheço bem a situação. Uma conversa em uma mesa de bar caminha bem em húngaro enquanto falamos da vida alheia ou sobre o cardápio. Entretanto, assim que o tema toca o trabalho, a política ou qualquer assunto que demande uma reflexão aprofundada, o húngaro deixa de servir, perde para o inglês (na impossibilidade de recorrer ao português), língua em que adquiri o vocabulário e a sintaxe que dava conta do que estava nos livros.

Psicanálise e Literatura – Imre Kertész* e o desterro humano

No dia 23 de outubro de 2015, coincidindo com a celebração do 59º aniversário do levante húngaro contra o regime stalinista ocorrido em 1956, o Instituto de Psicologia da USP, através de seu Departamento de Psicologia Clínica, promoveu o lançamento do livro, em formato e-book, organizado por José Alberto Cotta e Gilberto Safra: *Psicanálise e Literatura – Imre Kertész e o desterro humano*. Entre diversos convidados, deram seus depoimentos a professora Sarolta Kóbori, responsável por ministrar o curso de língua e cultura húngara na FFLCH/USP, e Paulo Schiller, psicanalista e tradutor, entre outros, de Imre Kertész.

Em poucos minutos, numa apresentação fartamente ilustrada, Kóbori elencou os principais eventos da história da Hungria que ajudam na compreensão da crise de identidade que esse país milenar tem como tarefa resolver no século XXI. Ao contar sobre as trágicas circunstâncias em que um dos importantes poetas da Hungria do século XX desapareceu – Miklós Radnóti –, Kóbori passou o bastão para Schiller que, então, descreveu não somente sua experiência de tradutor literário de autores húngaros do quilate de Radnóti, Sándor Márai e Imre Kertész, entre outros, como também contribuiu com sua experiência no campo clínico.

Considerando a temática especial desta edição da *Cadernos de Literatura em Tradução*, acredita-se que estas duas palestras irão enriquecer o panorama que dá pano de fundo à literatura produzida pela “outra Europa”, pois as questões nelas tratadas, apesar de dizerem respeito a um autor húngaro em especial, são exemplares a toda região.

Palavras Chave: Imre Kertész, desterro humano, Hungria

* Nobel de Literatura de 2002.

O Nobel de Literatura do húngaro Imre Kertész – contextualização histórica

*Sarolta Kóbori**

Aqui no Brasil, infelizmente a Hungria é muito pouco conhecida, então o que eu conto sobre o meu país freqüentemente é novidade para todos. Por isso fiquei contente quando o José Cotta me pediu para apresentar a Hungria e passar algumas informações sobre a minha pátria. Lembro do dia em que fiquei orgulhosa e feliz, pois, estando na casa de meus pais, abri o jornal e lá estava escrito que um escritor húngaro havia ganho o prêmio Nobel de Literatura. Mas ao mesmo tempo fiquei triste, pois não conhecia o Imre Kertész. Até então nunca tinha ouvido falar o seu nome. E não só eu me senti frustrada, mas também os grandes intelectuais, os políticos e os professores, que tentaram justificar como era possível que na própria Hungria Kertész fosse pouco conhecido. Tanto assim que a indicação dele para o Nobel não havia partido da Hungria, mas da Alemanha.

Há poucas semanas atrás convidei uma artista húngara, Tünde Albert (nascida na Transilvânia, estudou na Hungria e mora no Brasil há alguns anos), para falar sobre a Transilvânia, em uma das minhas aulas. Essa região, que antes pertencia à Hungria, agora faz parte da Romênia. E Tünde começou a sua fala exatamente assim “Quem sou eu? Quais são as minhas raízes?” Porque a história da Hungria no século XX é exatamente isso: perda de identidade, perda do orgulho nacional. Vários fatos históricos marcantes fizeram com que essa moça, aqui no Brasil, se fizesse essa mesma pergunta feita por Imre Kertész em sua obra: “Quem sou eu?”. Ela comentou que nem gostava de pensar sobre isso, que não gostava de analisar os fatos, tão difícil que ficou essa questão lá na Hungria e também nos territórios perdidos.

* Sarolta Kóbori é da Universidade de Pécs, Hungria; ministra o curso de língua e cultura húngara na FFLCH/USP.

Então nos próximos dez minutos – o tempo que recebi pra falar – vou tentar dar uma idéia do que aconteceu com a Hungria no século XX. A primeira pergunta: onde fica a Hungria? Encravada no meio da Europa Central, seu território hoje equivale mais ou menos ao território do estado de Pernambuco. Mas antes era muito maior.



Mapa atual da Hungria, na Europa Centro-Oeste.

Vocês devem se lembrar do que o Chico Buarque disse sobre a língua húngara, que seria uma língua que até o diabo respeita. É que os húngaros vieram de fora da Europa, da região dos Montes Urais, que fica na Ásia e trouxeram consigo essa língua diferente. No séc. IX conquistaram o território que viria a se transformar no Reinado da Hungria um século depois. Era um povo nômade, guerreiro, que fez a Europa tremer com seus cavaleiros montados e mestres no manejo do arco e flecha.

Até o séc. XX os húngaros sempre se sentiram, fazendo parte de um país poderoso. Porém como se pode ver nesse vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=sBTdBRZmTc0>), depois que termina a 1ª Guerra Mundial, por causa do Tratado de Trianon em 1920 a Hungria vai perder 2/3 de seu território e metade de sua população.



Imagem 2 – Mapa do Reinado da Hungria e os territórios que perdeu, por conta do Tratado de Trianon, 1920, para a Áustria, Tchecoslováquia, Romênia e Iugoslávia.

Simplesmente, quem sempre se sentiu parte de um império grande e poderoso, de um dia para outro foi retalhado em vários países. Tanto que por causa desses fatos históricos que levaram a várias diásporas, temos húngaros espalhados no mundo inteiro, inclusive aqui no Brasil. Tem um outro mapa que mostra essa mudança drasticamente [<https://www.youtube.com/watch?v=xzCuru037w>]. Mais tarde, durante a 2ª Guerra Mundial, o Hitler prometeu devolver esses territórios. Parte da Transilvânia foi realmente devolvida, por um curto período de tempo. Mas perdida novamente, logo depois.

E foi nessa época da 2ª Guerra Mundial que o nosso Imre Kertész, juntamente com todos os judeus da Europa, sofreu um grande trauma e a Hungria foi totalmente ocupada pelos nazistas. E depois que a guerra acabou e os nazistas foram derrotados, a Hungria passou a ser ocupada pelas forças soviéticas. Portanto, vejam que o séc. XX inteiro significou guerra, ocupação, perda de identidade, perda do orgulho nacional. Imaginem uma aldeia pequena onde você sabe exatamente quem foi que te entregou, quem te ajudou, quem recusou ajuda, quem se tornou covarde, perdendo confiança no outro ser humano. Logo depois dessa perda de confiança, chegam os comunistas e ainda tomam as suas terras e suas casas também e você tem que entregar tudo que tem. E foi somente no dia 23 de outubro de 1956, que não tem como não comentar, já que hoje estamos comemorando seu 59º aniversário, que o primeiro levante contra a ditadura socialista aconteceu, mas esse grito pela liberdade foi subjugado pelas forças soviéticas duas semanas depois.

Então, o povo húngaro é um povo psicologicamente traumatizado e ferido em seu orgulho nacional, e o novo século nos trouxe essa tarefa da reconstrução e a redescoberta de “Quem sou eu”. Porque este desterro humano, para todo povo húngaro representa uma coisa tão pesada que quando a gente viaja para qualquer lugar e conhece novos húngaros daquele lugar, um deles certamente vai começar a contar a história da Hungria. E vai falar sobre esses traumas, tal como um empresário que perdeu tudo vai passar o resto da vida falando sobre como ele, um dia, havia sido rico.

Agora é tarefa dos políticos, dos intelectuais e dos artistas descobrirem o que aconteceu, analisar e reconstruir uma nova identidade. Vários artistas estão colaborando com essa reconstrução, com a exibição de estátuas, com exposições em museus, como por exemplo,



Imagem 3 – A estátua de Miklós Radnóti, criada por Mikós Melocco, Abda, 1980.

A história de Radnóti é muito chocante já que ele não teve a sorte de sobreviver ao holocausto. Foi assassinado quando caminhava de volta para a Hungria – houve várias dessas marchas famosas, batizadas de marcha da morte –, perto da fronteira da Áustria. O corpo dele foi localizado numa vala comum. Apesar de tudo, durante o campo de concentração e durante a caminhada ele continuava a escrever poemas. E acharam a caderneta com os poemas dentro de sua roupa.

Quem visita a Hungria hoje vê essas estátuas, esses monumentos feitos para relembrar o que aconteceu.



Imagem 4 e 5 – Monumento à beira do Rio Danúbio, em homenagem aos judeus assassinados na beira do rio e atirados às águas.

Esse outro monumento foi feito em 2005: a idéia é de um diretor francês – Can Togay – e foi realizado por um escultor húngaro – Pauer Gyula. São sapatos de judeus que foram executados e atirados ao Rio Danúbio. Ou seja, existem vários movimentos desse tipo, não somente na literatura. E quem passeia por Budapeste pode ver esses monumentos. Tem também a Casa do Terror – *A Terror Háza*. O instituto está no próprio prédio onde aconteceram torturas e perseguições tanto durante o nazismo húngaro quanto durante o período comunista que se seguiu.



Imagem 6 e 7 – Lembranças do terror – primeiro os nazistas, depois os comunistas.

E falando sobre Imre Kertész, seu livro mais famoso *Sem Destino*, que havia sido lançado em 1975, e traduzido por Paulo Schiller em 2003, foi filmado depois que ele ganhou o Nobel. Até 1989, durante o regime comunista, os húngaros não tiveram tantas oportunidades para limpar a alma, mas depois de 1989, de diversas formas, especialmente através da arte, começaram a surgir obras que ajudam a fazer essa reconstrução. Ao ganhar o Nobel, em 2002, Imre Kertész ganhou muita fama para si próprio e para a Hungria, então resolveram fazer o filme. [<https://www.youtube.com/watch?v=ILtOQONWXSA>] [ver a seqüência de 40' que se inicia no minuto 1:14:20 para ilustrar o significado de desterro.] Além desse filme de Kertész, cujo título original é *Sorstalanság*, está passando um outro filme agora aqui em São Paulo, na Mostra Internacional, “O Filho de Saul” [do diretor húngaro László Nemes, um dos destaques do festival de Cannes 2015 e vencedor do Oscar de melhor filme estrangeiro em 2016], cujo tema é semelhante.

Fico muito contente ao ver que, no Brasil, um psiquiatra está pesquisando os sentimentos do ser humano através de um escritor húngaro, com o intuito de mostrar o significado de “ser tratado como ninguém, nem nada”.

Desejo muito sucesso à sua pesquisa e ao seu trabalho, José Cotta.

Imre Kertész e o desterro humano

Paulo Schiller¹

Vocês convidaram um tradutor e ganharam de contrabando um psicanalista. Obrigado pelo convite.

Esse evento de hoje ressalta, cada vez mais, a importância de se trabalhar a literatura de testemunho. Trata-se de uma literatura cujos representantes escasseiam, pois existem cada vez menos pessoas vivas daquele período. Esses escritores nos deixaram sua obra para que não fossem esquecidos e para que jamais deixássemos de elaborar novas reflexões a partir delas.

Algumas palavras sobre Miklós Radnóti, o poeta que Sarolta Kobori acaba de citar: nas últimas semanas de sua vida, ele tinha certeza de que iria morrer. Ele é dono de uma literatura de testemunho muito particular pois foi escrita durante o holocausto e não depois dele. Sua grande angústia era não saber se seus poemas seriam encontrados depois, coisa que de fato aconteceu em 1946 quando a vala coletiva em que fora enterrado foi aberta. Exumaram-se os cadáveres e no bolso de seu casaco estavam seus últimos versos. Traduzi alguns deles, que saíram na Ilustríssima no ano passado. Aqui, o verso de Radnóti que trazia a última data.

Desabei a seu lado, seu corpo se virou
e já estava teso, como corda², quando se rompe.
Tiro na nuca. *Assim será também o seu fim,*
sussurrei para mim mesmo, *continue deitado sereno.*
A paciência agora desabrocha em morte.

1 Psicanalista e tradutor de Imre Kertész, além de Sándor Márai e outros autores húngaros.

2 O companheiro morto era um violinista.

Der springt noch auf,³ ouvi acima de mim.
No meu ouvido secava sangue misturado a lama.

Radnóti Miklós, Szentkirályszabadja, 31 de outubro de 1944

A literatura de testemunho sempre abrange os aspectos filosóficos, políticos e sociais, éticos, do desterro. Por que não pensá-los também a partir da clínica psicanalítica? Esse é o trabalho de José Alberto Cotta e de Gilberto Safra, organizadores do livro que está sendo lançado hoje. Vale ressaltar também, e aqui vai uma palavrinha do psicanalista, que a problemática do holocausto aparece no consultório, entre os filhos dos sobreviventes e aparece também, eu já tive a mesma experiência, entre os filhos e netos dos perpetradores. Essa conta não fecha! O que acaba não sendo elaborado pelos pais e pelos avôs, fica como enigma para a descendência.

Algumas palavras sobre a tradução propriamente dita de *Sem Destino*, de Imre Kertész. Em húngaro o título é *Sorstalanság* cuja tradução literal seria “ausência de destino”, que eu teria gostado que fosse o título do livro em português. Acabou sendo *Sem Destino* por uma estratégia de vendas do editor. Mas “sem destino” sempre me remete a um motociclista na Rota 66. Ausência de destino teria sido mais interessante.

Tão logo descobri que iria traduzir o Kertész – assim que ele ganhou o Nobel, dois editores me ligaram, pois houve um leilão em Frankfurt durante a feira de livros e um deles acabou comprando os direitos do *Sem Destino* –, verifiquei que já existia um livro dele publicado no Brasil, antes dele ganhar o Nobel, que era o *Kadish, por uma criança não nascida*, traduzido do alemão, não do húngaro. Li o livro às pressas e fiquei muito preocupado com o estilo, porque embora *Kadish* fosse um romance, ele era extremamente complexo do ponto de vista filosófico e da linguagem. Pensei “nossa, vou ter muito trabalho”. Depois descobri que o meu maior trabalho seria outro. A dificuldade de tradução do *Sem Destino* foi na verdade a linguagem, desta vez deliberadamente simples. Tratava-se da narrativa de um adolescente. Portanto, a dificuldade da tradução foi a mesma que a gente encontra nos diálogos: a busca do equilíbrio entre o coloquial e o vulgar.

Kertész escreveu vários gêneros de texto, ficção e não ficção. Nessa discussão de como se falar do holocausto, Kertész sempre defendeu que “*só era possível falar do holocausto por meio da ficção*” e não pela tentativa de documentá-lo,

3 A expressão em alemão significa algo como “ele ainda se debate”.

via realidade. Li recentemente uma fala do Xavier Cercas que diz que “*a não ficção mata a realidade e a ficção a faz renascer*”. Curiosamente, *Sem Destino* é uma ficção claramente autobiográfica.

Com relação ao Kertész, também houve uma polêmica com relação ao prêmio. Fora da Alemanha ninguém o conhecia. Alguns de seus livros haviam sido publicados em inglês antes do Nobel, mas as versões eram ruins, tanto assim que depois da premiação eles foram novamente traduzidos. A outra polêmica que cercou a escolha de Kertész foi sua motivação: teria ela sido política, sem que ele fosse um escritor de alta literatura?

Reverendo um pouco a história do Nobel, temos isso desde sempre. Eu diria que existem três tipos de premiação: escritores de ficção, em que a trama e o artesanato das palavras são fundamentais, como por exemplo em Thomas Mann, Saramago, Le Clézio e Faulkner. Entre eles há também escritores que com o tempo se tornaram menores, como Anatole France e Herman Hesse. Houve escritores que não tinham nenhum refinamento em termos de elegância da língua, eram apenas políticos, como por exemplo Winston Churchill. Raramente pensamos nisso. E também existe o gênero em que Kertész trabalha, e que mescla, de certa forma, ficção e não ficção: são seus representantes Elias Canetti, Orhan Pamuk e a vencedora desse ano, Svetlana Alexievich. Aliás tive o prazer de conhecê-la antes de ela ganhar o Nobel. Na verdade, ela faz uma narrativa mista, entre ficção e não ficção, e vale dizer que ela é, certamente, extraordinária. Também poderia usar a expressão “romance sem ficção”, que marca bem o trabalho do Kertész. Traduzi outros dois livros dele, um claramente ficcional, com referências ao holocausto – seu tema permanente – e um outro de ensaios, *A língua exilada*.

Algumas palavras sobre literatura de testemunho. Dizia Adorno, em uma de suas frases famosas, que “*não se pode escrever poesia depois de Auschwitz*”. Ele mesmo explica o que a frase significa. Como se poderia representar algo extremo como o holocausto por meio da linguagem, por meio da literatura, sem que se valide ao mesmo tempo, com essa mesma linguagem, a cultura que o produziu, que produziu o holocausto? Giorgio Agamben, o filósofo contemporâneo italiano, por outro lado, diz que o testemunho do holocausto é impossível, por duas razões: por um lado, aqueles que passaram por todo o processo não estão vivos, não têm o que testemunhar; e, por outro lado, as outras testemunhas possíveis são aqueles seres dos campos de concentração que eram chamados de “muçulmanos”. Quem eram esses muçulmanos? Tratava-se um jargão dos campos, era o termo que se usava para os mortos vivos. Seres imbecilizados. Eles sofriam da doença da desnutrição, de disenteria, e passavam o dia na posição de reza dos muçulmanos, completamente

imóveis. De longe, davam a impressão de que eles não tinham mais capacidade de ver nada, de notar nada, de perceber nada. Portanto, quem não via não podia testemunhar.

Voltemos para a discussão lançada pelo Kertész: se a literatura de testemunho caberia, ou não, na forma ficcional. Em seu livro de ensaios ele diz que o modo exemplar de se falar do holocausto seria o de Roberto Benigni, o cineasta italiano, que produziu *A Vida é Bela*. Na verdade, o filme é quase uma paródia.

Radnóti, o poeta de quem falei há pouco, escolheu a poesia, justamente a partir de um ponto de vista húngaro. Ele se apegava a uma visão mítica tradicional entre os poetas húngaros, na literatura húngara clássica, de que o poeta, profético e corajoso, vai provocar, com a sua canção, a emergência inevitável da verdade. Além de tudo, escreve na situação – ele provavelmente escreveu até o último dia de sua vida – em que prevê o próprio fim. Seu último poema, que traduzi, antecede talvez em horas a sua morte. Ele escreve em hexâmetros perfeitos, que é exatamente a forma tradicional da poesia húngara. Vale lembrar que Radnóti, em 1943, se converteu – aparentemente por convicção – ao catolicismo. Mas isso não evitou nem a deportação, nem, depois, a marcha forçada. Na verdade, ele foi assassinado na Hungria, perto da cidade de Győr, depois de ter sido recusada a sua internação no hospital da cidade. Radnóti conseguiu, em meio à fome, ao frio, em meio à certeza da morte, falar em um momento de libertação – importante para nós psicanalistas –, na hora do sono, quando ele conseguia sonhar, e a presença do sonho falava ainda da presença do inconsciente. Por meio da presença do inconsciente é que ainda se podia dizer que ali havia um sujeito, apesar de toda situação de desterro.

Algumas palavras agora desse psicanalista que veio de fato de contrabando. O José Alberto Cotta fala do outro. E eu penso que temos diferentes outros. Temos um outro do espelho, e eu acho que é desse outro que Cotta fala. O outro que nos constitui, e que reconhece em seu olhar que somos humanos também, filhos da linguagem. Fazia parte do processo de extermínio nazista transformar aqueles seres em animais, para que os próprios SS, ou os soldados, se convencessem de que, de fato, os judeus eram animais. “Viu? São animais. Então cabe exterminá-los”. Os judeus sabiam que não morreriam como judeus. Assim, na ausência do olhar que nos garante essa identidade, caímos no que Blanchot chama de “a experiência do anonimato”, que é com o que você, Cotta, trabalha. Desenraizamento, exílio, dispersão, despedaçamento. Mas a gente também tem o Outro do Lacan, com que eu me identifico um pouco mais. Lacan vai dizer que o inconsciente é o Outro.

Voltando a mencionar o que para mim é muito importante: na clínica da descendência dos sobreviventes, eles são marcados não pelo desterro, mas pelo que se impõe a partir do indizível, que tem o mesmo efeito que os segredos, que acaba impondo uma repetição. Também na clínica, da mesma forma, o passado, como uma maldição, marca a existência dos filhos e netos dos perpetradores. Como um fantasma que os persegue o tempo todo. Eu vi isso na clínica, mais de uma vez. Embora o genocídio fosse uma política de Estado, sancionada por leis, cada sujeito sabe quando transgredir. Porque ele transgredir uma lei tácita. Uma lei que não é do Estado, uma lei que não é dos ditadores. E nisso eu lembro a fala de São Paulo, na epístola aos Coríntios, quando ele diz que “*existe a transgressão porque existe a lei*”. E aí ele não está falando da lei política, da lei daquele momento histórico. A gente sabe que os SS, nos campos, viviam alcoolizados ou drogados, pois de outra forma seriam incapazes de fazer o que faziam. Ou seja, como mencionei no início, estamos diante de uma conta que não fecha. Não se paga.

No meu entender, o grande desterrado da clínica é o psicótico, esse ser sem identidade que busca, movido por extrema angústia, um nome, uma pátria onde ele possa fincar raízes.

Quanto ao Kertész, para finalizar, eu tinha lido bastante sobre o holocausto antes de traduzir o *Sem Destino*. Uma das coisas que mais me marcou, que mais me tocou durante a tradução, na leitura do Kertész, foi o final, a volta do sobrevivente à sua pátria de origem. O modo como ele foi recebido, ou mal recebido. Muitas vezes a decepção de quem o acolhia, surpreso por ele ter continuado vivo. Quando Imre Kertész (e os outros que conseguiram sobreviver aos campos de concentração e às marchas forçadas) voltou pra casa, depois de Auschwitz, não só o povo não acreditava que ele tivesse sobrevivido, mas os que haviam ficado se lamentavam de quanto eles mesmos tinham sofrido, já que na época ninguém suspeitava do que havia de fato ocorrido nos campos de concentração. Acho que aí sim Kertész faz uma alegoria, de que a coisa toda continua até o presente, como vimos depois no Camboja, em Ruanda, na Iugoslávia, enfim, nas minorias que o Estado Islâmico hoje em dia continua dizimando.

Por isso, Cotta e Gilberto Safra, eu acho que vocês devem continuar. O trabalho que vocês fazem, elaborando o que esses sobreviventes testemunharam e desejaram que continuasse vivo sempre. E como diz Kafka, “*sempre que a gente escreve a gente sai da fileira dos assassinos*”.

Cinco poetas da Europa Centro-Oriental: forja mágica de metáforas e temas

Aleksandar Jovanović

Resumo: O presente texto objetiva mostrar, de forma resumida, que a Europa Centro-Oriental sempre pareceu desconhecida aos olhos do mundo ocidental em vários aspectos. Também são feitas referências aos diversos conflitos de que o território foi palco. No entanto, sob o ponto de vista de contribuições intelectuais, sobretudo na Literatura e, em especial, na poesia, a assim chamada outra Europa sempre se destacou. Entre nós, as traduções diretas remontam a poucas décadas. São aqui apresentados poemas, na língua original e tradução para o português, de cinco escritores, respectivamente, um macedônio, um búlgaro, uma eslovena, um polonês e um sérvio.

Palavras-chave: Literatura da Europa-Centro-Oriental 2. Tradução direta 3. Poesia

1. Mitos & fatos

Se, de um lado, o pensador alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) utilizou um forte sarcasmo para referir-se ao Velho Continente – “a antiga Ásia e sua península avançada, (a) Europa” (“*Das alte Asien und sein vorgeschobenes Halbinselchen Europa*”) –, o poeta russo Joseph Brodsky (1940-1996) preferiu rotular a Europa Centro-Oriental como “Ásia ocidental”.

Por certo, motivações bem diferentes determinaram ambas as definições. No caso do bardo russo, a referência, com efeito, remete àquilo que Bérend identifica como combinação de instituições medievais, com privilégios para a nobreza, coerções medievais sobre as atividades da indústria e do comércio, ausência de liberdades individuais, permanência de um sistema de servos da gleba que não deixaram de atingir diversos países centro-orientais ainda na segunda metade do século XIX (BÉREND, 1998: *passim*). Fatores que, durante os três últimos séculos

no milênio passado, impediram que mudanças socioeconômicas resultantes das Revoluções Industrial e Francesa polinizassem, em tempo real, a *outra* metade daquele continente.

O que se descortina é um mundo em que se respira relação íntima com o passado distante, a ponto de muitos habitantes daqueles espaços sinalizarem que creem na existência objetiva de um longo *continuum* histórico. Ali, até 1918, basicamente não houve modelos democráticos de Estado em vigor e as conquistas advindas do racionalismo e do Iluminismo do século XVIII passaram como rápido sopro de vento, sem deixar profundas marcas na vida institucional. É necessário lembrar os argumentos de Eric Hobsbawm (HOBSBAWM, 1997: *passim*): a *revolução dual* a que alude o historiador – a Revolução Industrial, que lançou as bases da economia contemporânea e a Francesa, que semeou as mudanças socioeconômicas criou condições para um desenvolvimento mais acelerado e mais igualitário na Europa Ocidental. Mas espargiu, de modo bastante tímido as porções centro-europeias do continente

Parcela expressiva desse território foi “lida” como desmoronamento do império *k. und k.* (*königlich und kaiserlich*, real e imperial), a tal *Kakania*, genial, coprológica e ironicamente etiquetado por Robert Musil (1880-1942), i. e, o Império dos Habsburgos ou o que resultou de seu esfacelamento. O escritor tcheco Milan Kundera (1929-) havia escrito, no início dos anos 80, que a Europa Central era um espaço “situado no centro do Velho Continente, sob o ponto de vista geográfico; no Ocidente, sob o ponto de vista cultural, e no Oriente, sob o ponto de vista político” (KUNDERA, 1984: *passim*). Já o ensaísta britânico Timothy Garton Ash chegou a especular a respeito da experiência comum de “pequenas nações submetidas a grandes impérios” ao mencionar aquele pedaço de mundo (ASH: 1990, *passim*).

Por sua vez, o escritor sérvio Danilo Kiš (1935-1989) cunhou a significativa frase: “*a Europa Centro-Oriental é aquele território que produziu mais História do que pôde consumir*”. Evidente alusão à sucessão de violentos conflitos com que os povos centro-orientais da Europa precisaram defrontar-se ao longo de sua vetusta, mas conturbada História, e cujo ápice foram, sem sombra de dúvida, as barbáries sem precedentes do século XX. Nesse contexto específico, merecem menção os escritores assassinados durante a Segunda Guerra Mundial: o esloveno Karel Destovnik Kajuh (1922-1944); o húngaro Miklós Radnóti (1909-1944), o búlgaro Nikola Váptzarov (1909-1942) e o iugoslavo (sérvio) Ivan Goran Kovačić (1913-1943), liquidados pelos colaboradores da ocupação nazifascista; os eslovenos Ivo Grahor (1902-1944), morto no campo de concentração de Dachau e Tone Siferer

(1911-1942), desaparecido no campo de Mauthausen; e ainda os poloneses Tadeusz Gajcy (1922-1944), Bruno Schulz (1892-1942) e Krzysztof Baczyński (1921-1944) e o tcheco Jiří Orten (1919-1941).

Em se tratando de produção artístico-cultural, por outro lado, é possível lançar um olhar de natureza diferente sobre essas terras e povos. Não é o caso de elaborar índice onomástico (seja exaustivo ou não) para listar indivíduos e os incontáveis domínios do conhecimento em que puderam oferecer contribuição criativa ímpar; tampouco é propósito ou tema do presente trabalho. Cabe, contudo, observar que pequenos povos, muitas vezes, apresentam artistas vigorosos em diferentes domínios. E a Literatura tem sido, ao longo de séculos, um dos principais tabuleiros de xadrez sobre o qual as complexas relações entre História, cultura, línguas e movimentos artísticos desfilam. A Europa Centro-Oriental – fronteira intrincada e, muitas vezes violenta, de civilizações – tem dado exemplos diversos e reiterados nesse sentido, visto que produziu, em nações de população pouco numerosa ou não, muitos artistas de porte.

A rica e vasta Literatura dessa *outra Europa* foi (bem pouco) conhecida por estas plagas e sempre através de traduções de traduções; logo, por meio de tra(i)(du)ções indiretas. Portanto, o jogo paronomástico encerrado na conhecida expressão italiana - traduttore, traditore – precisava ser elevado à potência máxima em termos de traição...É por demais conhecido o fato de que, entre nós, contato com obras de escritores centro-europeus, via tradução direta, teve importantes pioneiros como Paulo Rónai, Boris Schnaiderman, Haroldo e Augusto de Campos. E somente há pouco mais de três décadas é que o leque de traduções diretas se abriu para autores de outras línguas que não o húngaro e o russo.

Seria possível fazer longas, quase incontáveis, digressões relativas à tradição literária dos povos e línguas aqui mencionados. Poder-se-ia começar pelo *Século de Ouro* da Literatura Tcheca, na Baixa Idade Média; prosseguir com o poeta renascentista polonês Jan Kochanowski (1530-1584), as *Eras Dourada* (século XIX, na prosa) e *Prateada* (início do século XX, na poesia), citando figuras como Liév Tolstói (1828-1910) e Fiódor Dostoievski (1821-1881) e tantos outros. Seria um infundável registro de nomes, datas, obras em poesia e prosa, correntes literárias, etc., etc., que poderia, inclusive, abarcar os vários Prêmios Nobel. Uma vez mais não é esse o objeto aqui.

Nosso modesto intuito é o de focar apenas a poesia de algumas das línguas da Europa Centro-Oriental, sobretudo no século XX, com o fito de exemplificar a profusão de correntes e autores capazes de lidar com temas incomuns e forjar as obras e metáforas mais inusitadas e raras. E o fazemos com cinco poetas– um

macedônio, um búlgaro, uma eslovena, um polonês e um sérvio –, representados/apresentados por um poema traduzido diretamente de cada um desses idiomas. Trata-se, na ordem mencionada, de Bogumil Diúzel, Liubomir Lévtchev, Barbara Korun, Tadeusz Rózewicz e Miodrag Pávlovitch.

Cabe destacar que desde que começamos a trabalhar com tradução, adotamos, claramente e *ab initio*, um princípio formulado por Haroldo de Campos, há décadas, num texto que já se tornou clássico: “Traduzir de ser criar- re-criar, sob pena de esterilização, e petrificação, o que é pior que a alternativa de traír” (CAMPOS, 1976: 43). O tradutor deve restabelecer, re-criar na língua de chegada as relações contraídas entre os planos do conteúdo e da expressão no idioma de partida. Este problema agrava-se, dramatiza-se, quando se trata de um texto poético. As razões parecem óbvias, face à pluri-isotopia desses textos.

Parece evidente que a disjunção poesia/prosa deixa de ser relevante frente à notação da transcrição. Devemos aduzir, no entanto, que a tradução encarada enquanto transcrição deve ser entendida, também, como transcodificação intermacrosemiótica, isto é, de uma macrosemiótica (conjunto de todos os sistemas semióticos e seus discursos em operação numa comunidade sócio- linguístico- cultural) para outra macrosemiótica. Em se tratando de um sistema semiótico verbal, é preciso restabelecer na língua- meta o isomorfismo (no sentido hjelmsleviano) entre os planos da expressão e do conteúdo, estabelecidos na língua de partida.

As questões de natureza teórica suscitadas pelo problema da operação tradutora são mais complexos e extensos do que as poucas observações aqui expostas. Contudo, elas têm como propósito exclusivo situar a perspectiva que vem orientando nossa ação prática no terreno da tradução, lembrando, ademais, que não consideramos possível efetuar um trabalho consciente de tradução sem uma postura teórica claramente definida diante dos procedimentos a serem adotados, sob pena de o texto traduzido tornar-se estéril, perdendo sentido(s) e qualidade.

Umberto Eco menciona, de modo explícito, a absoluta necessidade de o tradutor respeitar o sentido profundo do texto que transpõe para outra língua/cultura (ECO, 2003, *passim*). Por outro lado, a noção de que traduzir é, em certa medida, transcriar no idioma de chegada para sempre respeitar (se e quando isso é factível) o texto original, torna-se mais aguda diante do texto poético. Foi com base nos conceitos mencionados que os textos traduzidos adiante foram tratados.

2. Macedônia

Talvez seja o caso de começar com a “mais jovem língua eslava”, o macedônio, normatizado no final da Segunda Guerra Mundial – com base nos dialetos centrais do idioma falado pelo povo – como veículo da ciência, tecnologia, comunicação, instrução e literatura. A Macedônia (dois milhões de habitantes) tornou-se país independente ao optar por uma separação pacífica da Iugoslávia, em 1991. Embora, o Estado seja jovem, o povo e seu idioma não o são. Tribos eslavas invadiram a Península Balcânica no sexto século de nossa era e ali permaneceram. Com o tempo, formaram-se reinos, principados e diversas línguas foram se diferenciando. Em poucas palavras: a língua que os ancestrais dos macedônios falavam tornou-se conhecido como **eslavo eclesiástico** e serviu para a tradução das Escrituras e para a cristianização dos povos eslavos. Durante séculos, as línguas literária e popular não eram idênticas.

Dentre a extensa relação de possibilidades, decidimos ilustrar com Bogumil Diúzel (1939-), um dos mais importantes poetas macedônios contemporâneos. Diúzel pode ser categorizado como artista que recorre à tradição poética de seu povo, à História e aos padrões (cânones) de sua cultura para submetê-los a uma reformulação, à luz, muitas vezes, dos postulados do neo-surrealismo, dando vazão ao inconsciente. -) integra a chamada *geração dos anos 60* de poetas que simbolizou mudança fundamental no panorama da poesia macedônia contemporânea.

Em 1961, lança o manifesto *O épico em votação* (**Епското во гласање**), plataforma dos poetas dispostos a romper com o peso das formas fixas herdadas da literatura oral, de longa tradição. Publica mais de uma dezena de e *Poesia escolhida:1962-2002* (**Одбрана поезија -1962-2002**). Sua obra foi traduzida para inúmeras línguas.

Утробата на дланка

Дождот одезди како сенишна коњица
преку езерото – само копјата исфрлени
беа стварни, секое со остриот чаталест врв
погаѓаше по една пора од езерската кожа
но веднаш место рани никнеа струпки-трпки

Се наежави така сверката, па се смири
и почна да си ги лиже лузните
со долгиот јазик на далгите една врз друга
раздишлените самовилски платна со сапуница пења
на брегот да исплават валканици, спици и трици...

Зашумеа жолто-белите суви трски
(во нив ли се престорија копјата гоа вистински?)
сушејќи си ги крилјата – наскоро ќе им никнат
нови зелено-модри перја, пердуви и клунови
– изнурнатите пајки, норки и корморани...

Големата Вода си ја преврте и обнови утробата
сред раздуваните бели облаци се појавија дамки
синило и сончевина а на езерската дланка
се истркала од прозирните длабини па дур до небо
огромниот смарагд – јајце велигденско со мартинки виножито

Охрид, крај на март

O ventre na palma da mão

Lago afora a chuva vai-se embora
feito cavalaria fantasma – somente cascos desgastados
são realidade, e cada um com afiada ponta bifurcada
a rasgar cada poro da epiderme lacustre
em vez de chagas porém brotam crostas-arrepios

Eriçou-se esse animal e serenou
e passou a lambar as próprias peles
com a longa língua longos plátanos enfileirados
estirados por ninfas com bolhas de sabão e espuma
para que na elevação sobrenadem pedaços de madeira e restos

Farfalharam os secos caniços fúlvido-avos
(a lança neles transforma-se de verdade?)
enxugando as próprias asas – em breve germinarão
novas penugens verde-azuladas, penas e bicos
- marrecos que emergem, cormorões que submergem

A extensa Água revolve e renova o ventre
em meio às alvas nuvens esparramadas surgem nódoas
o azul-escuro o brilho do sol mas sobre a palma da mão do lago
da transparência profunda emerge até o firmamento
esmeralda gigantesca – ovo de Páscoa em fita rubro-branca sobre o arco-íris

Obrid, final de Março

3. Bulgária

No caso da Bulgária, país de oito milhões de habitantes, nem língua nem literatura são assuntos muito conhecidos. Falar-se em poesia, entre nós, menos ainda. Búlgaros que se tornaram mundialmente conhecidos não o foram pelo uso desse idioma eslavo. O linguista e pensador Tzvetan Todorov (1939-), discípulo de Roland Barthes, estabeleceu-se em Paris, em 1963, onde fez carreira e tornou-se conhecido por intermédio de suas obras escritas em francês. Julia Kristeva (1924-), linguista, crítica literária, também estabelecida em França desde o início dos anos 60, também obteve renome mundial com sua vasta obra escrita na língua de Rabelais. Por fim, Elias Canetti (1905-1994), romancista, Prêmio Nobel de 1981, nascido na Bulgária; porém, durante a infância, mudou-se para a Grã-Bretanha, depois Suíça e Alemanha, e redigiu toda a sua obra no idioma de Goethe.

Já o poeta Liubomir Lévtchev (1935-) tornou-se uma das vozes mais importantes da poesia em sua língua. A exemplo de tantos outros poetas modernos de línguas da Europa Centro-Oriental, Lévtchev caracteriza-se por ter dado lugar à linguagem quase-coloquial na literatura, pelas metáforas surpreendentes e pela tematização de assuntos que, antes, escapavam ao domínio poético. Pode ser considerado a grande voz da poesia búlgara no século XX. Estreou em 1957, com o volume *Звездите са мои. Стихотворения* (*As estrelas são minhas. Poemas*) e publicou mais de duas dezenas de obras poéticas desde então.

И ЕТО*На Бистра*

И ето аз отново чакам
голямата любов.
И ето аз отново гледам
големия часовник.
Върху голямата стрелка
е кацнал гълъб
самичък
като мен...
Червени облаци димят
в следобедната тишина.
И ето
траква
голямата стрелка
чертичка по-надолу пада.
Избухват гълъбовите крила.
Уплашената птица литва
като египетска душа.
Аз гледам как над покривите пърха
една изгубена минута
и се изгубва...
И остава
страхът на гълъба
в сърцето ми.

E eis

Para Bistra

E eis que aguardo o grande amor
uma vez mais.

E eis que contemplo o grande relógio
uma vez mais.

Sobre a longa flecha
uma pomba pousou
solitária
assim como eu.

Nuvens rubras fumegam
no silêncio da tarde.

E eis
que a longa flecha
golpeia;
o mostrador desliza para baixo.
As asas da pomba explodem.

A assustada ave voa
feito alma egípcia.

Observo sobre os telhados
um instante perdido que esvoaça
e fenece.

E resta
o medo da pomba
em meu coração.

4. Eslovênia

Até o começo da última década do século XX, os eslovenos jamais tiveram seu próprio estado, porque basicamente viveram sob o impacto e dominação política do mundo de língua germânica e, durante 73 anos, a partir de 1918, integraram, por opção própria, a Iugoslávia. No século XX, a poesia tem sido o cenário em que os escritores de língua eslovena têm se destacado, mais do que os prosadores.

A Literatura Eslovena em língua popular remonta ao século XVI, debaixo do impacto da Reforma; o principal nome a ser destacado é o de Primož Trubar (1508-1586). Mas foi no século XIX, sob o impacto das revoluções nacionalistas da Europa, que o esloveno literário acabou sendo fixado pela obra do poeta France Prešern (1800-1849) e graças ao trabalho do linguista e filólogo Jernej Kopitar (1780-1847), censor do regime dos Habsburgos para livros publicados pelas minorias eslavas do império. Nos dias atuais, o poeta Tomaž Šalamun (1941-2014) é o nome da Literatura Eslovena mais conhecido e celebrado internacionalmente.

Barbara Korun (1963-) é uma poetisa que emerge como figura de destaque entre as suas compatriotas. É autora de *Ostrina miline* (O Fio da Graciosidade, 1999), *Zapiski iz podmizja* (Notas tomadas sob a mesa, 2003) e *Razpoke* (Fissuras, 2004). Seus poemas aparecem em antologias publicadas em, pelo menos, doze línguas.

LUNA ME BO POKRILA

Imam dve živali.
Rdečo in modro.
Ko modra pije, rdeča
dirja.
In obratno.
Nikoli ju ne morem ujeti,
razpeta med počivajočo in dirjajočo.

Spustila bom misel
za vabo,
daleč daleč v ravnino.
Ne bosta opazili,
z gobci vohajoč neskončnost.
Legla bom v travo
blizu izvira in
zaspala.
Luna me bo pokrila.

Zjutraj
s prvimi vodoravnimi žarki
bosta prišli.
Utrujeni, potni, penastih gobcev.
Potem bomo
skupaj
pili vodo.

A LUA HÁ DE COBRIR-ME

Tenho dois animais.
Um rubro, outro azul.
Quando o azul bebe, o rubro
ataca.
E ao contrário.
Nunca consigo apanhá-los,
esticada entre o que repousa e o que corre.

Baixarei um pensamento
assim
longe longe na planície.
Não me notarão
com o focinho farejando o infinito.

Deitarei na relva
próximo ao poço e
adormecerei.
A lua há de cobrir-me.

Amanhã
com os primeiros raios horizontais
eles chegarão.
Extenuados, suados, focinhos espumantes.

Depois
juntos
tomaremos água.

5. Polônia

A Literatura Polonesa remonta à Baixa Idade Média , mas no final daquele período e início da Era Moderna o poeta Jan Kochanowski (1530-1584) foi, sem dúvida, a figura de maior expressão. No Romantismo, o poeta, dramaturgo, ensaísta e professor Adam Mickiewicz (1798-1855) emerge como nome de proa. No século XX, cabe mencionar Witold Gombrowicz (1904-1969), Bruno Schulz (1892-1942), o romancista, ensaísta Czesław Miłosz (1911-2004), prêmio Nobel de Literatura em 1980, os poetas Wisława Szymborska (1923-2012), prêmio Nobel de Literatura em 1996, Zbigniew Herbert (1924-1998) e Tadeusz Różewicz (1921-2014), que também foi dramaturgo.

Różewicz foi um poeta original em todos os sentidos, tendo inovado na forma e no conteúdo temático.

MOJA POEZJA

niczego nie tłumaczy
niczego nie wyjaśnia
niczego się nie wyrzeka
nie ogarnia sobą całości
nie spełnia nadziei

nie stwarza nowych reguł gry
nie bierze udziału w zabawie
ma miejsce zakreślone
które musi wypełnić

jeśli nie jest mową ezoteryczną
jeśli nie mówi oryginalnie
jeśli nie zadziwia
widocznie tak trzeba

jest posłuszna własnej konieczności
własnym możliwościom
i ograniczeniom
przegrywa sama ze sobą

nie wchodzi na miejsce innej
i nie może być przez inną zastąpiona
otwarta dla wszystkich
pozbawiona tajemnicy

ma wiele zadań
którym nigdy nie podola

(1965)

Minha poesia

nada traduz
nada explica
nada expressa
não abarca totalidade alguma
não reifica esperança alguma

não cria regras novas
não participa de diversão alguma
possui lugar definido
que deve preencher

se não é esotérica
se não é original
se não deixa perplexo
assim deve então supostamente ser

obedece à própria necessidade
às próprias possibilidades
e limitações
é autodominada

não substitui coisa alguma
não pode ser substituída por coisa alguma
é aberta a tudo
sem segredos

possui muitas tarefas
que jamais satisfaz

(1965)

6. Sérvia

A Literatura da Sérvia remonta ao século X, mas, a exemplo de diversos outros países eslavos ortodoxos, durante séculos línguas literária e popular eram bastante diferentes. No Barroco, cabe destacar figuras como os prosadores Gavriilo Stefanović Venclović (1670-1749) e Zaharija Orfelin (1726-1785). Depois, a figura mais eminente foi Dositej Obradović (1739- 1811), poliglota, linguista e filósofo. Na era moderna, o poeta Miloš Crnjanski (1893-1977), os romancistas Ivo Andrić (1892-1975), prêmio Nobel de Literatura em 1961; Danilo Kiš (1935-1989) e Milorad Pavić (1929-2009).

Miodrag Pávlovitch (1928 -2014) demarca um novo território a poesia da Sérvia - juntamente com Vasko Popa (1922- 1991) e Stevan Raičković (1928-2007) - com seus dois primeiros livros – **87 Песма** (*87 Poemas*), em 1952, e **Стуб сећања** (*Coluna da Memória*), em 1953: além de apontar para o surgimento de uma nova poética, que confunde a geração pró-Iessiênin, expressa a revolta contra a decadência. Racionaliza o procedimento poético, adota motivos urbanos, deixa escapar aqui e ali uma fina mas aguda ponta de cinismo intelectual e a ausência inicial de metáforas transforma-se numa série de visões poéticas (ou seriam po-éticas?) da História. Adepto do verso livre, reconhece a tragédia do mundo em que vive, diagrama o mapa do grotesco e tematiza o drama humano sobre as diversas encruzilhadas da História, de onde o tom satírico e, muitas vezes, apocalíptico. Na verdade, seus referenciais teóricos são a História das civilizações, culturas, religiões, as diversas Mitologias, as correntes de pensamento contemporâneas e a História de seu pequeno povo.

Жељени облик

Шта значи “форма коју човек жели”?

Јасно, то је обличје којем се чежња усмерава,
са којим жели блискост, и хоће да је има посред стана.
Ипак то за чиме жуде недовољно се приближава,
и не може под сопствену власт да се доведе.
Постоји форма којој се човек диви, којој стреми,
или је носи са собом, није потребно да укине вољу
да би у њој могао да ужива, воља га никуд и не води.
Ако нађе свој жељени облик и успе да с њим остане,
стекао је неко вољење које је у исто време његов пртљаг.
Неодређеност хтења има и своју страну добру:
може свако од нас у нешто друго да га преобрази:
жељени облик постаје наука вишња, између звезда
путоказ искупења. Одгонетка што своја слова
не мора ни да изговара, обећање раскопи
и благо које се скупља у нашој руци, да би смо га
изложили потрошњи, она рука која се о плодности стара
и снага која се у свету рађа да затим истом свету
одузима пуноћу и дрвеће основно у понор пообара.
Оно што нас мами и зове – смишља искушења:
доводи нас у шуму која никад није била рајска:
у име савршенства тамо се и злочин оправда,
тако је одувек: други се у страну гурне
да би се вршила наша истина налик открочењу:
или се одричемо од света да би смо видели лепоту
скривену иза ума и одбацили наличја,
која су већ тражила брисање са списка и смену.
За то је свака чежња подла, бар у прво време
док не дође власт нека друга, обично од претходне
суровија и гора, онда настаје могућно озарење
и облик који нас на други језик преведе.
Дивљој смо шуми ишчупали корен и долазимо до оног
што лебди као птица изнад залазећег сунца
затим се смешта на свето дрво и брине о позлати
лика похрањеног у стаблу неувелог грања.

A forma desejada

O que significa “a forma que se deseja”?

Claro, é o aspecto em cuja direção a ânsia caminha, com o qual deseja proximidade, e que pretende ter em sua morada. Ainda assim, o que deseja aproxima-se de modo insuficiente e não se pode colocá-lo sob controle.

Existe a forma que se admira, que se busca, o que se carrega, não é preciso interromper a vontade de contemplá-la, a volição não conduz mesmo a lugar algum. Quando se encontra a forma desejada, e consegue-se ficar com ela, obtém-se um desejo que também se torna bagagem.

A imprecisão do desejo tem um aspecto positivo: pode transformar cada um de nós em outra coisa, a forma desejada torna-se alta ciência, indicador de caminhos da redenção inscrito em estrelas, charada que suas letras sequer precisa expressar, promessa de abundância e tesouro que se concentra em nossas mãos, para que possamos submetê-lo ao consumo, aquela mão ocupada de fecundidade, e força que nasce no mundo para nele depois desapossar a plenitude e lançar no precipício o arvoredo primevo.

Aquilo que nos atrai e chama – articula a tentação e conduz-nos ao bosque que jamais foi o do paraíso em nome da perfeição ali até o crime acaba justificado assim é desde o princípio – os outros são postos de lado para que a nossa verdade seja executada como se fosse descoberta ou renunciemos ao mundo para que enxerguemos a beleza escondida atrás da mente e descartemos as aparências que já pediam para serem apagadas da lista e trocadas.

Por isso, toda ânsia é vil, ao menos no início até que surja um novo poder, habitualmente pior e mais violento que o anterior, e então instaura-se a possibilidade e a forma que nos traduz para outra língua.

Arrancamos as raízes da floresta virgem e aproximamo-nos daquilo que volteia como pássaro acima do sol poente depois se aninha sobre a árvore sagrada e doura a forma depositada no tronco e na ramagem-que-jamais-murcha.

Bibliografia

ASH, Timothy Garton – *Eastern Europe: The Year of Truth*. New York Review of Books. February 15, 1990.

BÉREND, Iván – *Decades of Crisis (Central and Eastern Europe before World War II)*. Berkeley (CA), University of California Press, 1998.

Burkot, Stanislaw – *Tadeusz Różewicz*. Warszawa: Wydawnictwa Szkolne i Pedagogiczne, 1987.

CAMPOS, Haroldo de. *O Texto como Produção (Maiakovski)*. In: *A Operação do Texto*, São Paulo: Perspectiva, 1976.

Đurčinov, Jovan – *Nova makedonska književnost (A nova literatura macedônia)*, Beograd, Nolit, 1988.

Ѓузел, Богомила – *Историјата како маштеа (A História enquanto madраста)*, Скопје, Мисла, 1971.

ECO, Umberto. *Dire quasi la stessa cosa. Esperienze di traduzione*. Milano, Bompiani, 2003.

HOBSBAWM, Eric – *Era dos Extremos. O breve século XX (1914-1991)*. 2ª edição. Trad. de Marcos Santarrita. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

КОНЕСКИ, Блаже -: *Јазични Теми (Temas Linguísticos)*, Скопје, Мисла, 1981.

KUNDERA, Milan – *The Tragedy of Central Europe*. New York Review of Books. April 26, 1984.

Марковић, Миливоје – *Антологија српске послератне поезије (Antologia da poesia sérvia do pós-guerra)*. Београд, Научна књига/Конекс, 1992.

Miłosz, Czesław. *The History of Polish Literature*. London-New York: MacMillan, 1969.

Szabolcsi, Miklós – *Világirodalom a 20. Században: főbb áramlatok (Literatura universal no século 20: as principais correntes)*. Budapest: Gondolat, 1987.

Хаджикосев, Симеон – *Съвременна българска поезия (Poesia búlgara contemporânea)*. Велико Търново, 1994.

Expresso Noturno, de Sławomir Mrozek

Tradução do polonês de Paulo Chagas de Souza¹

Cinco minutos antes da partida do trem localizei minha cabine no vagão dormitório. Por sorte só uma cama estava ocupada, sem contar a minha, então eu podia ter a expectativa de passar uma noite tranquila. Alguém já estava deitado nela, e, debaixo do cobertor, puxado até o queixo, se projetava um nariz pálido e pontudo.

Logo o perdi de vista, porque tendo dito “Boa noite” e não recebido resposta – melhor assim, isso significa que já está dormindo e isso me dispensa dos deveres sociais – sentei no leito de baixo e comecei a tirar a roupa.

– O senhor fuma? – ouvi vindo de cima.

– Não, obrigado.

– Não suporto fumaça.

– O senhor pode ficar tranquilo, não fumo.

– Mas se o senhor fumasse, eu não suportaria. Tenho pulmões sensíveis.

– Sei como é, mas não há com que se preocupar.

– Pode ser que o senhor fume, mas agora esteja parando. O senhor sente vontade no meio da noite e não vai conseguir se conter.

– Não, nunca fumei.

A voz se calou. Tirei um sapato.

– Talvez o senhor comece?

1 Paulo Chagas de Souza é professor no Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

- O quê?
- A fumar. Alguns começam até mesmo em idade avançada.
- Não tenho essa intenção.
- É o que dizem, mas depois fazem diferente. E eu não suportaria isso.
- Aliás nem tenho cigarro comigo.
- Nesse caso o senhor pede um para o cobrador do trem.
- Sabe lá se ele fuma.
- E se ele fumar?
- Nesse caso eu sairia para o corredor, afinal não ia fumar na cabine.
- E se a porta emperrar?
- Tudo bem, porque eu não fumo, nunca fumei nem tenho intenção de começar. Boa noite.

Disse “Boa noite” um pouco prematuramente, porque ainda estava de camisa e ceroulas. Mas queria encerrar a conversa.

Consegui, mas não por muito tempo. Mal consegui tirar a camisa, quando de novo ele falou:

- O senhor não apaga a luz?
- Apago, estou só tirando a roupa.
- Tem gente que gosta de ler antes de pegar no sono, mas assim eu não consigo dormir. Sou sensível à luz.
- Eu sou analfabeto.
- Talvez o senhor olhe as figuras.
- Aqui não há nenhuma revista ilustrada.
- E fotografias? Talvez o senhor tenha uma foto de sua esposa, não vai olhar para ela antes de pegar no sono?
- Sou separado.
- E filhos?
- Não tenho filhos.
- Todo mundo tem algum parente.
- Não, não tenho fotografia nenhuma. O senhor quer me revistar?
- Se não for fotografia, na certa o senhor vai querer olhar suas espinhas no espelho, ou algo... E eu não suporto...

Não terminou, porque eu apaguei a luz. Deu um suspiro e fez-se o silêncio, e eu já ia pegar no sono, quando ouço uma pergunta:

– O senhor ronca?

– Não.

– Por quê?

– Porque não.

– Estranho, em geral todo mundo ronca, e isso me incomoda. Tenho a audição hipersensível.

– Infelizmente, não posso fazer nada.

– O senhor tem certeza que não ronca?

– Absoluta. E agora o senhor me permita, vou dormir, estou muito cansado. Ele permitiu. Fui acordado por uma luz penetrante e um puxão no ombro.

– Por favor, senhor, por favor!

Deparei-me com o nariz pontudo dele quase colado a meu rosto. Esticando-se de seu leito, me puxou pela manga do pijama.

– Mas senhor, se o senhor não fuma, não ronca e não deixa a luz acesa, então o que é que o senhor faz?

– O senhor quer saber?

– Sim! Afinal o senhor tem que fazer alguma coisa, só não sei o quê. Isso me inquieta tanto que não consigo dormir.

– Estrangulo.

– O senhor faz o quê?

– Estrangulo. Só com as mãos ou com a ajuda de uma corda. O senhor não ouviu falar do famoso “Estrangulador do Expresso Noturno”? Circula principalmente nesta linha. Compra passagem para o vagão dormitório como um passageiro inocente, e à noite estrangula. De preferência, claro, quando não há ninguém além dele e da vítima na cabine. É um maníaco, e esse maníaco sou eu.

Tive sossego até de manhã. Quando ao amanhecer fui ao toalete, encontrei-o no corredor, de casaco e com uma mala. Passou a noite toda sentado na mala. Ao me ver, levantou-se e arrastando a mala se afastou até a outra ponta do corredor.

Fiquei com pena. A vida de uma pessoa sensível não é fácil.

NOCNY EKSPRES

(Sławomir Mrożek)

Pięć minut przed odjazdem pociągu odnalazłem swój przedział w wagonie sypialnym. Na szczęście tylko jedno łóżko było zajęte, nie licząc mojego, mogłem więc oczekiwać, że spędzę spokojną noc. Leżał już w nim ktoś, spod koca podciągniętego pod brodę wystawał błądy, szpiczasty nos.

Zaraz straciłem go z oczu, bo powiedziawszy: „Dobry wieczór” i nie otrzymawszy odpowiedzi – tym lepiej, to znaczy, że już śpi i ominą mnie towarzyskie obowiązki – usiadłem na dolnym postaniu i zacząłem się rozbierać.

– Pan pali? – usłyszałem z góry.

– Dziękuję, nie.

– Nie znoszę dymu.

– Może pan być spokojny, nie palę.

– Ale gdyby pan palił, to ja bym tego nie zniósł. Mam wrażliwe płuca.

– Współczuję, ale nie ma obawy.

– A może pan pali, tylko teraz pan się odzwyczaja. Przyjdzie panu ochota w środku nocy i nie będzie pan mógł się powstrzymać.

– Nie, nigdy nie paliłem.

Głos umilkł. Zdjąłem skarpetkę.

– A może pan zacznie?

– Co?

– Palić. Niektórzy zaczynają nawet w późnym wieku.

– Nie mam takiego zamiaru.

– Tak się mówi, a potem robi się co innego. A ja bym tego nie zniósł.

– Zresztą nie mam przy sobie papierosów.

– To weźmie pan od konduktora.

– Nic wiadomo, czy on pali.

– A jak pali?

– To wtedy wyszedłbym na korytarz, nie paliłbym przecież w przedziale.

– A jak drzwi się zatną?

– Nie szkodzi, bo ja nie palę, nigdy nie paliłem i nie mam zamiaru zaczynać.

Dobranoc.

Powiedziałem: „Dobranoc” nieco przedwcześnie, bo pozostała mi jeszcze koszula i kalesony. Ale chciałem uciąć rozmowę.

Udało się, ale nie na długo. Ledwo zdążyłem zdjąć koszulę, gdy znowu się odezwał:

– Pan nie gasi światła?

– Gaszę, tylko się rozbiore.

– Niektórzy lubią czytać przed zaśnięciem, a ja wtedy nie mogę spać. Jestem wrażliwy na światło.

– Jestem analfabeta.

– Może pan oglądać obrazki.

– Tu nie ma żadnych pism ilustrowanych.

– A fotografie? Ma pan chyba fotografię żony, nie spojrzy pan przed zaśnięciem?

– Jestem rozwiedziony.

– A dzieci?

– Nie mam dzieci.

– Każdy ma kogoś bliskiego.

– Nie, nie mam żadnych fotografii. Chce mnie pan zrewidować?

– Jak nie fotografie, to pewnie pan będzie sobie chciał oglądnać pryszczę w lusterku, albo co... A ja nie znoszę...

Nie dokończył, bo zgasilem światło. Westchnął i zapadła cisza, a ja już miałem zapaść w sen, gdy doszło do mnie pytanie:

– Pan chrapie?

– Nie.

– Dlaczego?

– Tak się jakoś składa.

– Dziwne, na ogół wszyscy chrapią, a mnie to przeszkadza.

Mam nadwrażliwość słuchu.

– Niestety, nie mogę służyć.

– Jest pan pewny, że pan nie chrapie?

– Najzupełniej. A teraz pan pozwoli, że zasnę, jestem bardzo zmęczony.

Pozwolił. Obudziło mnie ostre światło i szarpanie za ramię.

– Proszę pana, proszę pana!

Ujrzałem jego szpiczasty nos tuż przy mojej twarzy. Wychylony w dół ze swojego posłania, ciągnął mnie za rękaw piżamy.

– Proszę pana, jeżeli pan nie pali, nie chrapie i nie zostawia zapalonego światła, to co pan właściwie robi?

– Chce pan wiedzieć?

– Tak! Coś pan przecież musi robić, tylko jeszcze nie wiem co. To mnie tak niepokoi, że nie mogę spać.

– Duszę.

– Co pan robi?

– Duszę. Gołymi rękami albo za pomocą sznura. Nie słyszał pan o sławnym „Dusicielu z Nocnego Ekspresu”? Kursuje przeważnie na tej linii. Kupuje bilet wagonu sypialnego jako niewinny pasażer, a w nocy dusi. Najchętniej oczywiście wtedy, gdy oprócz niego i ofiary nie ma w przedziale nikogo. To jest zbroceniec, a tym zbroczeniцем jestem ja.

Miałem spokój do rana. Gdy o świcie wyszedłem do toalety, znalazłem go na korytarzu, w płaszczu i z walizką. Przesiedział na walizce całą noc. Na mój widok wstał i wlokąc walizkę za sobą oddalił się na drugi koniec korytarza.

Żal mi się go zrobiło, życie człowieka wrażliwego nie jest łatwe.

Sobre Sławomir Mrożek

Sławomir Mrożek nasceu em 1930, em Borzęcin, uma cidadezinha perto de Cracóvia. Quando o pai, carteiro, foi transferido para Cracóvia, a família se mudou para lá. Mrożek trabalhou inicialmente como cartunista, e estreou como escritor em 1953. Foi autor de dezenas de peças e inúmeros contos. Um traço marcante de sua obra é o fato de os acontecimentos que nela se desenrolam frequentemente beirarem o absurdo. Outro traço marcante de sua obra é o humor muitas vezes incômodo. Na sua primeira peça de teatro publicada, *A Polícia*, de 1958, as pessoas acabam prendendo umas às outras, numa crítica ao regime totalitário da Polônia da época. O fato de sua crítica ao regime político ser sempre indireta lhe permitiu sobreviver. No entanto, em 1963, Mrożek viajou para a Itália com sua mulher e decidiram não mais voltar para a Polônia. Em 1968, mudou-se para a França, vindo a receber a cidadania francesa em 1978. Voltou a morar na Polônia em 1996, mas em 2002 sofreu um AVC e ficou afásico. Sua recuperação foi lenta. Em 2008, voltou para a França, falecendo em 2013 em Nice, onde morava.

Entrevista com Regina Przybycien: Debruçando-se sobre o mistério

Bronislawa Altman Mello

Polonês foi a língua da primeira infância da curitibana Regina Przybycien, nascida de pais poloneses. Dedicada, porém, ao aprendizado do português, ela o silenciou por anos a fio e só veio a estudá-lo com profundidade na maturidade, em um curso na Polônia. Foi então que Regina travou conhecimento com aquela que passaria a ser fonte de descobertas e companhia constante, a poeta polonesa Wislawa Szymborska. O encantamento foi tamanho que transbordou e ansiou ser compartilhado: quando Regina deu por si, já havia traduzido quarenta poemas da Nobel de Literatura, número que logo se ampliou para mais de cem, para nossa alegria. Generosa, culta, espirituosa, didática, Regina fala sobre seu começo na tradução e sobre as negociações indispensáveis entre as duas línguas que a constituem, para fazer com que os ‘versos crocantes e estaladiços’ da primeira ecoem na segunda, ainda que um tanto ‘adocicados e melódicos’. Tudo isso e muito mais está na entrevista a seguir, dada entre os fins de março e o começo de abril deste ano de 2017.

Fale-nos um pouco da sua trajetória, especialmente sobre o que a levou para a literatura e para a tradução.

Sempre gostei de literatura. Quando adolescente devorava quaisquer livros que me caíssem nas mãos. (Na minha casa não havia livros – emprestava-os principalmente da Biblioteca Pública.) Lia romances cor-de-rosa de M. Delly, gibis que meu irmão colecionava, Júlio Verne, Monteiro Lobato, Érico Veríssimo e também clássicos da literatura mundial que havia na biblioteca do meu colégio, como Dostoiévski, Turguéniev, Dumas e Dickens. Poesia eu lia menos, mas tinha

um caderno no qual copiava alguns poemas favoritos. Lembro-me de Augusto dos Anjos, Alphonsus de Guimarães, Cecília Meireles, umas traduções de Edgar Allan Poe e Pablo Neruda. Poesia modernista brasileira só fui descobrir mais tarde.

A leitura de autores como Edgar Allan Poe, Ernest Hemingway, F. Scott Fitzgerald, Mark Twain, John Steinbeck e o fascínio pela música norte-americana me levaram a escolher o curso de Letras Português-Inglês na faculdade. Fiz o mestrado na Louisiana State University porque admirava os autores do sul dos Estados Unidos, sobretudo William Faulkner e Tennessee Williams. O doutorado, na UFMG, já foi direcionado para a poesia. Pesquisei a obra de Elizabeth Bishop. Dei aulas numa escola de inglês até fazer concurso para professora de literaturas de expressão inglesa na Universidade Federal de Ouro Preto. Após nove anos, fui transferida para a Universidade Federal do Paraná num momento em que esta instituição principiava a fazer acordos com universidades polonesas. Por ser descendente de poloneses me nomearam coordenadora do curso de extensão de polonês do Centro de Línguas e me envolveram nas negociações de acordos com a Polônia.

Eu não falava polonês, língua da minha primeira infância, havia mais de quarenta anos. O envolvimento com questões polonesas e certa vergonha de não falar a língua dos meus pais me fizeram decidir aprendê-la. Fiz um curso intensivo de polonês para estrangeiros na Universidade Jagielônica de Cracóvia em 1996, ano em que Wisława Szymborska ganhou o prêmio Nobel. As professoras do curso nos apresentaram alguns poemas que me fascinaram. Comecei a lê-los primeiro com a ajuda das traduções para o inglês. Mais tarde passei a traduzir alguns poemas favoritos como exercícios de leitura, para mim mesma. Essa atividade, que levou anos, resultou em uns quarenta e poucos poemas. Ao mostrar algumas dessas traduções para conhecidos, eles me aconselharam a publicá-las. Entrei em contato com a Cia. das Letras, que aceitou imediatamente publicar uma coletânea. Assim se deu minha estreia como tradutora, ofício que nunca pensara em exercer. Antes havia traduzido contos do inglês, mas nunca me ocorreu publicá-los. No Brasil há tradutores excelentes desse idioma, assim minha contribuição nunca me pareceu necessária. Já traduções do polonês eram raras, muitas delas de segunda mão, a partir do francês ou do inglês. O que me levou a publicar as traduções de Szymborska foi o desejo de tornar conhecida entre os apreciadores de poesia no Brasil uma grande poeta que aprendi a admirar incondicionalmente.

Há pouco comentei com amigos poloneses que Wisława Szymborska é bem popular entre os amantes de poesia no Brasil. Ficaram muito surpresos. Porém é um fato comprovado, o qual

se deve em grande parte ao seu trabalho e à divulgação de suas traduções pelas redes sociais. É gratificante para o tradutor ou é uma grande responsabilidade?

Szyborska já havia sido traduzida para dezenas de idiomas e eu sabia do enorme sucesso de seus livros na Itália, onde viraram *best sellers*, em parte graças às excelentes traduções de Pietro Marchesani. Tinha esperança de que minhas traduções fossem bem acolhidas, mas a grande repercussão do livro *Poemas* (2011) entre o público e os críticos brasileiros me surpreendeu. Nunca imaginei que meus poemas favoritos fossem cair no gosto de tantas pessoas. Vários poetas e críticos fizeram resenhas positivas em jornais e revistas. Leitores passaram a fazer comentários e reproduzir os poemas nas redes sociais e recebi mensagens pedindo que traduzisse mais. A editora me consultou sobre a possibilidade de traduzir mais poemas para uma segunda coletânea, que foi publicada em 2016 com o título *Um amor feliz*. O livro foi escolhido como melhor tradução de 2016 pela APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte).

Ainda não me acostumei com toda essa repercussão e confesso que tenho sentimentos dúbios quanto às redes sociais. Por um lado, é gratificante constatar que Szyborska se tornou conhecida e apreciada no Brasil e saber que meu trabalho de tradução contribuiu para isso. Por outro, as redes sociais são como um território selvagem onde vale tudo. Nas vezes em que dei uma olhada nos poemas reproduzidos nesse meio me incomodaram a sem-cerimônia com que palavras às vezes são modificadas e a quantidade de erros de digitação cometidos.

Quais características da língua polonesa ofereceram maiores dificuldades para a tradução para o português?

São línguas muito diferentes. Creio que as maiores dificuldades são os casos e o aspecto verbal. O polonês é uma língua declinável e possui sete casos. Substantivos, adjetivos, pronomes, numerais, todos declinam – um pesadelo para os falantes de línguas não declináveis! Quanto aos verbos, o sistema temporal em polonês é mais simples do que o português, com formas que indicam presente, passado e futuro. Extremamente complexa, porém, é a forma de marcar o aspecto verbal, que indica se uma ação iniciada terminou ou não. No português, indica-se o aspecto verbal com o uso de tempos específicos (por exemplo, um tempo passado perfeito e um tempo passado imperfeito). Além disso, a sua marcação depende, mais do que em polonês, do emprego de verbos auxiliares (como estar, começar,

continuar, terminar) ou de locuções adverbiais que trazem uma nova informação semântica ao verbo a elas relacionado. No polonês, muitos verbos formam pares aspectuais: um verbo imperfectivo (para ação não concluída) e outro perfectivo (para ação concluída), formados geralmente por afixos, mas algumas vezes por verbos diferentes. Veja-se o tamanho do problema que se apresenta para a tradução no seguinte exemplo:

W najlepszym razie
 będziesz, mój wierszu, uważnie *czytany*,
komentowany i *zapamiętany*.

W gorszym przypadku
 tylko *przeczytany*.¹

Na minha tradução:

Na melhor das hipóteses,
 meu poema, você será *lido* atentamente,
comentado e lembrado.

Na pior das hipóteses
 somente *lido*.²

Na primeira estrofe, os verbos *czytać* (ler) e *komentować* (comentar) são verbos imperfectivos que indicam a ação de leitura e comentário sem marcar os limites temporais dessa ação. Já o verbo *zapamiętać* (lembrar) é perfectivo e indica a conclusão da ação. O foco está no processo de ler e comentar, e não no seu resultado; pode-se interpretar que o poema será lido e comentado mais de uma vez e fixado na memória. Na segunda estrofe o verbo *przeczytać*, perfectivo, informa que a ação é realizada uma única vez e concluída. O foco está no resultado. O leitor leu até o fim, fechou o livro e acabou a relação dele com o poema. No português

1 SZYMBORSKA, W. Do własnego wiersza. *Um amor feliz*. São Paulo, Cia. das Letras, 2016, p. 314.

2 SZYMBORSKA, W. Para o meu próprio poema. _____, p. 315. As outras referências à obra da poeta terão a página indicada no texto.

não há como reproduzir esse contraste aspectual sem recorrer a locuções verbais ou adverbiais que encompridem demasiado o verso. E sem elas as ações ficam imprecisas na tradução.

Alguns tradutores, ao começar a tradução de um poema, fazem inicialmente uma metáfrase de todo ele, enquanto outros focam no elemento mais instigante. Como é sua estratégia como tradutora? Adota um esquema de etapas a ser seguido, ou algo assim?

Faço várias leituras destacando o que não entendo e marcando detalhes como rimas, aliterações, imagens. Nessas leituras vou traduzindo mentalmente o poema, tentando sentir as palavras, o ritmo. No primeiro rascunho que escrevo já vou trabalhando a forma, deixando no original as palavras, expressões ou versos para os quais não encontro uma solução no momento. Coloco na margem diferentes opções de tradução para examinar depois. Nas revisões, vou burilando o poema diminuindo aos poucos as “pedras” – aquelas partes que resistem à tradução. Às vezes todo o poema flui, com exceção de uma única palavra ou expressão. Já aconteceu de levar muito tempo buscando uma solução satisfatória e não encontrá-la. Então, conforme o caso, descarto o poema ou me conformo com um resultado talvez não totalmente ruim, mas não tão bom.

Ser tradutor é saber conviver com a inevitável perda. Cotejando original e tradução, observei algumas alterações no tempo verbal e nas categorias gramaticais, assim como algumas adições e inversões nas frases. Poderia discorrer um pouco sobre isso? Quais são as perdas mais importantes na tradução do polonês para o português? Seriam no âmbito fonético, da sonoridade, das assonâncias, da prosódia? Qual é sua reação a cada poema traduzido?

Chamamos de perdas as alterações inevitáveis na passagem de uma língua para outra. Talvez devêssemos chamá-las de transformações porque perda significa empobrecimento. Existe uma convicção arraigada de que poesia é intraduzível e, no entanto, desde os primórdios da civilização ela é traduzida. Não teríamos acesso às grandes obras da humanidade se não houvesse traduções. Dito isso, as transformações pelas quais passa um poema ao ser vertido do polonês para o português são grandes devido às características próprias dessas línguas.

No nível sonoro, a língua polonesa possui uma quantidade enorme de encontros consonantais, fazendo com que no verso as aliterações sejam o recurso mais comum. Já no português a predominância de vogais torna quase inevitáveis

as assonâncias. Lembro-me de um comentário de Elizabeth Bishop para Robert Lowell sobre a musicalidade natural das línguas latinas: “Oh, essas adocicadas línguas latinas com todas essas assonâncias...”³ Também na prosódia temos diferenças significativas. Ao contrário do português, no polonês a acentuação segue um padrão fixo. Todas as palavras são paroxítonas, (com exceção de algumas palavras proparoxítonas de origem estrangeira e na conjugação de verbos como, por exemplo, a primeira e segunda pessoa do plural do passado). Essa característica imprime uma cadência regular aos versos.

No nível morfológico e sintático também há grandes diferenças. Em polonês é possível formar adjetivos de uma imensa quantidade de substantivos e verbos. Em português essa capacidade é muito mais limitada, sendo frequentes as locuções adjetivas; por exemplo, *dom drewniany* só pode ser traduzido com uma locução: *casa de madeira*. Como nas outras línguas eslavas (menos o búlgaro e macedônio), a língua polonesa não tem artigo. Sendo uma língua declinável, é mais sintética e também permite uma série de inversões sintáticas sem prejuízo do significado. Na tradução, várias transformações são necessárias para não encompridar demasiado o verso e para que a dicção soe natural em português.

Wisława Szymborska escreveu dois poemas com o nome ‘Funeral’, mas um deles parece representar o sepultamento de suas antigas ideias políticas: ela critica a idolatria aos líderes comunistas, quando antes havia escrito poemas panfletários enaltecendo esses mesmos líderes. O poder oferece medalhas para ‘acalantar’ o povo. A frase ‘entre eles e o povo’ exprime a separação entre o poder e a população.

O fato de ter nascido no Brasil e de não ter vivido na Polônia dificultou a sua compreensão de poemas dedicados a certos fatos e momentos históricos da Polônia, como é o caso dos poemas ‘Ainda’, ‘Funeral’, ‘Campo da Fome em Jaslo’ e ‘Inocência’?

Até 1996, ano em que morei na Polônia pela primeira vez, meus conhecimentos da história da Polônia se limitavam aos episódios que se inserem no contexto mais amplo da história da Europa, como por exemplo a partilha da Polônia entre os impérios vizinhos no final do século XVIII, a Segunda Guerra Mundial, o holocausto, o Movimento Solidariedade e a história do Papa João Paulo II. Para um conhecimento mais amplo da história polonesa foi fundamental aprender a língua

3 Carta a Robert Lowell, 4 abr.1962, in Przybycien, R. *Feijão preto e diamantes: O Brasil na obra de Elizabeth Bishop*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p. 161.

para poder ler no original obras não traduzidas. Mais recentemente, os seis anos em que lecionei literatura brasileira na Universidade Jagielônica de Cracóvia me deram a oportunidade de conhecer melhor aspectos da história e da cultura do país.

As alusões nos poemas acima citados não foram difíceis de entender por tratarem (com exceção de “Funeral”) de acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Mais difícil foi perceber, por exemplo, a relação bem menos evidente entre o tom sombrio de vários poemas dos anos 1980 e a decretação da lei marcial e do estado de exceção na Polônia que acabou com as esperanças trazidas pelo Movimento Solidariedade de se libertar da esfera soviética e instituir a democracia. Veja, por exemplo, os poemas “Filhos da época”, “Torturas” e “Opinião sobre a pornografia” no livro *Poemas*.

É claro que, por eu ter nascido e vivido fora da Polônia toda a minha vida, muitas coisas me escapam, por isso foi fundamental, nas revisões da tradução, ter a ajuda de falantes nativos que conhecem bem sua língua, história e literatura. Sem eles meu trabalho teria ficado bem mais pobre.

Há várias ocorrências de domesticação muito bem fundamentadas no excelente prefácio ao volume Um Amor Feliz: por exemplo, no poema ‘Elogio à Irmã’, ‘choc to brzmni jak utwór Adama Macedonskiego’ traduzido por ‘embora isso soe repetitivo como uma litania’; ou no poema ‘Mapa’, a expressão idiomática ‘cisza jak makiem zasiał’, traduzida por ‘como poeira assentou o silêncio’, ou ainda no poema ‘Metafísica’, o prato típico ‘kluski ze skwarkami’ traduzido como o tradicional prato brasileiro ‘arroz com feijão’. Porém, no poema ‘De uma expedição não realizada ao Himalaia’, a expressão ‘Jest czerwone jabłuszko przekrojone na krzyż’ [maçãzinha vermelha cortada em cruz] sofreu uma alteração radical para ‘tem rosa amarela tão formosa, tão bela’. Qual é o motivo?

As domesticações que tomei a liberdade de fazer são de tipos diversos. Primeiro, há elementos da cultura de partida que são obscuros para o leitor da tradução – como no poema “Elogio à irmã”, a referência ao poeta Adam Macedoński, cuja poesia é bastante repetitiva. Optei por “litania” na tradução para dar a ideia de repetição, já que o nome do poeta não diz nada ao leitor brasileiro.

Uma solução mais radical ocorreu no poema “Recital da autora” (*Poemas*, p. 32), começando pelo título. “Wieczór autorski” significa tanto “noite do autor” como “noite da autora”. Ao traduzi-lo como “Recital da autora”, feminizei o eu lírico. (Não penso que seja um problema já que em vários outros poemas há marcas que indicam uma voz feminina.) Em um dos versos, no original polonês o eu

lírico afirma que ser poeta é ver-se condenado à pena de *ciężkie norwidy*. Cyprian Norwid foi um poeta romântico que escreveu versos muito complexos e teve uma vida difícil, sem o reconhecimento de sua arte. Szyborska brinca com o nome de Norwid, transformando-o num substantivo comum. A tradução literal seria “estar condenado a norwids forçados” que faz um jogo com a expressão “estar condenado a duras penas” ou “a trabalhos forçados”. Fiz um deslocamento radical ao transformar Norwid em Florbela Espanca. Em português o verso ficou: “estar condenado a duras florbelas”. Eu poderia ter mantido a referência a Norwid sem prejuízo do verso, mas gostei de brincar com essa transposição cultural e acho que em “duras florbelas” a sonoridade ficou boa.

Outro tipo de transposição são as referências a elementos como a comida. No poema “Metafísica” a voz lírica encerra a reflexão filosófica com uma referência a um prato da cozinha polonesa: “kluski ze skwarkami. “Kluski” são um tipo de pasta mais grosseira, geralmente feita em casa, e “skwarki” são torresminhos. Não há em português uma palavra que traduza “kluski” exatamente, portanto, uma tradução mais próxima já exigiria uma adaptação. Como a ideia do poema é o contraste entre a metafísica e esse prato tão corriqueiro, optei por uma tradução cultural, substituindo-o pelo arroz com feijão. Fiz algo semelhante em “Alguns gostam de poesia” (*Poemas*, p.91). Neste poema o prato mencionado é “rosól z makaronem”, um caldo de galinha ao qual se acrescenta um macarrão fininho cozido separadamente. É uma comida simples, do dia-a-dia. Como no exemplo acima, o que importa é o contraste, neste caso, da poesia com as coisas triviais. Assim, “rosól z makaronem” virou canja de galinha.

Szyborska também faz referências a provérbios, adágios, canções populares. No poema “De uma expedição não realizada ao Himalaia” o eu lírico menciona um verso de uma canção folclórica: “czerwone jabłuszko przekrojone na krzyż” (“maçãzinha vermelha cortada em cruz”). O leitor polonês reconhece a referência porque faz parte do seu repertório cultural, ao passo que para o leitor estrangeiro ela se perde. Por isso procurei uma canção brasileira que pudesse trazer para o leitor daqui uma ressonância semelhante. Encontrei no cancionário coletado por Villa Lobos a canção folclórica “Rosa amarela” que de quebra me deu uma boa rima: “tem rosa amarela, / tão formosa, tão bela” – uma licença poética da qual não me arrependo.

A última estrofe do poema ‘Metafísica’ me trouxe à lembrança um trecho do famoso poema de Fernando Pessoa, ‘A Tabacaria’: ‘Come chocolates, pequena; Come chocolates! Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates’ e o poema ‘Tem aqueles que’ faz lembrar o ‘Poema

em linha reta' pelo modo de olhar as atitudes de seus semelhantes. Diria que não se trata de influência, mas de confluência de ideias? Qual é a sua opinião?

São interessantes essas associações. Várias pessoas comentaram comigo que veem semelhanças entre alguns poemas de Szyborska e de Carlos Drummond de Andrade. Outras disseram que a coloquialidade da linguagem lembra a de Manuel Bandeira. É certo que existe confluência de ideias entre poetas de culturas diferentes porque a arte não está desvinculada de seu tempo e os modos de ver o mundo e as linguagens às vezes convergem. Por isso é possível ler reverberações de Pessoa em Szyborska. Mas também de Drummond e quicá de outros poetas.

A primeira tradução polonesa de “Tabacaria” de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, foi publicada em 2002, portanto é possível que Szyborska a tenha lido, mas não acredito em influência. No poema pessoano, o eu lírico, dividido entre as aspirações metafísicas e o mundo real que se apresenta a seus olhos na figura da menina que come chocolates e no homem da tabacaria, tem uma visão desencantada e niilista de si e do mundo. Inveja a inocência da menina e o “Esteves sem metafísica” que sai da tabacaria, mas sabe que nunca será como eles.

No poema “Metafísica”, Szyborska fala da transitoriedade de todas as coisas: tudo passa, “até isso de hoje você ter comido arroz com feijão”. Essa intrusão do corriqueiro que quebra as especulações filosóficas, como vimos, também está presente em “Tabacaria”, mas se atentarmos bem, Szyborska utiliza esse recurso em quase todos os poemas: ela os encerra com uma frase que esvazia o conteúdo elevado que vinha desenvolvendo causando um efeito irônico.

Como em muita poesia do século XX, nos poemas de Álvaro de Campos o eu lírico fala de si, tem uma consciência exacerbada da ferida narcísica, da sua separação do mundo. Ele é o homem moderno: inadequado, angustiado, melancólico. Já a poesia de Szyborska é menos centrada em si e mais no mundo. A voz lírica observa o micro e o macrocosmo, deslumbrando-se com seus mistérios. Mas é uma voz lúcida. Nela se misturam “o encantamento e o desespero”. (“Céu”, p. 188)

Na língua polonesa, assim como em muitos outros idiomas, alguns tempos verbais identificam o gênero da pessoa em questão. No poema ‘ABC’, os verbos no passado identificam o gênero dos diversos personagens. Isso infelizmente se perde na tradução. Esse tipo de problema aparece com frequência? A propósito, no poema ‘Uma ideia’ aparece o pronome pessoal ‘on’ [ele], mas a sua opção foi utilizar o pronome feminino. Por quê?

Este é um problema que diz respeito às características próprias das línguas. Nas línguas eslavas alguns tempos verbais têm uma forma masculina e outra feminina, deixando claro na enunciação o gênero do sujeito que fala. Essa característica se perde na tradução. Não seria possível reproduzi-la sem criar alguma esquisitice que os poemas de Szymborska não têm.

Quanto ao poema “Uma ideia”, a palavra “pomysl” no original é masculina e conseqüentemente o eu lírico dialoga com “ele” ao longo do poema. A mudança de gênero no português é inevitável, já que a melhor tradução de “pomysl” é mesmo “ideia”. Seria possível pensar em outras soluções, mas elas exigiriam malabarismos linguísticos que se distanciariam dos versos claros de Szymborska. Palavras têm gênero diferente nas línguas. A tradução de “la mer” do francês ou “la sangre” do espanhol, por exemplo, traz o mesmo tipo de problema já que no português são palavras masculinas.

A grafia da letra ‘u’ ou ‘ó’ é uma pedra no sapato de qualquer polonês médio. A poeta resolveu brincar com esse drama no ‘Prólogo a uma comédia’, dizendo: ‘cultivava róże (rosas) com simples u (grafia errada)’. A sua solução <cultivava rosas com ‘z’> resolveu o dilema. Foi um insight imediato ou custou-lhe algum tempo? Aliás, como lidar com essa questão do tempo na tradução de poesia? Há traduções que ficam longamente engavetadas à espera de alguma solução que tarda a vir?

Neste caso da grafia de rosas com “z”, a solução já havia sido utilizada na tradução inglesa de Barańczak e Cavanagh e na tradução italiana de Marchesani. Roubei-lhes a ideia porque dificilmente seria possível criar outra melhor. Já algumas expressões idiomáticas e provérbios ressignificados por Szymborska nos poemas me deram muita dor de cabeça e levei muito tempo para encontrar soluções nem sempre satisfatórias.

Dou um exemplo: em polonês existe o provérbio “szkoda czasu i atlasu”. Uma tradução literal seria “não vale a pena gastar tempo e cetim”. A enciclopédia PWN esclarece que a origem do provérbio se deve a uma declaração do rei da Polônia Estanislau Augusto. Ao receber, na sua coroação, o panegírico de um mau poeta escrito num pano de cetim branco, o rei teria proferido essas palavras. Não seria difícil encontrar provérbios portugueses equivalentes (uma tradução possível seria “perder o tempo e o latim”), mas nada é tão simples quando se trata de Szymborska. No poema sem título que começa com o verso “Estou perto demais para ele sonhar comigo”, a voz lírica (feminina, como indicam os adjetivos e os verbos) lamenta a indiferença do amado que dorme a seu lado.

Bienda,
ograniczona do własnej postaci,
a byłam brzoza, a byłam jaszczurka,
a *wychodziłam z czasów i atlasów*
mieniać się kolorami skór. (p. 98)

Na minha tradução:

Pobre de mim,
limitada à minha própria forma,
eu que fui bétula, que fui lagartixa,
e largava os anos e panos
cambiando as cores das peles. (p. 99)

Como em vários poemas szymborskianos, o tema da evolução das espécies aparece ligado a um filosofar sobre a condição humana. O eu lírico compara sua forma atual às transformações pelas quais passou na evolução. O provérbio no poema sofreu uma transformação sintática e semântica: está no genitivo plural, significando literalmente “saía dos tempos e dos cetins”. Minha solução foi tentar me aproximar desse sentido literal buscando ao mesmo tempo manter a rima. Não fiquei muito satisfeita com o resultado, mas foi o melhor que consegui depois de várias tentativas.

O que deve ser evitado numa tradução poética?

Não existe receita para uma boa tradução poética. Há boas traduções estrangeirizadoras, que procuram aproximar o poema da língua e da cultura de partida. Esse tipo de abordagem visa abrir novos horizontes para o leitor, mostrar-lhe coisas que desconhece. Em algumas dessas traduções utiliza-se o recurso de notas de rodapé para explicar pontos obscuros. Por outro lado, há traduções domesticadoras extremamente criativas, geniais até, como algumas recriações dos irmãos Campos.

Só posso falar das minhas opções de tradução. Não utilizo notas de rodapé nem longos posfácios para esclarecer ou justificar cada item que apresenta dificuldades. Esse tipo de recurso é ótimo para professores e estudantes de literatura e especialistas em tradução, mas não serve para o público leitor que aprecia poesia

e só quer sentir um prazer lúdico na leitura. Por outro lado, também não recrio o poema de tal forma que adquira uma existência própria, primeiro porque não sou poeta e não saberia fazê-lo e segundo porque julgo importante manter uma relação com o sentido do original. Procuo observar o tom e recriar, na medida do possível, o esquema de rimas e a extensão dos versos. Acho que minhas soluções ficam no meio do caminho.

Com delicadeza, sensibilidade e humor, Wisława Szymborska vai penetrando no cotidiano, vasculhando as profundezas da alma humana, ora maravilhada com o mistério do universo, ora angustiada pela finitude e brevidade da nossa existência. Palavras dela, ao terminar o poema 'Céu': 'meus sinais particulares são o encantamento e o desespero'. A linguagem dela nunca é banal ou estereotipada e é a sua eloquência sutil que atrai o leitor. Chama a atenção o que alguns poetas e tradutores dizem dos poemas dela:

"São enganosamente simples". "A tradução deles foi como lapidação de diamantes" – Piotr Kaminski (tradutor para o francês)

"Ela mudou a minha visão do mundo, das coisas, até mesmo de um simples botão: possuía um dom que se revelava ao mesmo tempo pela grandeza e pela modéstia" – Claire Cavanagh (tradutora para o inglês)

"Sua poesia é compreensível em todos os idiomas. É uma poesia feita para ser traduzida, pois penetra nas situações humanas cheia de humor e ao mesmo tempo, de reflexão filosófica" – Piotr Wojciechowski

"Quando você captar a entonação dela, a calorosa ironia, aí então conseguirá reproduzir a melodia de seus versos" – Rafi Weichert (tradutor para o hebraico)

Concorda com essas afirmações ou faria algum reparo nelas? O que Regina Przybycien gostaria de acrescentar depois de ter traduzido dezenas de poemas de Wisława Szymborska para o português?

Concordo com todas as afirmações porque há uma Szymborska para cada leitor. A sua poesia alcança um grande número de leitores em todo o mundo porque fala dos grandes temas que nos encantam ou assombram e o faz de maneira inusitada, surpreendente. A poeta se debruça sobre o mistério presente numa pedra, num grão de areia, num micróbio ou na vastidão do cosmo, reflete sobre a história humana e a história do planeta ou tece comentários sobre o cotidiano, sempre com lucidez e modéstia, numa linguagem clara, concisa, sem hermetismo. Seu humor sem acidez consegue mitigar mesmo os temas mais horríveis. Para além dessas considerações, sua poesia tem um significado muito pessoal para mim. Foi nela que reconheci as sonoridades da língua perdida na minha infância, língua

materna, que cedo foi substituída pelo português. Traduzi-la foi um processo visceral que envolveu bem mais que o intelecto: foi uma negociação entre as duas línguas que me constituíram.

Colaboradores

Aleksandar Jovanović é professor da Universidade de São Paulo, doutor em Linguística e Semiótica, tradutor de algumas línguas da Europa Central e ensaísta. Publicou, dentre outros, *Descubra a Linguística* (São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1987); *Poesia Iugoslava Contemporânea* (São Paulo, Meca, 1987); *Ossos a Ossos* (São Paulo, Perspectiva: Editora da USP, 1989); *À Sombra do Quarto Crescente. Notas sobre História e Cultura da Europa Centro-Oriental*. (São Paulo, Hucitec, 1995); *Céu Vazio – 63 poetas eslavos* (São Paulo, Hucitec, 1996); *Bosque da Maldição* (Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003); *Caracol estrelado: poesia sérvia contemporânea da segunda metade do século XX*. In: *Poesia Sempre*. (Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008 p. 9-80). Traduziu obras de Ivo Ándritch, Vasko Popa, Miodrag Pávlovitch, Milorad Pávitch, István Örkény, Karel Čapek, Ivan Klíma, entre outros autores.

Bronislawa Altman Mello é formada em Letras Anglo-Germânicas pela USP. Fez Tradução na Alumno e Especialização em Tradução na USP. Polonesa naturalizada brasileira, ela traduz do polonês e do inglês e dedica-se a traduções técnicas e literárias. Para a editora Biruta já traduziu *O tamanbo do meu sonho*, de Przemyslaw Wechterowicz e *O Porquinho Cor-de-rosa*, de Marcin Brykczynski.

Claudia Santana Martins é mestre e doutora em Letras na área de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês e Bacharel em Letras (Língua Francesa) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Atualmente é pós-doutoranda em Estudos da Tradução, pela mesma faculdade. É tradutora do francês e do inglês para o português, com vasta experiência no mercado editorial, tendo traduzido livros de diversas áreas, como literatura, artes, história, sociologia, filosofia, matemática e ciência da computação.

Gabriel Borowski é doutor em Letras pela Universidade Jaguelônica em Cracóvia, na Polônia, com a tese “A autonarrativa ficcional no Brasil: identidade moderna

e cultura auditiva (o caso Machado de Assis)”. Possui também Pós-Graduação em Tradução Literária pela mesma universidade. Desde a graduação dedica-se às Letras Lusófonas e aos Estudos de Tradução. Atualmente realiza projetos de pesquisa sobre o conceito de transcrição de Haroldo de Campos e a recepção da literatura brasileira na Polônia, entre outros. É docente no Departamento de Português e Estudos de Tradução da UJ.

Henryk Siewierski é professor do Departamento de Teoria Literária e Literatura e da Pós-Graduação em Literatura da UnB. Foi editor da revista *Aproximações. Europa de Leste em Língua Portuguesa* e da coleção *Poetas do Mundo* (Editora UnB). Publicou livros de ensaio, poesia, e traduziu obras de autores poloneses e brasileiros. No início dos anos 80, quando saiu da Polônia para dar aulas na Universidade de Lisboa, percebeu a grande ausência de publicações de autores do outro lado da cortina de ferro, começando então o projeto da revista *Aproximações*, cuja publicação continuou quando veio para o Brasil. O objetivo da revista era dar voz aos autores daquela “outra Europa”, através da tradução de suas obras, bem como à história e a cultura daqueles países.

Kinga Klaudy (em húngaro Klaudy Kinga) é professora da Universidade Eötvös Loránd, em Budapeste, e atua nas áreas de Pragmática, Análise de Discurso e Filologia. Tem farta lista de publicações desde 1987 na área da tradução como, por exemplo, *Translations Studies in Hungary*, 1996, editado em conjunto com José Lambert e, em 1997, editado com J. Kohn, *Proceedings of the 2nd International Conference on Current Trends in Studies in Translation and Interpreting*. Foi editora de *Fordítás és Tomácsolás – A Harmadik Évezred Elejé* [Tradução e Interpretação – Início do 3º milênio] publicado em 2013 pela editora da Universidade Eötvös Loránd, em que aparece como professora e chefe da cadeira de russo, além de Diretora do Programa de Pós Graduação de Tradução entre 2003 e 2013.

Marilena Vizentin é Bacharel e Licenciada em História e Mestre em História Econômica, área de Economia e Sociedade no Mundo Antigo, pela FFLCH-USP. Atualmente atua como Editora no Departamento de Produção Editorial da Editora da Universidade de São Paulo (Edusp). É preparadora e revisora de textos da área de Ciências Humanas e tem experiência como organizadora de coleções temáticas e livros bilíngues. É autora do livro *Imagens do Poder em Sêneca*, publicado pela Ateliê Editorial.

Paulo Chagas de Souza é professor no Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Sua pesquisa tem como foco principal a fonologia e a morfologia. Já teve três traduções de romances publicadas: *A Cidade dos Vidros*, de Arnaldur Indridason, traduzida do islandês (2008); *Primavera*, de Oskar Luts, traduzido do estoniano (2014); e *Um Homem Chamado Ove*, traduzido do sueco (2015).

Paulo Schiller é pediatra, psicanalista e tradutor do húngaro, do inglês e do francês. Do **húngaro**, traduziu obras de Sándor Márai, como *Confissões de um Burguês*, *De Verdade*, *O legado de Eszter*, *Libertação*, *Rebeldes*, *Veredicto de Canudos*; de Ferenc Molnár – autor do aclamado *Os Meninos da Rua Paulo* –, *O poste de Vapor*; de Imre Kertész – Nobel de Literatura de 2002 –, *A língua exilada*, *Liquidação* e de Péter Esterházi – convidado da FLIP 2011 –, *Os Verbos Auxiliares do Coração*, *Uma Mulher*; do **inglês**, obras de Nicole Krauss, Nuruddin Farah, Jed Rubenfeld e Israel Rosenfield. Pela tradução de *O legado de Eszter* (Companhia das Letras), de Sándor Márai, recebeu o prêmio APCA de tradução em 2001. Com a tradução de *O companheiro de viagem* (Cosac Naify), de Gyula Krúdy, foi finalista do prêmio Jabuti em 2002. Escreve resenhas literárias para os jornais O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo.

Regina Przybycien é graduada em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mestra em Inglês pela Louisiana State University e doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. De 1984 a 1993 foi professora de Literatura Americana na Universidade Federal de Ouro Preto. Transferida para a Universidade Federal do Paraná, lecionou Literaturas de Expressão Inglesa de 1993 a 1998 e Literatura Comparada até 2010. Coordenou o Curso de Extensão de Polonês (1993-2009) e o convênio entre a UFPR e a Universidade Jagielônica de Cracóvia (1995-2000). De 2009 a 2016 foi professora de Literatura Brasileira na Universidade Jagielônica. Organizou e traduziu 130 poemas da Nobel polonesa Wisława Szymborska, publicados nos livros *Poemas* (2011) e *Um amor feliz* (2016), ambos pela Cia. das Letras. É autora da biografia literária *Feijão preto e diamantes – O Brasil na obra de Elizabeth Bishop* (Ed. UFMG, 2015) e organizadora da coletânea de ensaios críticos *Poetas mulheres que pensaram o século XX* (Ed. UFPR, 2008).

Sarolta Kóbori é professora de Língua e Literatura Húngara para Estrangeiros e pesquisadora de cinema. Nascida na Hungria, Sarolta é mestre pela Universidade

Eötvös Loránd, de Budapeste, com a tese *A Situação da Língua e Cultura Húngara em São Paulo*; e mestre em História e Teoria do Cinema (2009). Doutoranda em História do Cinema, ela pesquisa a *Influência do Cinema de Arte Europeu no Cinema Brasileiro*. Contratada pela Universidade de Pécs, Hungria, ela coordena o Curso de Extensão de Língua e Cultura Húngara na FFLCH/USP.

Zsuzsanna Spiry é doutora em Estudos da Tradução pela FFLCH/USP, e mestre e especialista *latu-senso* em tradução, também pela mesma faculdade. Graduou-se em economia em 1980 pela Faculdade de Economia São Luis (SP), profissão que exerceu até se aposentar. É tradutora inglês <> português não só na área econômico-financeira, mas também no campo da yoga, desde os anos 1990. Em 2006, ainda no mestrado, começou a focar seus estudos na obra do intelectual Paulo Rónai, com quem compartilha a nacionalidade húngara. Entre diversas obras, Rónai publicou o livro de ensaios *Escola de Tradutores*, considerado a primeira obra de reflexão crítico-teórica lançada no Brasil na área de Estudos da Tradução. Além de tradutora, Zsuzsanna atualmente dedica-se profissionalmente a ensinar inglês para estrangeiros, atividade que começou há cerca de vinte anos.